

# Caminhar Santa Cecília

Eleonora Aronis



## **Caminhar Santa Cecília**

Trabalho final de graduação pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, realizado por Eleonora Aronis Rainha em 2017, sob orientação do professor Dr. Luis Antônio Jorge.

### Agradeço

a Luís Antônio Jorge pelas orientações inspiradoras;  
a Ângelo Bucci e Guilherme Motta pela participação na banca e leitura deste trabalho;  
a todos os amigos e colegas da FAUUSP pelo companheirismo e motivação ao longo  
de todos os anos, principalmente aos que compartilharam inúmeros trabalhos; Marta  
Bucci, André Ferrari, Pedro Malta, Marcos Saad, Marina Eisenhauer, Luenne  
Albuquerque, Sophia Tomazelli, Diana Nunes, Paco Talocchi, Vitor Endo, Stefano Fiocca,  
Felipe Gallani, Luiza Strauss, Gabriela Deleu, Nicolas Teixeira, Gustavo Wierman, Kim  
de Paula e Paola Ornaghi;  
a Nathalia Navarro pelas trocas fundamentais e pela crítica certeira;  
a Roman Alonso, Helena Ribas, Nara Diniz e Vidal Madriá pela ajuda e apoio em  
momentos fundamentais;  
a Daniel Farfelmaze e Sergio Tempel pela parceria e aprendizagem inigualáveis;  
a Ingrid Kindi pelas conversas e viagens fotográficas;  
a Elena Caldini pelas palavras sábias sempre;  
e a Bruna Cury, Aron Freller e Bruno Mancini por terem iniciado essa caminhada.

*À minha mãe que me ensinou a olhar  
À minha avó que me permitiu imaginar  
E ao meu avô que me levou para caminhar*



*"De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete  
maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas"*

Itálo Calvino  
*Cidades Invisíveis*



## **índice**

08	introdução
12	parte I
52	parte II
156	parte III
206	considerações finais



## *Introdução*

*“O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. A presença física do homem num espaço – e o variar das percepções que daí ele recebe ao atravessá-lo – é uma forma de transformação da paisagem que, embora não deixe sinais tangíveis, modifica culturalmente o significado do espaço e, consequentemente, o espaço em si, transformando-o em lugar”<sup>1</sup>*

*-Francesco Careri*

Desde o começo dos tempos o homem caminha. E, através do caminhar o homem explora e conquista territórios domesticando a paisagem selvagem a sua volta. É possível dizer que, portanto, as cidades se formam como pontos de encontro entre essas rotas de humanos errantes – são nódulos aonde se acumulam os fluxos transeuntes da humanidade.

Porém, com a chegada da industrialização, passou-se a construir cidades sob uma ótica funcionalista, em que, a partir de uma visão global e aérea, os traçados urbanos foram organizados e manipulados para acomodar toda a velocidade e eficiência exigidas pela modernidade. E, é assim que se dá a cidade contemporânea; uma cidade carente de espaços públicos de qualidade, de pontos de abrigo e de possibilidades de encontro – uma cidade que não permite o *tempo lúdico*.

É, portanto, nesse contexto que se propõe um experimento de aproximação da cidade através do caminhar e do olhar subjetivo. Em uma cidade como São Paulo em que as pessoas reivindicam pelo uso de um espaço público praticamente inexistente, busca-se, através do *jogo do caminhar* como proposto por Francesco Careri, do resgate dos ideais situacionistas de deriva e psicogeografia

---

<sup>1</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

e entendendo o ser humano como elemento determinante e constituinte do ambiente<sup>2</sup>, olhar a cidade como corpo presente no espaço; para encontrar, nos seus interstícios, possibilidades de transformação- para que assim, a rua que foi geometricamente definida por um urbanismo funcionalista seja transformada em *lugar* pelos pedestres<sup>3</sup>.

"para a atividade do arquiteto, a cidade é ao mesmo tempo, fonte – o que demanda ações -, alvo – a que as ações se dirigem para transformar – e é também meio – o meio em que as ações operam."<sup>4</sup>

·Angelo Bucci

---

2 LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 34

3 CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano.** São Paulo: VOZES, 2000. p. 202

4 BUCCI, Angelo. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: rg, 2005 p. 14

*"Foi por isso que eu pedi para tomares cuidado quando começastes a ler esse texto, porque eu estou pedindo-te para quebrar a unidade completa do corpo e assumir a incorporação de outro. Para formar outra formação corporal para experimentar o espaço da cidade. E, nesta formação, entender a possibilidade de uma incorporação que também é poética, literária. Uma metamorfose. Essa incorporação do etnógrafo convida à transformação do corpo-leitor em um de seus objetos de estudo. A metamorfosear em um personagem urbano. A resgatar um personagem urbano, poeticamente.<sup>1</sup>*

-The Ragman

---

<sup>1</sup> SILVA, Ricardo Luís. **The incorporation of the ragman-collector, or another possibility of contemporaneous urban space appropriation.** Procurarte.



# **PARTE I**



## **Sobre errâncias urbanas**

"Os errantes são, então, aqueles que realizam errâncias urbanas, experiências urbanas específicas, a experiência errática das cidades. A experiência errática afirma-se como possibilidade de experiência urbana, uma possibilidade de crítica, resistência ou insurgência contra a ideia do empobrecimento, perda ou destruição da experiência a partir da modernidade." <sup>1</sup>

- Paola Jacques



Gravura rupestre Bedolina, cerca de 10000 a.C. Um dos primeiros mapas que representam os sistema de percurso  
*Walkscapes*, 2013

O caminhar pode ser compreendido como a primeira ação do homem sobre o espaço. Portanto, paralela a história tradicional das cidades, normalmente vistas como consequência do sedentarismo e da fixação do homem

---

<sup>1</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012. P.19

no território, é possível traçar um histórico da errância, ou do nomadismo. Não é só o homem sedentário que faz cidade, como normalmente se coloca, mas também faz parte desta construção, da intervenção humana no espaço, o homem que caminha. Ao caminhar o homem ocupa, com seu corpo, a paisagem; e assim, consequentemente, a domestica e a transforma. O homem nômade transpõe barreiras, dissipa e semeia culturas, transporta informações – todas questões essenciais para o mantimento das cidades, senão a razão fundamental de sua existência. A cidade é uma confluência de trajetos; surge como aglomeração do encontro, para a troca com o Outro, que também caminha.

“Escreve-se a história, mas ela sempre foi escrita do ponto de vista dos sedentários, em nome de um aparelho unitário de Estado, pelo menos possível, inclusive quando se falava sobre nômades. O que falta é uma Nomadologia, o contrário de uma história. (...) Os nômades inventaram uma máquina de guerra, contra o aparelho de Estado. Nunca a história compreendeu o nomadismo” - Deleuze e Guattari, 1980<sup>2</sup>

É possível imaginar que a vontade e a necessidade de percorrer o espaço conduzem o homem a transformar o seu entorno. Dessa maneira, pode se dizer que a primeira arquitetura, o *menir*, surge a partir da conquista do espaço



Menir, primeira transformação da paisagem pelo homem, Grã-Bretanha  
IV-III milênio a.C.  
Walkscapes, 2013

<sup>2</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012. p.25

pelo homem através do caminhar.<sup>3</sup> Essa possível primeira arquitetura eram pedras situadas no percurso que representam a primeira transformação da paisagem de um estado natural a um estado artificial, marcos representando o trajeto do homem nômade, a primeira representação da errância. Essa não era uma arquitetura que se colocava como construção física do espaço, mas sim como ocupação simbólica do território; através da errância o homem domesticava o mundo selvagem a sua volta.

Francesco Careri coloca, quando narrando a história de Abel e Caim que –

“o tempo livre, ou seja, *lúdico*, levará Abel a construir um primeiro universo simbólico em torno de si. Da atividade de caminhar através da paisagem para inspecionar o rebanho deriva um primeiro mapeamento do espaço, bem como a atribuição de valores simbólicos e estéticos do território que levará ao nascimento da arquitetura da paisagem. Por isso, já na origem, associam-se ao caminhar tanto a criação artística como o rechaço do trabalho, e eis o porquê da *obra* que se desenvolverá com os dadaístas e com os surrealistas parisienses, uma espécie de preguiça lúdico-contemplativa que está na base da *flânerie* antiartística que permeia o século XX”<sup>4</sup>

Portanto, desde as histórias da antiguidade, o ato de caminhar pode ser compreendido como uma expressão simbólica. “A transumância nômade (...) foi na verdade o desenvolvimento das intermináveis errâncias de caça do paleolítico, cujos significados simbólicos foram traduzidos pelos egípcios no *ka*, o símbolo da eterna errância”<sup>5</sup>. A caminhada sempre foi uma maneira de ocupar o território, de organizar a paisagem e de ir em busca do Outro.

A questão da errância, porém, não permaneceu somente no mundo antigo ou nas comunidades nômades contemporâneas, mas foi recuperada, no

“Antes de erguir o menir (...) o homem possuía uma formula simbólica com a qual transformar a paisagem. Essa forma era o caminhar, uma ação aprendida com fadiga nos primeiros meses da vida e que depois deixa de ser uma ação consciente para tornar-se natural, automática. Foi caminhando que o homem começou a construir a paisagem natural que o circundava. Foi caminhando que, no último século, se formaram algumas categorias com as quais interpretar a paisagem urbanas que nos circundam”

Francesco Careri  
em *Walkscapes*, 2013 p. 27

---

<sup>3</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. p. 52

<sup>4</sup> Ibidem p.36

<sup>5</sup> Ibidem p. 28

mundo moderno, junto com as grandes reformas urbanas do século XIX, como prática estética. A partir do final do século XIX diversos artistas, escritores e pensadores entenderam o caminhar como prática fundamental para seu trabalho, sendo um instrumento essencial para análise e crítica do contexto em que estavam inseridos. Estes errantes modernos “não perambulavam mais pelos campos como os nômades, mas pela própria cidade grande, a metrópole moderna, e recusavam o controle total dos planos urbanísticos modernos. Eles denunciavam direta ou indiretamente os métodos de intervenção dos urbanistas, e defendiam que as ações na cidade não podiam se tornar um monopólio de especialistas.”<sup>6</sup>

Ou seja, estes pensadores, através de fotografias, mapas ou textos, produzidos a partir de suas experiências ao caminhar pelas cidades começaram a entender e a interagir com o espaço da cidade de outra forma, questionando a maneira como estas vinham sendo construídas. Portanto, “o simples ato de andar pela cidade pode assim se tornar uma crítica, direta ou indireta, ao urbanismo enquanto disciplina prática de intervenção nas cidades.”<sup>7</sup>

Paola Bereinstein Jacques coloca em seu texto *Elogio aos Errantes: Breve histórico das Errâncias Urbanas*<sup>8</sup> que o urbanismo enquanto disciplina profissional surgiu no século XIX com o intuito de transformar as antigas cidades, com ruas estreitas dimensionadas para os pedestres, em metrópoles modernas, aptas a receberem o futuro em forma de automóveis, com grandes e retas vias de circulação. E que, em contraponto, o histórico das errâncias urbanas surgiu ao mesmo tempo, como uma crítica a esse urbanismo moderno. Ela portanto, aponta para três momentos do urbanismo moderno e, consequentemente três tempos da errância urbana que ocorreram paralelamente, como crítica, aos diferentes momentos do urbanismo moderno. São estes, o período das **flanâncias**; que criticava a modernização das cidades, de meados do século XIX até o início do século XX; o das **deambulações**, que fez parte e ao mesmo tempo criticou as vanguardas modernas e o movimento moderno, dos anos 1910 a 1959 e o das **derivas**,

---

<sup>6</sup> JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Vitruvius**, [S.L], fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

<sup>7</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 48

<sup>8</sup> Ibidem p. 331

que criticou além do modernismo do pós guerra aos anos 70, os pressupostos básicos dos CIAM's.

O momento das flanâncias surgiu em Paris, com Baudelaire, através da criação da figura do *flâneur*<sup>9</sup>, apesar de não ter sido o primeiro a percorrer as ruas de Paris com esse viés, que já tinham sido narradas por artistas como Honoré de Balzac e Victor Hugo, por exemplo. Os textos de Baudelaire foram escritos na mesma época em que Haussman concretizava as reformas urbanas em Paris, fazendo uma crítica a modernização que apagava a cidade antiga e expulsava os seus moradores, com um discurso sanitário, em uma política que hoje é vista como os primórdios da espetacularização das cidades. É possível dizer, portanto, que a experiência do *flâneur* está diretamente relacionada ao “choque da modernidade”<sup>10</sup>; ou seja, de vivenciar o período em que as cidades antigas - com suas ruas estreitas e sinuosas que, vistas pelos textos dos autores da época, pareciam acolher um dia a dia mais lento e peatonal – davam lugar a cidade grande e modernizada, que se consolidava com outra escala arquitetônica, temporal e de vizinhança/ multidão. Porém, existe uma ambiguidade que se dá no sentido em que os *flâneurs* não pareciam buscar a fuga desse choque moderno, mas sim o seu encontro, eles não se protegiam psicologicamente das mudanças mas buscavam a coincidência com o outro anônimo; eram instigados por esses novos elementos da modernidade, como as multidões, os letreiros, as lojas de departamento, a velocidade de informação dos jornais, etc. – “o *flâneur* busca esse estado em suas flanâncias pela cidade moderna, ao contrário da maioria na multidão, que tende a se proteger da experiência do choque”<sup>11</sup>. Ou seja, para poderem criticar as mudanças que estavam ocorrendo em termos do ritmo de vida, ao invés de se afastarem e se isolarem do centro das atividades, contra a velocidade imposta pela vida moderna, por exemplo, eles escancaravam a questão da necessidade do ócio e da lentidão em meio à própria multidão “Contra a

“É vagabundagem? Talvez.  
Flanar é a distinção de  
perambular com inteligência.  
Nada como o inútil para ser  
artístico. Daí o desocupado  
flaneur ter sempre na mente  
dez mil coisas necessárias,  
imprescindíveis, que podem  
ficar eternamente adiadas”  
João do Rio

em *Elogio aos errantes*, 2004

<sup>9</sup> JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Vitruvius**, [S.L], fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

<sup>10</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012.p.48

<sup>11</sup> Ibidem.p. 49

abertura das grandes avenidas para a circulação rápida e contra a divisão e especialização de trabalho taylorista, por exemplo, ele (o *flâneur*) reage levando tartarugas para passear em suas flanâncias.”<sup>12</sup>

Como a figura do *flâneur* apareceu em um momento de transformação das cidades antigas, não foi só com Baudelaire que ela tomou forma. Também apareceram críticos interessantes em outras cidades que passavam pelo mesmo processo, apesar das relações com a multidão e com o moderno se darem de formas diferentes entre os distintos artistas e cidades. É possível destacar, por exemplo, Edgar Allan Poe em Londres, que explorava as mudanças e a figura do flâneurs através dos seus personagens detetives que percorriam as ruas da capital inglesa, e João do Rio no Rio de Janeiro, que denunciava a violência e a velocidade das transformações urbanas, culturais e sociais que aconteciam na capital, que passava nessa época por uma grande reforma urbana inspirada na que havia sido feita por Haussman em Paris. Mas, independente da localização, a figura do *flâneur* estava sempre investigando e denunciando as transformações urbanas a sua volta “a mais potente experiência sensível do *flâneur*, nas flanâncias, seja por Paris do final do século XIX, seja pelo Rio de Janeiro do início do século XX, seria uma experiência fugaz típica da modernidade, que inauguraria assim a experiência do espaço público metropolitano.”<sup>13</sup>

“Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. A rua era para eles apenas um olinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações. Ora, a rua é muito mais do que isso a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma! A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça. Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhes as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos flâneur e praticar o mais interessante dos esportes: a arte de flanar”

João do Rio  
em *Elogio aos errantes*, 2004

Consequentemente, é possível dizer que os *flâneurs*, como coloca Paola Jacques em seu texto, ao mesmo tempo em que criticavam a modernização das cidades, eram fruto destas.

12 JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012 p. 47

13 Ibidem p. 70

Através da sua permeabilidade no novo tecido urbano e cultural que aparecia com a modernização das cidades o *flâneur* conseguiu escancarar e criticar o seu novo contexto – e essa crítica não foi feita a partir de um distanciamento mas sim de um choque, do encontro tanto com o Outro anônimo desta multidão que se formava, quanto com o Outro marginal que justamente começava a se marginalizar nesta época.

“O *flâneur*, figura que se desenvolve ao mesmo tempo em que as grandes cidades se modernizam, não esconde sua ambiguidade: deixar-se fascinar pela modernização, mas também reagir a ela (...) As flanâncias, esse primeiro momento de nosso histórico errante, seriam então errâncias diretamente relacionadas à experiência corporal do perder-se lenta e voluntariamente no meio da multidão, do se deixar ser engolido pelo anonimato de tantos outros nas calçadas das grandes cidades.”<sup>14</sup>

O segundo momento da história das errâncias colocado por Paola Jacques foi o momento das deambulações aleatórias e das excursões urbanas por lugares banais. É possível dizer que este momento da história das errâncias começou com as visitas a locais corriqueiros realizadas pelo grupo DADA, visitas como um prenúncio das deambulações surrealistas. Esta busca do banal e do cotidiano era um dos motes das explorações dessa época<sup>15</sup>; estes artistas, então, que faziam parte das vanguardas modernas, buscavam denunciar os lugares vistos como banais, resquícios da modernização das cidades, e explorar as novas questões colocadas pela arte moderna – como as descobertas da psicanálise com os surrealistas, e a necessidade de uma arte nacional entre os modernos brasileiros, por exemplo. Para concretar essas críticas eram feitas caminhadas, ou “experiências”, por esses locais; como, por exemplo, uma igreja em Paris e o Morro da Favella no Rio de Janeiro; nessa época foi desenvolvida a ideia de Hasard Objectif, ou experiência física da errância no espaço real urbano<sup>16</sup>. Porém, diferentemente dos *flâneurs* os errantes que fizeram deambulações já não estavam mais em busca somente do choque com as multidões nas ruas, mas interagiam com o Outro através da provocação dessa multidão; eles “de-

---

<sup>14</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012.p. 47 e 73.

<sup>15</sup> Ibidem p. 95.

<sup>16</sup> JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Vitruvius**, [S.L], fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 26 jul. 2016.

voram a multidão, entram nas passagens, se tornam passagens; como o trapeiro, recolhem trapos, sobras, restos da cidade, e se embriagam com a própria fugacidade moderna, com a fugaz-cidade moderna.”<sup>17</sup>

Os surrealistas, de grupos diferentes como o de Breton e o de Bataille exploravam as questões da banalidade de certos aspectos da cidade através de questões psicanalíticas e etnográficas, respectivamente. Os primeiros surrealistas, em suas deambulações, buscavam - ao invés de tornar o desconhecido familiar, como faz a etnografia clássica - o estranho em meio ao cotidiano banal das cidades modernas; ou seja, apontar o quão estranho é aquilo que é visto como cotidiano. “Assim, terminaram por transformar o que a princípio é banal em suprarreal, surreal, sobretudo a partir da ambiguidade e da fugacidade entre o novo e o antigo, entre o modernizado e o antiquado, uma das principais características da experiência urbana moderna.”<sup>18</sup> Os personagens marginais dos *flâneurs* voltam a aparecer com força em uma vontade de desestabilizar e provocar a experiência do cotidiano comum da cidade. Revelava-se que a cidade moderna não era a unidade que queria ser, mas sim uma colagem de elementos exóticos, cheia de dualidades; e, a partir de relatos de suas deambulações por essas situações estranhas das cidades, os surrealistas buscavam escancarar essa sensação.

Essas deambulações em busca do Outro, do estranhamento ao cotidiano e pelos resíduos das cidades podem ser encontradas em obras de artistas como, André Breton - que escreveu o primeiro manifesto surrealista em 1924<sup>19</sup> - e Louis Aragon. Tanto Breton quanto Aragon contribuíram para o surrealismo literário, com personagens marginais que deambulavam pelas ruas de Paris. Através desses personagens, seus autores faziam caminhadas por lugares da cidade com uma ênfase na instigação dos sentidos, em uma descrição que misturava, de certa maneira, realidade e sonho. Nestes relatos, a geografia e os novos elementos da cidade moderna se mesclavam com a psicanálise - que ganhou importância na época com Freud, principalmente - sendo possível distinguir os efeitos do espaço construído no intelecto e nas emoções do usuário da cidade. Além de narrar esses personagens marginais, André Breton também denunciava, em seus

---

<sup>17</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012.p. 131

<sup>18</sup> Ibidem.p. 116

<sup>19</sup> Ibidem p. 118



textos, a velocidade com que a cidade antiga desaparecia para dar lugar a uma cidade moderna, apontando para a obsolescência da novidade, argumentando que o moderno não era permanente<sup>20</sup>. Já na obra de Louis Aragon destacam-se a suas narrativas-mapas pelas passagens de Paris, que, como Breton, denunciavam o desaparecimento do antigo em nome de um moderno que seria obsoleto, e a existência destes personagens marginais à cidade moderna.

No Brasil é possível destacar, como praticantes das deambulações, artistas do movimento moderno, que teve como marco de início a semana da arte moderna de 1922. Se destacam nomes como Mario de Andrade e Flávio de Carvalho. Uma das ideias defendidas por esses artistas era a questão da necessidade de uma arte nacional, de um movimento verdadeiramente Brasileiro. Mas diferente dos regionalistas, por exemplo, o que se propunha era uma apropriação das ideias das vanguardas europeias remodeladas para a cultura brasileira - como colocado por eles, devia-se fazer uma antropofagia dos ideais do movimento moderno europeu assim como os índios canibais haviam feito com os primeiros exploradores europeus que chegaram ao Brasil. E, isso era feito pela valorização e reinterpretação dos elementos verdadeiramente brasileiros; por isso as deambulações pelo Morro da Favela, por exemplo – Neste

<sup>20</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012 p. 122

caso se praticava uma experiência dadaísta em um local repleto de elementos da cultura brasileira. Através de suas deambulações pelo Morro da Favella, Flávio de Carvalho podia compreender mais profundamente os elementos que compunham a cultura brasileira –

“O interesse de Flávio de Carvalho era exatamente provocar a multidão, de forma bem mais ativa que o *flâneur* em suas flanâncias; (em uma procissão) ele a desafia ao andar no sentido contrário da turba de fiéis, com seu desrespeitoso boné na cabeça, e, a partir daí, busca analisar, com base em investigação psicológica, os diferentes comportamentos, tanto daqueles que estavam dentro da procissão quanto dos que estavam somente assistindo à sua passagem.”<sup>21</sup>

Através da análise dos seus relatos é possível perceber a influência surrealista na estética dos seus desenhos, sua observação da multidão em forma de relatos e também na sua experiência corporal com uma atenção aos seus sentidos.

Assim como Flávio de Carvalho, para entender melhor as entranhas da cultura brasileira, Mario de Andrade fez viagens pelo Brasil e pela América Latina como grandes errâncias aonde registrava o que via e o que sentia em forma de textos, mapas e fotografias com o intuito de compreender o Outro - “Os errantes realizam um aproximação entre uma postura etnográfica, ou melhor, antropológica e a cidade; (...) Nota-se que a alteridade, o estrangeiro, o Outro, não está mais somente longe, em sociedades ditas primitivas ou exóticas: pode estar bem próximo, no meio das multidões anônimas, andando pelas ruas das grandes cidades modernas.”<sup>22</sup>

Portanto, assim como o errante das flanâncias, o errante das deambulações busca denunciar as mudanças impostas pela construção das cidades modernas – que excluem aqueles que não pertencem a *máquina* da nova sociedade e que apaga os vestígios da cidade antiga, mais lenta e acolhedora. Porém, diferente dos *flâneurs* que buscavam o choque com essa nova multidão, os deambulantes, tanto os surrealistas quanto os antropófagos, buscavam entender o Outro e as diferentes partes que compunham a cidade através de experiências e críticas regadas pelo fascínio com o cotidiano banal e pelas transformações que aconteciam na cidade –

---

<sup>21</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 103.

<sup>22</sup> Ibidem p. 116

“Neste segundo momento de nosso histórico errante, a experiência errática é uma experiência radical do andar sem rumo, uma experiência de percursos e passagens. A relação do errante com a alteridade urbana se dá pelo radical estranhamento que chega a devoração do Outro (...) o *flâneur* simplesmente vê passar e fugir ao se perder na multidão, os surrealistas a perseguem e os antropófagos buscam devorá-la<sup>23</sup>. ”

Finalmente, o terceiro momento da história das errâncias corresponde ao momento das derivas; ou ao pensamento situacionista. Os situacionistas, conduzidos por Guy Debord, lutavam contra a cultura do espetáculo, ou seja, a alienação e passividade da sociedade, através da participação ativa dos indivíduos em todos os aspectos da vida social e cultural. E, para os situacionistas, o meio urbano era aonde poderia ocorrer essa participação e luta contra a monotonia – “eles propunham uma arte total, que ia além dos padrões da arte moderna, e essa somente poderia ocorrer no meio urbano”<sup>24</sup>. A crítica urbana situacionista começou a aparecer na década de 50, nos primórdios da nova especularização urbana, eles foram o primeiro grupo a criticar o funcionalismo e racionalismo do movimento moderno; colocando que “os funcionalistas ignoraram a função psicológica da ambiença<sup>25</sup>”. Além disso, eram contra a museificação das cidades, ou transformação das cidades em espetáculo; o que acontece hoje em dia com os centros históricos de muitas cidades, principalmente na Europa. O que propunham, contra essas questões era o urbanismo unitário, ou seja, um ideal em que a arte estava integrada a cidade, em que esta não era separada em funções de acordo com a Carta de Atenas e era construída pelos próprios usuários. Porém, “o urbanismo unitário não propôs novos modelos ou formas urbanas, mas sim experiências efêmeras de apreensão do espaço urbano através da proposta de novos

*“Cidadãos de todos os países, derivem! Dissolvam as fronteiras e destruam os muros de todos os tipos, das prisões e asilos aos condomínios residenciais fechados, dos shoppings centers aos conjuntos habitacionais modernos”*

*Guy Debord*

*em A sociedade do espetáculo, 2015*

---

<sup>23</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes.** 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012 p. 139

<sup>24</sup> Ibidem. p. 206

<sup>25</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva:** Escritos situacionistas sobre a cidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.14

procedimentos como a psicogeografia e de novas práticas como a deriva.”<sup>26</sup>

O movimento situacionista começou com o grupo Internacional Letrista, fundado por Guy Debord – muito influenciado pelos movimentos DADA e surrealista. Os letristas desenvolveram algumas ideias relacionadas a pensamentos e procedimentos que deram base ao movimento situacionista, como a psicogeografia, a deriva e a criação de situações; eles, por exemplo, propunham jogos ou exercícios que criavam diferentes situações nas cidades. Em um texto escrito por Debord e Fillon eles explicam:

“As grandes cidades são favoráveis à distração que chamamos de deriva. A deriva é uma técnica do andar sem rumo. Ela se mistura à influência do cenário. (...) O novo urbanismo é inseparável das transformações econômicas e sociais felizmente inevitáveis. (...) A valorização dos lazeres não é uma brincadeira. Nós insistimos em que é preciso inventar novos jogos”<sup>27</sup>.

Os letristas passaram a frequentar outros grupos de artistas, e um pouco mais tarde, Debord, junto com Raoul Vaneigem, Asger Jorn e Constant Nieuwenhuys elaboraram o pensamento situacionista de fato. O grupo teve adeptos em vários países e participou de algumas atuações políticas, tendo especial destaque sua participação nos acontecimentos de Maio de 68. Em um de seus textos, Debord coloca “Sabe-se que os situacionistas pretendiam, no mínimo, construir cidades, o ambiente apropriado para o despertar ilimitado de novas paixões. Porém, como isso evidentemente não era tão fácil, vimo-nos forçados a fazer muito mais”<sup>28</sup>

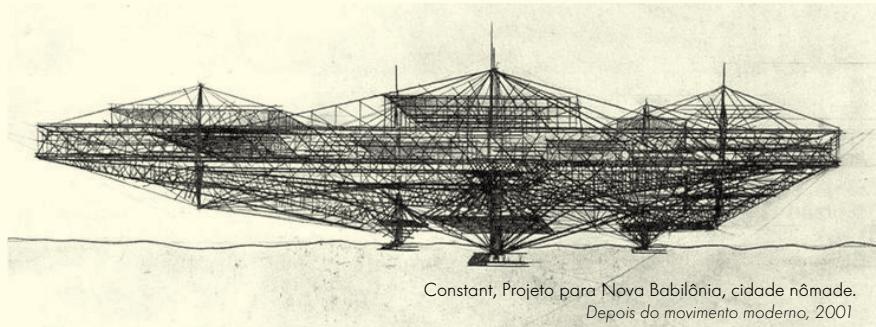
Porém, a medida em que os situacionista desenvolviam suas ideias eles abandonavam as propostas de criação de cidades reais e se colocavam cada vez mais contra o urbanismo e o planejamento- “os situacionistas eram contra o monopólio urbano dos urbanistas e planejadores em geral, e a favor de uma construção realmente coletiva das cidades”<sup>29</sup>. Desta maneira, os situacionistas se posicionavam como críticos do movimento moderno, já que enquanto os modernos defendiam que a arquitetura e o urbanismo poderiam transformar

<sup>26</sup> Ibidem p.15

<sup>27</sup> JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade.* 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 15

<sup>28</sup> Ibidem p.18

<sup>29</sup> Ibidem p. 210



a sociedade, os situacionistas diziam que era somente a sociedade que poderia mudar o meio urbano. Os situacionistas não propuseram nenhum modelo de cidade concreto, mas propunham que a cidade deveria ser apropriada pelos usuários através da criação de situações com a deriva-

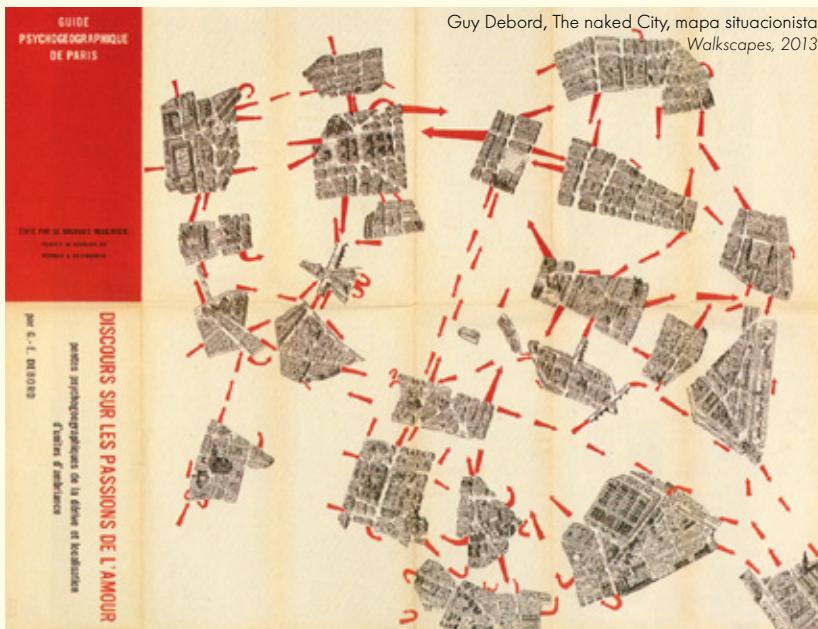
“A deriva situacionista não pretendia ser vista como uma atividade propriamente artística, mas sim como uma técnica urbana situacionista para tentar desenvolver na prática a ideia de construção de situações através da psicogeografia. A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos através das derivas e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação básica do caminhar na cidade<sup>30</sup>”.

O único modelo de cidade proposto pelos situacionistas foi a Nova Babilônia, que seria “uma cidade nômade em escala mundial, feita de habitações temporárias, permanentemente remodelada pelo andar de seus habitantes, estruturada em grandes redes que se sobreponem de maneira ilimitada sobre as cidades existentes”<sup>31</sup> - a Nova Babilônia seria a realização de uma cidade construída para o *homo ludens* que retoma a ideia de jogo através da criação de labirintos dinâmicos, que caracterizaria os espaços desta cidade nômade. Os situacionistas, portanto, concentravam a sua produção propriamente dita no desenvolvimento de mapas experimentais que desprezavam os parâmetros técnicos e consideravam

---

<sup>30</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva:** Escritos situacionistas sobre a cidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 22

<sup>31</sup> ROCHA, Bruno Massara. Movimento Internacional Situacionista. **Territórios da Histoória**, [S.L], fev. 2009. Disponível em: <[http://www.territorios.org/teoria/H\\_C\\_situacionista.html](http://www.territorios.org/teoria/H_C_situacionista.html)>. Acesso em: 05 jul. 2016.



os aspectos psicogeográficos e sentimentais das suas caminhadas, que de acordo com eles caracterizavam muito mais um espaço do que a simples anotação dos elementos formais<sup>32</sup>; destes mapas, o mais conhecido é o intitulado *The Naked City*, que virou um ícone do pensamento situacionista.

Além dos situacionistas, outros críticos notáveis do urbanismo moderno nessa mesma época foram um grupo denominado de Team X. Porém, a maior diferença entre os dois grupos é que, enquanto os situacionistas não faziam parte de nenhuma instituição oficial do campo da arquitetura e do urbanismo, os integrantes do Team X eram parte do próprios CIAM's (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna). Os arquitetos do Team X questionavam as propostas urbanas modernas da Carta de Atenas, que estavam sendo seguidas em larga escala para a reconstrução das cidades no pós-guerra. Eles levantavam questões que não estavam sendo consideradas, como com qual maneira se deveria trabalhar com os centros históricos/ pré existências e a questão do pedestre, usuário das cidades.

Dentre os integrantes do Team X é possível destacar Alda Van Eyck, que foi quem primeiro questionou o seguimento da Carta de Atenas nos CIAM's e

---

<sup>32</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva:** Escritos situacionistas sobre a cidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p 24



Hélio Oiticica, Parangolés,  
Corpografias urbanas, 2008

o casal Smithson, criadores do projeto *Urban Reidentification* que propunha a inclusão do *humano* no planejamento das cidades, através de uma “hierarquia de associações humanas e uma nova reidentificação urbana”<sup>33</sup>; eles diziam que na Carta de Atenas o que faltava era o homem. Os membros do Team X, que formavam uma nova geração de arquitetos, dominaram os CIAM’s e redigiram uma “Carta do Habitat” para substituir a “Carta de Atenas”, em que colocavam o homem real no lugar do *Modulor* – homem ideal moderno. Os dois grupos – Team X e Situacionistas – se encontravam em vários aspectos ideológicos, e tiveram enorme influência uns sobre os outros. Os dois grupos:

“propunham a ideia de colagem, de mistura e de diversidade contra o excesso de racionalidade e funcionalidade modernas, e contra a separação de funções. Contra a generalidade, a impessoalidade (...) eles propunham a busca de identidades, da individualidade e da diversidade, sobretudo das pessoas comuns e reais das ruas das cidades existentes. Contra a homogeneidade e simplicidade ideais modernas, eles propunham a heterogeneidade e complexidade ligadas à vida cotidiana. Contra a grande escala e a autoridade do Estado e dos próprios urbanistas ligados à pretensões modernas, propunham uma volta à pequena escala, à escala humana, e a participação dos habitantes<sup>34</sup>”.

---

<sup>33</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva:** Escritos situacionistas sobre a cidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003 p. 26

<sup>34</sup> Ibidem p. 27

É possível tratar um paralelo no Brasil com as críticas colocadas pelos situacionistas e pelo Team X, quando se apresenta o movimento *tropicalista*, que também tratava da questão da vida cotidiana e da relação entre arte e vida, arquitetura e urbanismo com uma posição não funcionalista. O movimento *tropicalista* valorizava a arte de rua “a arte anônima realizada pelo Outro, pelos vários Outros urbanos, que ele (Oiticica) procurava provocar ao sugerir uma arte coletiva total com vários artistas propondo atividades criativas ao público<sup>35</sup>”. Existem muitos nomes conhecidos do movimento Tropicalista, como Caetano Veloso e Gilberto Gil na música, José Celso Martinez Corrêa no teatro; e no campo da arquitetura e urbanismo, se destacam Hélio Oiticica e Lina Bo Bardi- que apesar de não participar diretamente do movimento tem, com este, um diálogo importante.

Hélio Oiticica, assim como os letristas, falava de questões de criação de situações através das derivas, da realização de jogos, da concretização da vida lúdica e de experimentação sensorial das cidades. Ele realizava errâncias, ou caminhadas criativas, que denominava de DELIRIUM AMBULATORIUM.

“Hélio Oiticica nunca separou seu trabalho artístico da sua vida cotidiana, nem as questões corporais das questões urbanas, nem a experiência sensorial do corpo da própria experiência corporal da cidade (...) (sua obra) buscou criar novas experiências sensoriais, corporais, mas também urbanas: Parangolés, Penetráveis, Tropicália, Éden, Barracão, etc<sup>36</sup>. ”

No seu trabalho se destaca a descoberta da arquitetura das favelas, que revela uma maneira de construir com a participação dos moradores e com novos materiais, e principalmente, as colocações da questão do corpo e das artes nas cidades. Lina Bo Bardi esteve muito próxima dos tropicalistas e dialogou com o grupo na sua busca pela inserção do popular na arquitetura; ela buscou referências na arquitetura e no artesanato popular e fez uma arquitetura de certo

"Hélio se deslocava no espaço urbano, fosse de ônibus ou a pé, reconstruindo o mundo como um grande quebra-cabeça, a ser esmiuçado e reinventado"  
César Oiticica Filho  
em *Elogio aos errantes*, 2004

---

<sup>35</sup> JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 174

<sup>36</sup> Ibidem.p. 168

modo participativa, fundindo o desenho do projeto com soluções encontradas durante a obra junto com os pedreiros e mestres-de-obra. “ela deixa-se fascinar pelo Outro, pela alteridade e busca comprehendê-la *in loco*.<sup>37”</sup>

Portanto, os movimentos situacionista, team X e tropicália dialogam em diversos momentos fazendo uma crítica ao que se vivia em termos de arte, arquitetura e urbanismo *oficiais*. Com particularidades diferentes e com medidas diferentes em cada grupo, eles denunciavam a construção do mundo ao redor do *homo faber*, da espetacularização e buscavam uma alternativa que valorizasse o *homo ludens*; através de uma arte e uma arquitetura mais participativas e da prática da deriva na vivência da cidade e da exploração, criando condições para o exercício da liberdade.

“A experiência errática da cidade realizada por tropicalistas e situacionistas (...) busca criar condições de possibilidade para esse exercício de liberdade. Se os flâneurs se deixavam levar pela multidão, os antropófagos e surrealistas provocavam e devoravam a multidão, os tropicalistas e situacionistas não se contentavam com a multidão em si, ou seja, com simplesmente fazer a experiência da alteridade já dada. Eles buscavam criar novas condições de possibilidades para a experiência de alteridade, outras vivências urbanas de alteridade, inventar novas situações criar novos jogos para possibilitar outras experiências: um possível devir-multidão ou devir-outros<sup>38.”</sup>

Dessa forma, é possível, pela contextualização do histórico das errâncias urbanas entender como o caminhar como prática estética tem se colocado de maneira crítica em relação ao urbanismo tradicional através da história. A crítica à maneira moderna de fazer *urbes* pode ser vista em todos os momentos, tanto com os *flâneurs* que mostravam seu choque com o desparecimento das cidades antigas em nome da construção da cidade moderna, os deambulantes que buscavam se relacionar com as pessoas marginalizadas e espaços banais, resquícios da modernização, quanto os realizadores das derivas que propunham o caminhar e a criação de situações como uma maneira de se relacionar com a cidade que colocava o homem/usuário como participante da construção desta, indo contra a espetacularização da sociedade.

Em cada momento da história do urbanismo, portanto, é possível encon-

---

37 JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes**. 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012 p. 196

38 Ibidem p. 174

trar críticos artistas que se colocaram, cada um com sua particularidade, contra os principais preceitos do urbanismo moderno; um urbanismo que valoriza a construção das cidades para o progresso, a eficiência e a velocidade, voltado para o *homo faber*, a partir de uma ideia de racionalização e setorização dos espaços. De uma maneira ou de outra, todos os críticos mencionados, de Bau-delaire a Guy Debord prezavam por uma valorização do ser humano como indivíduos diferentes uns dos outros, pela cidade como lugar de encontro, pelo lazer como instrumento crítico e educativo importante e pela expressão da liberdade; e, todos ressaltavam a importância do caminhar, da errância, tanto como ponto de partida de análise quanto como instrumento de mudança. Ou seja, é através do caminhar que cada um destes artistas descobre suas inquietações, apreende e comprehende a cidade e é o caminhar que é colocado como instrumento fundamental para a realização de seus trabalhos. Enquanto a disciplina do urbanismo busca orientar-se e construir a partir de planos e mapas racionais, os errantes buscam desorientar-se, desacelerar-se e aproximar-se da cidade através do **caminhar**.

Finalmente, é possível dizer que, da mesma maneira que o caminhar foi essencial para a formação das cidades, – através do caminhar que foram traçadas as rotas e formados os pontos de encontro embriões das aglomerações urbanas – o caminhar é essencial para o entendimento, a apropriação e o fazer das cidades até os dias de hoje. Somente a partir do caminhar e do *estar de fato* que se vivencia e se percebe a multiplicidade de particularidades situacionais e sensoriais dos diferentes espaços da cidade; multiplicidade esta que faz das cidades *criações humanas*.



## **A cidade em três tempos**

*"a maneira como conformamos nosso entorno é uma expressão de nossa construção interna (...) para compreender a plenitude dos feitos da pólis devemos desviar os olhos das edificações e encarar mais nitidamente o cidadão"*

- Lúcia Leitão

Resgatando a história do caminhar, e concomitantemente das cidades, portanto, é possível perceber como a relação das pessoas com os espaços urbanos foi se modificando ao longo dos séculos. Como consequência é possível perceber dois principais momentos em que a existência do homem na cidade se dá de maneiras diferentes. Para contrapor essas duas dimensões da existência do homem, que refletem nas distintas configurações de cidade, Angelo Bucci, citando Vincent Scully, coloca em sua tese a questão da *fragmentação* e da *continuidade* que são usadas para descrever esses diferentes momentos da história da cidade – o *velho mundo humanista* e a *cidade moderna*. A questão da continuidade é colocada ao se referir à cidade moderna:

“a arquitetura moderna foi se desconfigurando pela técnica, no sentido de realizar uma *continuidade violenta* e de destacar a *pequenez do indivíduo* (...) o homem moderno enfrentou dificuldades psíquicas sem paralelo no Ocidente desde o colapso de Roma. O modo de vida antigo, cristão, pré-industrial, pré-democrático, foi progressivamente se rompendo à sua volta, de modo que o homem teve um lugar jamais ocupado por um ser humano antes. Ao mesmo tempo, tornou-se um átomo minúsculo em um vasto mar de humanidade, um indivíduo que se reconhece como sendo definitivamente solitário. Portanto, vacilou entre o desejo frenético de encontrar algo mais amplo a que pertencer e a paixão igualmente avassaladora para expressar a sua própria individualidade e agir por conta própria. (...) É o fim do velho mundo humanista, centrado no homem, com seus valores fixos, e o começo da era das massas na história moderna, com seus ambientes enormes e continuidades precipitadas”<sup>1</sup>

Em contrapartida, quando busca resgatar a ideia de cidade contida nos ideais do chamado *velho mundo humanista*, ou da cidade pré-moderna, Angelo Bucci cita tre-

---

<sup>1</sup> BUCCI, Angelo. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: rg, 2005. p 54

chos de “Os Miseráveis” de Victor Hugo. Na cidade descrita por Hugo, os “abrigos íntimos estão no meio da rua” e os “edifícios se dissolvem no ambiente urbano”<sup>2</sup>; é colocado, portanto que, diferente da cidade moderna, “o ideal humanista formula a cidade como o abrigo. Ele a concebe como aquilo que ampara o cidadão e é na realização dessa formulação que os ambientes tipicamente interiores (...) ocupam os espaços exteriores da cidade (...) e transformam os espaços exteriores em interiores.”<sup>3</sup> Essa questão da dissolução entre espaços interiores e exteriores e de transformação da rua em morada explicita o mote do Coletivo na cidade pré moderna. Ou seja, de acordo com Angelo Bucci, nesse momento em que o indivíduo se dissolve na cidade ele se coloca como o Coletivo, e

“as ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes (...) O coletivo como um ser, carrega, na dinâmica da multidão vagando pela cidade, aquelas duas dimensões da existência, isolamento e dissolução, para a escala multiplicada desse novo “ser” que faz da rua sua morada.”<sup>4</sup>

Portanto, colocando como ponto de comparação a relação espacial e psíquica do indivíduo no espaço urbano é possível compreender como a relação entre as pessoas e a cidade se dá de forma contrária na cidade pré-moderna, ou *humanista*, em comparação com a cidade *moderna*. É possível dizer que, através da leitura de romances sobre a época, documentos e ensaios, na imagem que se tem da cidade *humanista*, o homem, como indivíduo e como parte de um coletivo, encontrava na cidade um abrigo. As ruas e edifícios em escala humana eram propícios ao caminhar, ao andar lúdico, ao acontecimento de encontros e ao acaso. Tanto questões de privacidade, quanto de trabalho, do cotidiano e de ócio aconteciam na rua; sendo que esta permitia o cruzamento de atividades de diversos caráteres: abrigo, passagem, encontro, contemplação. Apesar dessas cidades já serem *assentamentos sedentários*, a questão do caminhar ainda se colocava bastante presente; o encontro com o Outro se dava de maneira mais espontânea e a apropriação do espaço, então, se dava tanto pelo coletivo quanto pelo indivíduo.

Com a chegada da industrialização, dos automóveis e das reformas urbanas, na

---

2 BUCCI, Angelo. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: rg, 2005. p 57

3 Ibidem p 57

4 Ibidem p. 58



O tecido urbano e as vistas geradas na cidade pré-moderna  
*Paisagem Urbana*, 2015

cidade *moderna*, a relação do indivíduo com o espaço urbano passou a dar-se de maneira complementarmente diferente. A segregação dos espaços e separação das atividades em diferentes localidades, a mudança de escala e a ortogonalidade contribuíram para uma mudança no entendimento do ser com o espaço urbano, e, consequentemente com a rua. Enquanto as cidades antigas e medievais possuíam ruas estreitas e tortuosas, que incentivavam o caminhar sem rumo e o perder-se pela cidade em uma escala humana; as reformas modernas e as novas construções urbanas buscaram substituir esse traçado por ruas largas e retas, viadutos e vias expressas – facilitando um crescimento exacerbado das cidades, tanto vertical quanto horizontal, e priorizando a eficiência da locomoção. Os centros urbanos se tornaram mais densos, as multidões tomaram conta das cidades, e o anonimato passou a fazer parte do cotidiano do cidadão moderno.

Em uma cidade em que as funções cotidianas – morar, trabalhar, lazer – são setorizadas, as ruas se transformam somente em espaço de locomoção e perdem seu potencial de espaço lúdico e de encontro. Esse acontecimento é uma ilustração da história de Abel e Caim contada por Francesco Careri em *Walkscapes*<sup>5</sup> – em que Caim “identificável com o *Homo Faber*, o homem que trabalha e que sujeita a natureza para construir materialmente um novo universo artificial” mata seu irmão Abel “considerado o *Homo Ludens* (...) o homem que brinca e que constrói um efêmero sistema de relações entre a natureza e a vida”, já que “enquanto a maior parte do tempo Caim é dedicado ao trabalho, e por isso é inteiramente um tempo útil-produtivo, Abel tem

---

<sup>5</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG, 2013. p. 36

uma grande quantidade de tempo livre para dedicar à especulação da intelectualidade, à exploração da terra, à aventura e ao *jogo*; é o tempo não utilitarista por excelência.”<sup>6</sup> – ou seja, no momento em que a concepção das ruas tem como prioridade uma função utilitarista de espaço de locomoção, o seu potencial lúdico se perde, e assim, o espaço público deixa de ser um lugar de devaneio e de encontro e por consequência, um espaço de troca. Em seu apogeu, como Brasília por exemplo, a cidade moderna já não tem mais ruas caminháveis e os espaços públicos ficam limitados aos seus respectivos setores; tirando da cidade seu papel de local de encontro com o Outro (coletivo/ diferente) e do indivíduo consigo mesmo.

“Andar está relacionado com um participação ativa na esfera pública, produção e prática do espaço através do corpo. Essa participação é comum, fundada sob união e generosidade. Andar engaja com o espaço e outros corpos. Facilita um pertencimento incorporado no qual o sujeito tem uma agência e no qual estranheza e marginalidade (ou margens, periferias, entre meios, estrangeiro ou local) são bem vindos.”<sup>7</sup>

A busca pelo progresso através da industrialização e das inovações tecnológicas, simbolicamente representadas pelo carro, eletrodomésticos e da casa como *máquinas de morar*, resultaram no sacrifício simbólico dos espaços públicos urbanos e da rua.<sup>8</sup> E, portanto, no momento em que não mais se caminha na cidade e se utiliza seus espaços públicos, pode se dizer que a participação do indivíduo na esfera pública se restringe a uma visão muito limitada da sociedade como um todo.

“O caminhar, mesmo não sendo a construção física de um espaço, implica uma transformação do lugar e dos seus significados. (...) O caminhar produz lugares”<sup>9</sup> - É assim que, além de restringir a interação e troca entre os indivíduos no espaço da rua, na cidade moderna, e consequentemente na contemporânea tão avessa à importância do caminhar e do devaneio, ao invés de espaços públicos

---

<sup>6</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG, 2013. p. 36

<sup>7</sup> SLIWNSKA, Basia. **The Aesthetics of pedestrianism and the politics of belonging in contemporary women's art em Flaneur New Urban Narratives**. Procurar. Tradução livre. p. 45

<sup>8</sup> WISNIK, anotações pessoais, 2016.

<sup>9</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG, 2013. p. 51.



de qualidade começam a surgir *não-lugares*, *espaços opacos*<sup>10</sup>, *espaços-lixo*<sup>11</sup> ou *amnésias urbanas*<sup>12</sup>- lugares sem vida, que podem ser entendidos tanto como vazios abandonados, construções utilitaristas ou as próprias ruas e espaços públicos em que vagueiam seres solitários. Em meio a multiplicação desses *não-lugares*, da alta velocidade de ação e circulação de informações, da falta de conexão com o Outro, e da falta de espaços de interação e devaneio que se dão as crises do homem moderno e contemporâneo. Os espaços que aparecem nas cidades pós industriais são um reflexo, a imagem, do que vive o homem moderno, já que a maneira como conformamos nosso entorno é uma expressão de nossa construção interna.<sup>13</sup>

“Falamos, claro, da cidade moderna (...) cidades que cresceram desenfreadamente no passo da revolução industrial; cidades das quais as características principais são velocidade e anonimato. A cidade se torna um espaço de alteridade, onde não sabemos quem são aqueles por quem cruzamos todos os dias porque eles são, como nós, invisíveis – e, como em *magnum opus* de T.S. Eliot “cada homem fixa seus olhos nos seus pés”. A cidade então se torna o

---

<sup>10</sup> SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

<sup>11</sup> KOOLHAAS, Rem. **Junkspace**.

<sup>12</sup> CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: GG, 2013

<sup>13</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade**. São Paulo: Annablume, 2014. p. 58

local de reconhecimento da fragmentação do individual, um local de múltiplas experiências e de esquecimento constante: do outro, de nós mesmos e do que nos circunda.”<sup>14</sup>

Portanto, ao identificar essa questão, é a partir da vontade e da necessidade de desacelerar que se começa a buscar, nos mundos pós moderno e contemporâneo, uma alternativa à maneira de se fazer cidade. Enquanto o urbanismo moderno visou organizar e setorizar as cidades a partir de grandes obras viárias e arquitetônicas que priorizavam a eficiência do transporte individual e o entendimento da cidade – e do homem – como uma *máquina*, os seus movimentos de crítica, que surgiram nos próprios CIAM’s, apontaram para a necessidade de uma cidade que priorizasse o ser humano. Muitos dos arquitetos que se colocaram a partir daí, no chamado pós modernismo, levantaram questões que criticavam as premissas do Estilo Internacional moderno e buscaram criar soluções menos impositivas arquitetonicamente; mais abertas a um diálogo com o lugar e adaptáveis às condições regionais<sup>15</sup>; uma arquitetura de tendência humanista pensada em função do usuário e sua participação nos espaços públicos e privados.

A partir da segunda metade do século XX, então, coloca-se a necessidade e importância, ainda que de maneira tímida, de resgatar a ideia de indivíduo na cidade que foi se perdendo com a modernização, com a “*cidade-líquida* (...) em que os *espaços do estar* são ilhas do grande mar formado pelo *espaço do ir*”<sup>16</sup>. Discute-se, neste momento, a questão do relativismo antropológico na disciplina da arquitetura e urbanismo, ou seja, a introdução, ou a recuperação, do homem e do indivíduo como elemento estruturador e ponto de partida para intervenções urbanas e arquitetônicas<sup>17</sup>. Nas ideias difundidas por estes profissionais resgata-se a complexidade existencial do ser humano, que se expressa e se materializa a partir de uma dinâmica de relações que o indivíduo constrói consigo e com os outros na sociedade e, portanto, nos espaços da cidade. Neste momento, os campos da arquitetura, do urbanismo e das artes transcendem as suas fronteiras e abrem um diálogo na construção de críticas à lógica funcionalista do movimento moderno. É notável a vontade de expressar a importância da questão

---

<sup>14</sup> TAVARES, Miriam e SOARES, Ana. *City, photography and cinema: the representation of the flâneur in audiovisual em Flaneur New Urban Narratives*. Procurar. Tradução livre. p. 88

<sup>15</sup> MONTANER, Josep Maria. *Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona, Espanha: GG, 2001. Pag 271.

<sup>16</sup> CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: GG, 2013. p. 28

<sup>17</sup> MONTANER, Josep Maria. *Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX*. Barcelona: GG, 2001. p. 271.

da relação do corpo com o espaço, da psique individual com o lugar e de uma nova maneira de construir cidades. É neste momento que surgem trabalhos como *Bichos*, de Lygia Clark, que propunha a interação das pessoas, como seres ativos, com a obra; os *Parangolés*, *Penetráveis* e *Tropicália* de Hélio Oiticica que colocam a questão do corpo no espaço e das barreiras entre público e privado; as instalações, fotografias e performances do *Anarchitecture Group* que criticavam a forma de construir cidades sob os interesses do capital e da especulação imobiliária; e *Tilted Arc* de Richard Serra, que ressignifica o local onde foi instalado, tencionando a relação das pessoas com o espaço público<sup>18</sup>.

No campo específico da arquitetura e do urbanismo os grupos mais notáveis de crítica à maneira moderna de construir cidade foram os já mencionados arquitetos integrantes do Team X, que surgiu dentro dos próprios CIAM's e o Internacional Situacionista, que denunciou a construção das cidades sob uma *sociedade do espetáculo*- ou seja, operante sob as leis do mercado imobiliário e não participação da população na construção do território- e o funcionalismo restritivo do urbanismo proposto na Carta de Atenas. Além disso, também são relevantes trabalhos teóricos como *Learning from Las Vegas* de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour ou *Life and Death of Great American Cities* de Jane Jacobs, *Cities for People* de Jan Gehl, entre outros trabalhos que discutem a importância da inclusão das pessoas no planejamento e construção das cidades e a importância de ruas e espaços públicos feitos para as pessoas. Todos esses trabalhos discutem a relevância do *estar* e do ser humano nos espaços públicos e em diferentes níveis de evidência, da possibilidade e importância do caminhar.

Assim, é possível perceber como a morfologia e uso das cidades foram se adaptando ao avanço da industrialização refletindo a cada vez maior priorização da eficiência de produção na sociedade. O resultado, como mencionado, foi a concepção das cidades como sistemas que, em muitos casos, se aprimoraram tecnologicamente, mas que, em contrapartida, sacrificaram os espaços públicos e as possibilidades de trocas e encontros, que podem ser entendidos como a razão de ser das cidades por excelência- “é a estrutura da cidade que primeiro nos impressiona por sua vastidão e complexidade visíveis. Mas, essa estrutura tem suas bases na natureza humana, de que é uma expressão”<sup>19</sup>. Deste modo, a crítica ao sacrifício dos espaços públicos e da setorização das cidades se coloca como um apelo à ressignificação dos abrigos íntimos no espaço urbano que possibilitam tanto o devaneio quanto a troca.

---

18 WISNIK, anotações pessoais, 2016.

19 LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade**. São Paulo: Annablume, 2014. p. 57

“o ato psíquico de transformar espaços físicos em espaços simbólicos, como se sabe, é tão antigo quanto o próprio homem. O que é novo (...) é buscar compreender porque, no espaço da arquitetura (e da cidade), “a força e a influência do sentimento são muito maiores do que se acredita habitualmente” são suficientemente fortes para transformar *espaços do abrigo em espaços do afeto*.<sup>20</sup>

Assim, através da ressignificação dos espaços da cidade - que se tornaram genéricos, abandonados e utilitaristas – em abrigo do devaneio e do encontro que é possível resgatar as qualidades perdidas da cidade humanista. Apesar dos inúmeros avanços e contribuições da modernização para a construção das cidades que possibilitaram o crescimento de aglomerações urbanas, a necessidade do resgate de valores da cidade humanista se torna evidente no mundo contemporâneo; não por uma questão romântica de glorificação do passado, mas porque o resgate desses valores se faz imprescindível para o homem que se perde na vastidão solitária das cidades genéricas. Pois, é através do reconhecimento do coletivo e de si como indivíduo parte deste coletivo, em meio a espaços que amparam o cidadão e que se preenchem de significado, que cada um pode se reconhecer como *humano* e como parte de uma sociedade.

“É por expressar fielmente a vida socialmente organizada que a arquitetura se faz humana, e ao fazê-lo, se oferece também como espelho, no qual o sujeito se vê e se reconhece. Não a arquitetura enquanto expressão material apenas, mas, sim, a arquitetura como a manifestação da vida social de que fala Rossi na teoria dos fatos urbanos, anteriormente mencionada (...) a arquitetura transcende sua função material de abrigo para as muitas atividades humanas, para se transformar em espaço-enunciação, isto é, em parte importante de um discurso cultural a partir do qual o indivíduo humano se faz sujeito (...) a representação psíquica, e, como tal inconsciente e subjetiva, de acolhimento e pertinência que o espaço habitado propicia ao sujeito, donde sua essencialidade (...) por ela (arquitetura) a cidade torna-se espelho, e o indivíduo faz-se humano.”<sup>21</sup>

É, aqui, portanto, que se coloca a importância do caminhar tanto do cidadão leigo quanto do arquiteto, como profissional e também como indivíduo, para

---

**20** LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 114

**21** Ibidem p. 82, 86 e 88



ressignificação do espaço público - “a cidade ideal é organizada em torno de cidadania – em torno de participação e vida pública (...) caminhar é o começo da cidadania”<sup>22</sup>. É através do caminhar que se começa a se apropriar desses espaços desconhecidos, que se transforma *não-lugares* em lugares simbólicos, que se materializa a questão do coletivo, que se possibilita o devaneio em relação ao Outro, que se resgata o *homo ludens*, que se dissolve barreiras e que se transforma a cidade em *encontro e casa*; e entendendo a cidade como a casa do coletivo, convém citar Bachelard: “se nos perguntarem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz”<sup>23</sup>

O caminhar é, portanto, o início de um resgate do tempo lúdico no espaço urbano que se perdeu com a materialização de uma visão urbana utilitarista. Acredita-se que a partir do caminhar é possível- em um tempo em que, voltando a Ângelo Bucci, a existência do homem, *pequeno e solitário*, se dissolve em uma *continuidade violenta*- encontrar, mesmo que conflituosamente, espaço para abrigar e dissipar tanto o entendimento do coletivo quanto a individualidade em meio a este coletivo urbano.

---

22 SLIWINSKA, Basia. **The Aesthetics of pedestrianism and the politics of belonging in contemporary women's art em Flaneur New Urban Narratives**. Procurar. Tradução livre. p. 28

23 BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 26

## O espaço público paulista

*"A própria cidade, é, como observado pela psicanalista Maria Rita Kehl (1996) o berço do homem comum – anônimo, parte da multidão. Ela se constitui como o local ideal para se engajar na natureza fugaz da nossa experiência em um espaço que está constantemente mudando. Para montar o quebra cabeças urbano somos guiados pelos pedaços fundamentais que destacamos de todo o resto – enquanto o resto permanece às margens. Como em um filme, onde aquilo que não nos interessa fica fora do quadro. Portanto, "minha cidade" não é somente minha; então eu não posso compartilhá-la, já que ela só existe em mim. A outra cidade, ou a "cidade real" é sempre um outro espaço no qual eu caminho mas onde eu não me vejo refletido. A cidade real é o espaço da alteridade aonde não reconhecemos aqueles pelos quais passamos todos os dias. Eles são invisíveis para nós, e nós para eles."*<sup>1</sup>

- Lúcia Leitão

---

<sup>1</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 58

O retrato colocado pela autora do trecho ao lado poderia ser a experiência de cidade vivida pelo paulista contemporâneo. Em meio a fragmentos de cidade de diversos tempos, vive-se uma experiência de anonimato e fugacidade, aonde cada indivíduo, no dia a dia, é solitário e invisível aos outros. Pela falta de espaço público, lugares de convivência e animosidade das ruas os indivíduos se fecham para a possibilidade de compartilhamento e troca com o Outro e perdem a percepção de Coletivo. Além disso, as imagens de cidade são genéricas, os vazios são, na sua maioria, *não-lugares*, tornando a possibilidade de identidade e reflexão do cidadão no espaço externo ou inexistente ou violento. Assim, para fugir das consequências pessoais e sociais da esquizofrenia urbana, as pessoas buscam abrigo em espaços privados como em uma negação da cidade; abstendo-se do *caminhar* e do *estar* pelos espaços públicos e da possibilidade de usufruir de um tempo lúdico, de devaneio, encontro e troca que estes provém.

Ao se colocar a questão do crescimento e transformação das cidades ao longo da industrialização e suas consequências na contemporaneidade; São Paulo, portanto, como objeto de estudo, se apresenta como bastante pertinente. Isso acontece pois São Paulo, uma vila fundada no século XVI que teve o auge do seu crescimento durante o século XX, viu, justamente, o seu traçado, a sua morfologia e a sua dinâmica serem radicalmente transformados com a modernização. Enquanto que alguns resquícios do seu passado de cidade colonial ainda permanecem, a metrópole sofre com todas as consequências de um crescimento exacerbado, sob o viés de modernização e aumento da produtibilidade. Como mencionado no retrato ao lado, não só as ruas se transformaram em espaços prioritariamente para veículos motorizados, como os espaços públicos foram sacrificados e os ambientes urbanos segregados, gerando um altíssimo índice de problemas sociais como violência urbana, doenças psíquicas e aumento da desigualdade social.



Porém, um fenômeno que vem ocorrendo na cidade nos últimos anos coloca novamente a metrópole paulista como um objeto de estudo que se faz interessante urbanisticamente; um movimento crescente da reivindicação pelos espaços públicos e pelo uso das ruas tem tomado a cidade, e este movimento parte dos cidadãos –

justamente como os situacionistas colocaram que deveriam ocorrer as mudanças nas cidades:

“Contrário ao urbanismo moderno, os situacionistas pensavam que era o papel da própria sociedade mudar as cidades, e eles avocavam por uma verdadeira construção coletiva do espaço urbano através da contribuição e participação dos residentes, que deveriam transformar e experimentar seus próprios espaços. Assim, de acordo com o pensamento situacionista, qualquer construção (...) só seria possível através de um revolução do dia a dia dos cidadãos.”<sup>1</sup>

Como mencionado, a população paulista assistiu, ao longo das últimas décadas do século XX, o seu espaço público ser tomado por obras viárias, violência e abandono; o que fez com que a população, como resposta, se refugiasse em espaços fechados, atrás de muros cada vez mais altos, em uma ilusão de segurança. E, como consequencia, limitando as atividades de lazer quase completamente a ambientes fechados, com entrada paga, segregando cada vez mais uma população que já vive uma enorme desigualdade social. Com os espaços vazios das cidades abandonados, a maior parte dos paulistas vive a ânsia de se esconder atrás de grandes, câmeras de segurança e veículos privados – a morte dos espaços públicos na cidades. Portanto, foi em meio a esse panorama que, nos últimos anos, diferentes grupos sociais, descontentes com a situação da cidade, começaram a mudar a atmosfera dos vazios urbanos e dos espaços públicos, como em um contra movimento às ações políticas até então. Através de eventos efêmeros e itinerantes, a princípio, e mais tarde de soluções mais permanentes, os vazios da cidade foram

<sup>1</sup> JURGENS, S. **Deviation and Drift: Critical, Artistic and Curatorial Practices in Urban Contexts em Flaneur New Urban Narratives.** Procurarte. Tradução livre. p. 77

sendo ocupados e transformados, mudando a relação das pessoas com o espaço público. Esses movimentos partiram da vontade das pessoas em ocupar as ruas e do entendimento da rua como um espaço de potencial lúdico e de encontro de cada um e do Coletivo.

É possível, então, traçar um paralelo entre a vontade de retomar as ruas da capital com as derivas situacionistas e as práticas estéticas relacionadas ao caminhar, não somente porque o movimento partiu das pessoas – em uma lógica *bottom up*<sup>2</sup> – mas também por se constituir, a princípio, de eventos efêmeros e itinerantes, remetendo, de certo modo aos jogos errantes

“As derivas, tanto letristas e situacionistas quanto neoconcretistas e tropicalistas, são acontecimentos que ocorrem no tempo dos momentos, mas que, como vimos criam novos momentos, efêmeros; ao contrário de uma continuidade histórica, são irrupções, descontinuidades ou desvios. As derivas são errâncias construídas que seguem a lógica do desvio, são construções de jogos a serem jogados, que exigem uma participação do Outro, dos vários outros. Os errantes criam as condições de possibilidades para que o jogo coletivo possa ser jogado, mas dependem, obviamente, da participação dos jogadores. As derivas seriam então jogos jogados, jogos da vida vivida.”<sup>3</sup>

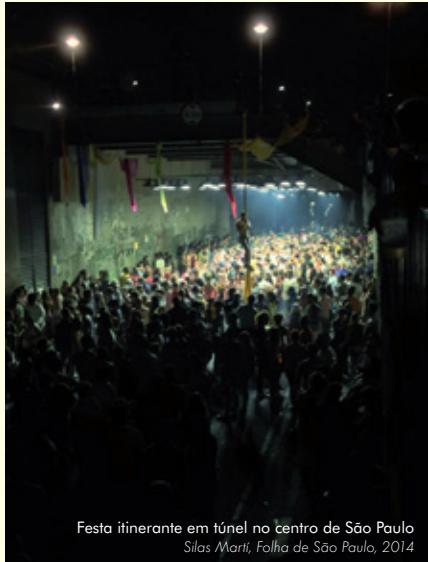
As primeiras manifestações da vontade de retomada das ruas se deu a partir de festas itinerantes em locais públicos e de grande tensão social. O movimento começou timidamente com a festa *Voodoohop*, criada por Thomas Hafelach que depois de ocupar um edifício abandonado se mudou para ruas e praças do centro da cidade. A partir daí, outros artistas criaram suas próprias festas e o movimento se dissipou. E, como nos jogos do caminhar, os movimentos criaram uma irrupção na maneira paulista de frequentar eventos noturnos – de repente as pessoas estavam se locomovendo pela cidade em busca dessas festas itinerantes, abertas, ao ar livre, sem controle de entrada e saída, com bares improvisados e uma cenografia que reinventava a arquitetura dos locais, em meio a um grupo de pessoas com as quais não costumavam conviver.

As festas, portanto, apontavam para uma vontade não só de produzir eventos, mas principalmente de demarcar o território e transformar o espaço do

---

2 ROWE, C. KOETHER, F. Collage City. Massachussets: MIT Press. 1984

3 JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas**. Vitruvius, [S.L], fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Último acesso em: 26 jul. 2016.



Festa itinerante em túnel no centro de São Paulo  
Silas Martí, Folha de São Paulo, 2014

qual o poder público não se ocupava: devolver a cidade, abandonada há muito tempo, para as pessoas. De acordo com um dos organizadores desses eventos, em uma entrevista à Folha de São Paulo “(o) movimento tem a ver com a necessidade de nos sentirmos mais livres”<sup>4</sup>. As festas, por serem itinerantes, foram ocupando e transformando o olhar das pessoas sob diferentes partes das cidades; de acordo com o urbanista francês Luc Gwiazdinski “é a volta da uma ideologia *punk*, um fenômeno que diz muito sobre como os espaços

urbanos podem ser maleáveis”<sup>5</sup>. Essas festas cresceram cada vez mais, tanto em tamanho quanto em visibilidade, ocupando espaços cada vez maiores; como por exemplo um túnel no centro da cidade – “neste espaço são frequentes as ocupações espontâneas que põe em manifesto um uso mais democrático do território urbano”<sup>6</sup>. Apesar de uma primeira resposta negativa da polícia, a insistência dos frequentadores chamou a atenção do poder público e o espaço foi legalizado para eventos. Portanto, é possível perceber um movimento que partiu das pessoas mas que, começou a, efetivamente, atuar na esfera política formal.

Assim, portanto, as festas criaram uma situação de errância lúdica com a possibilidade de encontros dos indivíduos com a alteridade e com os espaços da cidade. Os eventos, por serem itinerantes e efêmeros, com aviso de localização através de redes sociais, ocuparam e ativaram diversos vazios da cidade atraindo públicos bastante diferentes, transformando os *não-lugares* em possibilidade de encontro e, portanto, proporcionando momentos de experiência do coletivo, criando assim, um novo entendimento de arquitetura para aqueles que os frequentaram, e apresentando uma nova vivência de cidade; pois “de modo radical-

<sup>4</sup> MARTÍ, S. **Baladas de SP Tomam viadutos e praças e ocupações urbanistas festejam** <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1551151-baladas-de-sp-tomam-viadutos-pracas-e-ocupacoes-urbanistas-festejam.shtml> > último acesso em 23 maio 2016

<sup>5</sup> Idem

<sup>6</sup> Idem

mente diferenciado, a arquitetura que a cidade materializa é coletiva por definição.”<sup>7</sup> Além disso, é importante perceber como esses movimentos noturnos não ficaram restritos às festas e ao público que as frequentavam, mas despertaram, junto com uma tendência mundial e um momento político favorável, a vontade de ocupação das ruas pelas pessoas.

Logo, além de ocuparem a cena noturna paulistana, os coletivos também organizaram eventos durante o dia com o mesmo objetivo de ocupar os espaços vazios da cidade, ajudando a construir uma nova relação entre as pessoas e o espaço urbano. Os coletivos que impulsionaram o movimento, e novos grupos que foram surgindo, ocuparam os espaços com atividades bastante diversas, como feiras itinerantes, mobiliário leve, almoços coletivos, apresentações, aulas de yoga e atividades infantis. Essas ocupações que a princípio ocorriam pontualmente a partir da iniciativa dos pioneiros do movimento, atualmente se dissiparam para uma atuação generalizada. E, é possível perceber não só uma vontade de ocupação do espaço público por toda cidade, como coloca a urbanista Raquel Rolnik -

“os parques, que antes eram vazios, estão sempre cheios. Se existe uma área com um mínimo de qualidade e cuidado, fica cheia de gente. Nos finais de semana, não só nos parques, mas também nas praças sempre tem gente fazendo *picnics* (...), Na Vila Madalena, na praça das corujas, um grupo está começando uma horta coletiva. E, parece que não é o único... de acordo com seus promotores, várias outras iniciativas deste tipo estão ocorrendo em outros bairros da cidade”<sup>8</sup>

mas também uma reivindicação de atuação do poder público, já que as pessoas estão lutando, lideradas pelos coletivos, pela implantação de mais espaços públicos de qualidade; que é o caso, por exemplo do Parque Augusta. O medo que as pessoas tinham de estar no espaço público parece estar diminuído, desde junho de 2013, quando ocorreram as grandes manifestações pelas ruas de São Paulo e por todo Brasil, até a abertura da Av. Paulista para pedestres, do uso do Minhocão para atividades de lazer ou da instalação de diversos *parklets* pela cida-

---

<sup>7</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 15

<sup>8</sup> ROLNIK, R. Blog da Raquel. <http://raquelrolnik.wordpress.com/2012/10/25/de-dentro-pra-fora-se-ra-que-sao-paulo-esta-valorizando-mais-seus-espacos-publicos/> Último acesso em 23 maio 2016



Ocupação temporária do espaço público, projeto Redes Arlecchina  
Acervo pessoal, 2014

de o uso dos espaços das cidades aumentou radicalmente e abriu-se um diálogo com o poder público a respeito dessa questão. O interessante deste movimento partir das pessoas é que a própria interferência das pessoas nos locais moldou a morfologia desses espaços, facilitando a identificação do paulista com a cidade

“ a relação com o espaço edificado, bem como os usos que os vários grupos humanos fazem dele, variam de acordo com a cultura em que cada grupo está inserido. Mostram, ainda, que a relação com o espaço está impregnada de referências pessoais de difícil precisão. No que se refere à cultura, por exemplo, o uso que as pessoas fazem do espaço aponta, claramente, para o sentido e a função diferenciada que cada sociedade lhe dá, mesmo que, aparentemente, essas pessoas compartilhem um mesmo universo cultural”<sup>9</sup>

Assim, a São Paulo genérica começou, a partir da atuação das pessoas nos espaços, a refletir a cultura e as necessidades da sociedade paulista, com sua diversidade e especificidades. Apesar da evidente importância do poder público e dos recursos públicos na implantação e manutenção desses lugares, o interessante do movimento partir das pessoas se dá nesse aspecto – os indivíduos se sentirem refletidos e acolhidos pela cidade. Portanto, a partir do caminhar e de perceber a cidade através da ocupação dos lugares, as pessoas estão mudando a sua relação com os espaços públicos; apesar de São Paulo ainda se apresentar como uma metrópole esquizofrênica com espaços públicos devassados, é nítida a vontade de

---

<sup>9</sup> LEITÃO, Lúcia. *Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2014. p. 22



Estação da Luz  
Acervo pessoal, 2014

mudança e de ocupação por parte dos cidadãos, e de transformá-la em um lugar mais *humano* com mais espaços de troca.

E, finalmente, é em meio a esse movimento que este trabalho se coloca; tendo percebido a vontade das pessoas em transformar os espaços *opacos* da cidade e de ocupar as ruas, é pertinente o resgate ideológico da corrente iniciada pelos críticos do movimento moderno e do caminhar como prática estética para estabelecer um diálogo entre arquitetura, urbanismo e a população. A análise de um entorno urbano a partir da experiência do caminhar pode ser entendida como uma maneira de fazer arquitetura que atende às novas demandas urbanas – espaços que refletem as vontades dos indivíduos e que amparem a necessidade de *encontro, troca, devaneio e contemplação – de vivência de cidade* – que desapareceram junto com a morte dos espaços públicos; e que assim comecem a modificar o ritmo vivido pelas pessoas nas grandes cidades.

“ Não é apenas de maneira metafórica que é possível comparar – como já se fez muitas vezes – uma cidade a uma sinfonia ou a um poema; são produtos de natureza idêntica. A cidade, talvez mais preciosa ainda, (...) provém simultaneamente da procriação biológica da evolução orgânica e da criação estética. É ao mesmo tempo objeto de natureza e sujeito de cultura; indivíduo e grupo; vivida e sonhada; a coisa humana por exceléncia”<sup>10</sup> – Levi Strauss

---

<sup>10</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 64



## **PARTE II**



## O Jogo do caminhar

*“Hoje se pode construir uma história do caminhar como forma de intervenção urbana que traz consigo os significados simbólicos do ato criativo primário: a errância como arquitetura da paisagem, entendendo-se com o termo paisagem a ação de transformação simbólica, para além de física, do espaço antrópico.”<sup>1</sup>*

- Francesco Careri

---

<sup>1</sup> CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.  
p.28

A partir do entendimento do caminhar crítico, portanto, como prática estética e analítica, das questões do espaço público na cidade contemporânea e da percepção da expectativa que vive o paulista em relação a retomada dos espaços da cidade, que se propõe a realização deste trabalho. O que se apresenta é uma maneira de se aproximar da cidade a partir do caminhar e do olhar subjetivo orientado a desvendar situações no espaço urbano que possam contribuir para uma melhoria do acesso ao espaço público e, consequentemente, a vivência do Coletivo e do abrigo na cidade.

O que se propõe não é um *método*, mas um *experimento* de análise e proposição a partir da experiência presencial, instrumento que condiz com a dinamicidade de uma metrópole contemporânea. Acredita-se que, junto com os instrumentos convencionais de análise, o olhar subjetivo, a partir do caminhar, recolhe informações extremamente relevantes para o entendimento do funcionamento das cidades. É, a partir do jogo do caminhar que se faz possível o entendimento das dinâmicas sociais, dos fatores imateriais e dos *espaços de sobra* que compõe o espaço urbano, indicando possibilidades de resgate da cidade lúdica, da *cidade do encontro*.

O objetivo, é, portanto, a partir de um estudo de caso, experimentar a possibilidade de intervir na cidade através da experiência presencial, com o intuito de resgatar a vivência de espaço público que condiz com o tempo não utilitarista da experiência urbana. Acredita-se que a partir do caminhar analítico é possível encontrar pontos de *impedimento* no espaço urbano e entender as suas possibilidades de transformação, convertendo uma cidade hostil e genérica em uma cidade que possibilita a experiência do Coletivo; encontrar as possibilidades de uma cidade nômade e lúdica dentro da cidade utilitarista.

Além disso, no estudo de caso proposto, que é a cidade de São Paulo, a busca pela cidade nômade e pela vivência nos espaços públicos se mostra coerente, pois não se justifica somente pelo fato desta ser uma questão importante nas metrópoles contemporâneas, mas também porque os próprios cidadãos têm, nos últimos anos, levantado a urgência de uma mudança na maneira de se fazer cidade. Assim, a arquitetura e o urbanismo podem se colocar não como uma imposição, mas como um amparo que percebe a carência e a demanda por espaços de abrigo do Coletivo. Este trabalho, portanto, é uma experiência de utilizar o jogo do caminhar, como proposto por críticos desde Guy Debord a Francesco Careri, para desvendar a possibilidade da cidade lúdica que existe na cidade contemporânea através de um estudo de caso na cidade de São Paulo.

*"Podemos então pensar que a Nova Babilônia se esconde nas brechas, nos interstícios, nas sombras e sobras da cidade espetacular contemporânea e que o grande jogo do caminhar de Careri, diferente do "grande jogo do porvir" de Constant [...] seria um jogo do tipo detetive em busca dessas situações lúdicas já existentes nas cidades, uma busca da cidade nômade escondida dentro da cidade sedentária ou, para falar como Deleuze e Guattari, um jogo de procurar Nomos dentro da Pólis, um jogo de esconde-esconde, em que os jogadores caminhantes buscariam o próprio princípio do jogo na cidade [...]. Os jogadores desse grande jogo urbano caminhatório e exploratório descobririam então que o próprio espaço do jogo, do homo ludens, resiste e sobrevive em todos esses espaços de indeterminação das nossas cidades."<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> BERENSTEIN, P. Prefácio. In: CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. p.13



## **Dos instrumentos**

"Não se vive em um espaço preto e branco; não se vive, não se move, não se ama no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, move-se ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. Há regiões de passagem, ruas, trens, metros; há regiões abertas de parada transitória, cafés, cinemas, praias, hotéis, e há regiões fechadas de repouso e moradia."<sup>1</sup>

· Michel Foucault

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico, as Heteotopias.** São Paulo: n-1. 2015. p. 19

Ao se colocar, neste trabalho, a vontade de analisar e intervir na cidade através de uma experiência do corpo presente no espaço, é natural que os instrumentos utilizados para documentar o processo estejam de acordo com esta proposição. Assim, sem desvalorizar a importância das ferramentas convencionais utilizadas na disciplina do urbanismo, o que se propõe é uma experiência de análise a partir de três instrumentos entendidos como mais representativos da experiência do corpo presente na cidade; do que é este *espaço quadriculado, recortado, matizado* como colocado por Foucault; são eles o próprio caminhar crítico traduzido em uma *corpografia*, a fotografia e o mapeamento subjetivo.

O caminhar, instrumento fundamental para a realização deste trabalho, pode ser entendido como a experiência do corpo presente no espaço por excelência. Foi a partir do caminhar crítico, do olhar peripatético e do *estar* no espaço real que se deu todo o desenvolvimento deste trabalho, pois entendeu-se que somente assim seria possível entender os fenômenos que caracterizam cada lugar *de fato*. Porém, o caminhar atento pode se desdobrar de diversas maneiras, e, neste caso, se deu principalmente através da criação de *corpografias*, ou mapas corpóreos, como colocado por Fabiana Britto e Paola Jacques.

“As corpografias formulam-se como resultantes da experiência espaço-temporal que o corpo processa, relacionando-se com tudo o que faz parte do seu ambiente de existência: outros corpos, objetos, ideias, lugares, situações, enfim; e a cidade pode ser entendida como um conjunto de condições para essa dinâmica ocorrer. O ambiente não é para o corpo meramente um espaço físico disponível para ser ocupado, mas um campo de processos que, instaurado pela própria ação interativa dos seus integrantes, produz configurações de corporalidade e ambiência (...) permitem compreender as configurações urbanas como memórias

especializadas dos corpos que as experimentam. Elas expressam o modo particular de cada corpo conduzir a tessitura de sua rede de referências informativas, a partir das quais o seu relacionamento com o ambiente pode instaurar novas sínteses de sentido ou, coerências”<sup>1</sup>

As corpografias, portanto, foram traduzidas como a incorporação do ambiente, em que através da vivência no espaço o próprio corpo absorve informações e reage de acordo com a memória do lugar retida a partir de passagens e vivências repetidas. Pode ser entendido como o registro, no subconsciente, das informações físicas e subjetivas que resultam em uma coreografia específica, que se modifica dependendo de influências externas. Um jogo de ação e reação entre o corpo e o espaço que acontece naturalmente através da repetição de um caminhar atento.

A fotografia, por sua vez, foi o instrumento mais imediato de registro encontrado para fazer a tradução do vivido para uma imagem, um elemento material palpável. A fotografia pode ser entendida, neste caso, como um instrumento interessante pois é, ao mesmo tempo um modo de registrar a realidade da maneira mais fiel possível e uma construção artificial dessa realidade. Ou seja, por mais que a fotografia capture exatamente o que está sendo visto pelo autor de maneira documental, fazer uma fotografia exige uma postura crítica de seleção de luz, enfoque e enquadre- “a fotografia formaliza uma visão sobre as coisas e, portanto, está carregada de subjetividade (...) implica não somente em ter uma postura espaço-temporal, mas também filosófica, estética e moral.”<sup>2</sup>

Assim, a fotografia foi entendida como uma maneira de reconstruir, através de imagens documentais, a realidade vivida ao longo do caminhar. De expressar e de avisar o observador qual foi a leitura pessoal feita sobre determinado espaço, para onde se desviou o olhar, quais os eventos notados e quais os aspectos enfocados ao longo da caminhada. A fotografia permite uma leitura selecionada, recortada e crítica de determinado lugar. Como colocam Miriam Tavares e Ana Soares-

“Cada cidade é única para aqueles que a habitam; as diversas camadas urbanas só podem ser compartilhadas através da criação de imagens reflexivas e auto-referenciais – por-

---

1 BRITTO, Fabiana e Jacques, Paola. **Corpocidade debates em estética urbana**. Salvador: EDUFBA. 2010. p. 14 e 15.

2 QUINTELA, I. **Guia Para la Navegación Urbana**. Mexico DF: UI, 2010. p. 16. *Tradução livre*.

que, assim como o flâneur, o artista (fotógrafo) que vagueia e compõe um trabalho a partir desta caminhada se torna parte daquilo que a câmera captura”<sup>3</sup>

Finalmente, a experiência do corpo presente, além de resultar em registros coreográficos e fotográficos, também pode ser expressada através de mapas e desenhos bidimensionais. O mapa é uma maneira de organizar o espaço vivido e de apropriar-se de espaços, levando informações de uma escala incontrollável para uma que seja tangível. Através do mapeamento é possível lidar com o espaço de maneira palpável, enxergando territórios que, ao caminhar são vividos em diferentes planos, como um conjunto único. Porém, os mapas não são uma representação exata do existente, justamente por traduzirem informações tridimensionais para o plano bidimensional, e sim uma interpretação.

Portanto, neste caso, os mapas se deram como um instrumento importante de registro do caminhar por serem uma maneira de transformar informações invisíveis em materiais. Porém, não se deu prioridade para o mapa como tentativa de uma representação fiel do espaço construído, mas como uma maneira de formalizar e localizar tanto os fenômenos morfológicos presenciados quanto questões subjetivas, como sensações, pensamentos e eventos fenomenológicos. Por isso utilizou-se de uma mistura de linguagens, como textos e diferentes grafismos, sempre com o intuito de transladar uma experiência tridimensional para uma folha de papel, assim como os mapas propostos pelo urbanista Iván Quintela:

“O mapa de uma só e simultânea vez te fala aonde foi, aonde está e para onde vai – três tempos em um. Mas aqui não se está interessado em pássaros que voam sobre a cidade, mas sim em visões a partir do chão. É por isso que aqui se evidenciam mapas que não tentaram observar a distância, mas que registraram a corporalidade de nossa presença nela. (nestes mapas) Somos caminhantes cujo peso em si transforma ao mesmo tempo em que registra. (...) Os mapas estão feitos não para serem lidos, mas para serem recorridos; não em escala, mas um a um – corpo e cidade”<sup>4</sup>

---

3 TAVARES, Miriam e SOARES, Ana. **City, photography and cinema: the representation of the flâneur in audiovisual em Flaneur New Urban Narratives**. Procurarte. p. 91 . *Tradução livre*.

4 QUINTELA, I. **Guia Para la Navegación Urbana**. Mexico DF: UI, 2010. p. 45. *Tradução livre*

Portanto, os instrumentos de absorção e documentação do processo de análise da cidade através do caminhar foram escolhidos com o intuito de traduzir a experiência do corpo presente. Entende-se que, como colocado por Gaston Bachelard, “*o espaço habitado transcende o geométrico*”<sup>5</sup>; e por isso, a maneira de analisar a cidade e os instrumentos utilizados para tal devem estar de acordo com esta postura. E, acredita-se que o caminhar e a criação de corpografias, a fotografia e o mapeamento subjetivo são ferramentas capazes de, justamente, transcender uma leitura puramente geométrica do espaço e retratar os elementos aqui valorizados.

“Em definitiva, o mapa, apesar de estático, pressupõe uma narrativa, é concebido em função de um itinerário, é uma odisseia.”

Ítalo Calvino

---

5 BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p. 62



## **Caminhar : Um Bairro**

“(...) onde quer que exista uma perfeita experiência espacial a viver, nenhuma representação é suficiente, devemos nós ir, ser incluídos, tornarmo-nos e sentirmo-nos parte e medida do conjunto arquitetônico, devemos nós próprios mover-nos. Todo o resto é didaticamente útil, praticamente necessário, intelectualmente fecundo; mas é mera alusão e função preparatória dessa hora em que, todos nós, seres físicos, espirituais e, sobretudo, humanos, vivamos os espaços com uma adesão integral e orgânica.”<sup>1</sup>

-Lúcia Leitão

---

<sup>1</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 159 – citando Bruno Zevi

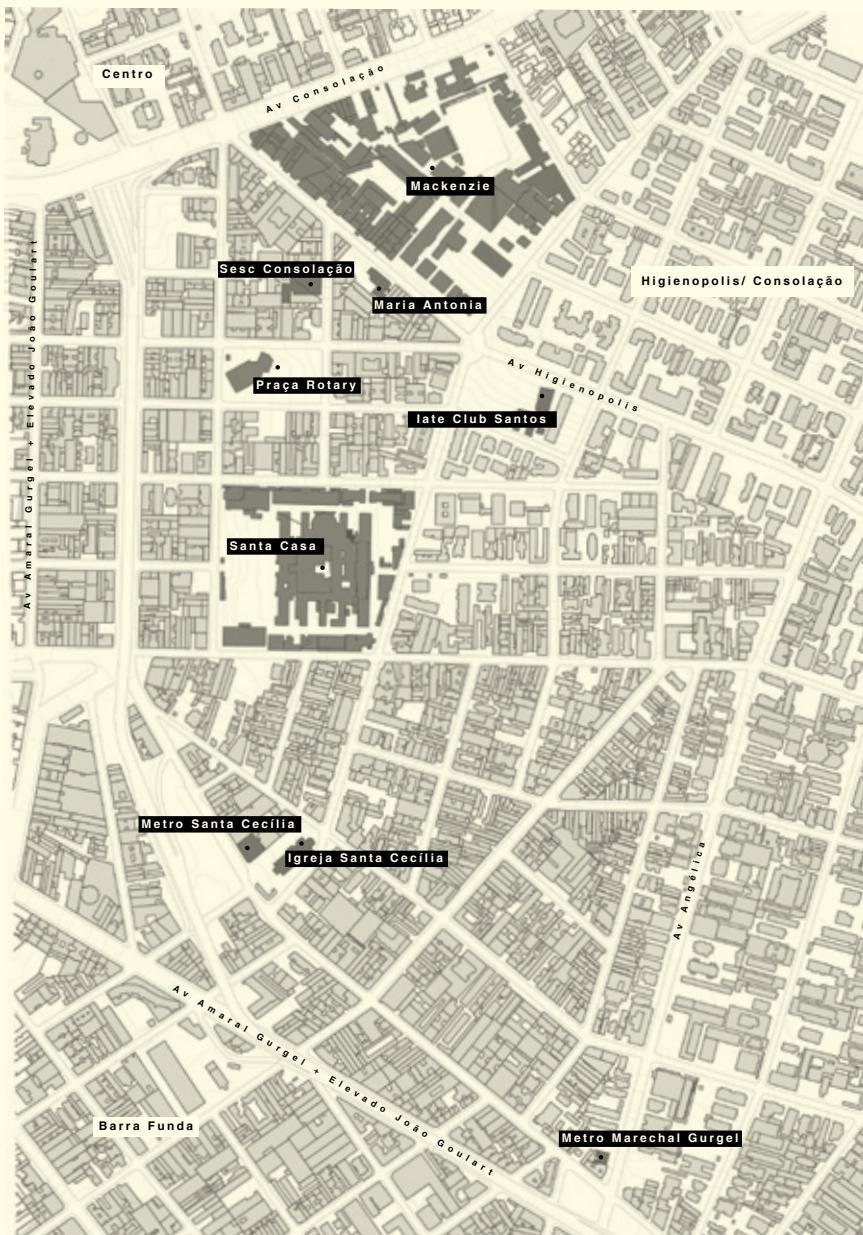
Após a justificativa sobre fazer arquitetura a partir do caminhar, propõe-se desenvolver um experimento de atuação na cidade sob este olhar. O que se apresenta é uma amostra de análises e intervenções a partir da percepção das dinâmicas de uma determinada área como exemplos de atuação- como operar no meio urbano a partir da experiência presencial para encontrar espaços e situações que, com pequenas intervenções, melhorem a relação das pessoas com os espaços da cidade. Buscar em uma metrópole complexa, consolidada, e com uma enorme demanda de espaços de encontro, o resgate da qualidade fundamental das cidades – experiência de usufruto do espaço público.

“A cidade não é uma mera passagem para os artistas, tampouco um simples lugar de estar: acima de tudo, é o *locus* de construção de novos caminhos e de cartografias alternativas. É construída e animada como uma experiência do habitável e do visível. Com a modernidade, conceitos de espaço e tempo apareceram. Com o intuito de sobreviver a fragmentação nossa percepção organiza a nossa experiência visual – o que vemos é um fluxo contínuo de sentido naquilo que é constituído de pedaços espalhados, lugares diferentes e temporalidades diferentes. (...) o dialogo entre passado e presente é constante em cada rua, e é experimentado em consonância com essa temporalidade dinâmica e dialógica.”<sup>1</sup>

Para dar inicio a caminhada, portanto, entende-se a cidade como um espaço de experiência aonde se pode compreender os diferentes fragmentos desse universo urbano dinâmico e vivo; para assim perceber quais são os elementos tanto arquitetônicos/espaciais quanto sensoriais/fugazes que caracterizam estes *pedaços*

---

<sup>1</sup> TAVARES, Miriam e SOARES, Ana. **City, photography and cinema: the representation of the flâneur in audiovisual em Flaneur New Urban Narratives.** Procurarte. Tradução livre. p. 91



*espalhados* de cidade. É a partir do caminhar que é possível absorver todos os elementos que compõe um lugar e como eles se relacionam, descobrindo, assim, quais são as questões relevantes de um espaço específico e as situações com possibilidade de mudança: apropriando-se de um determinado território em que se distinguem as suas particularidades e que se descobre o seu potencial.

Começa-se este experimento, então, com o caminhar : “É às incessantes caminhadas dos primeiros homens que habitaram a terra que se deve o início da lenta e complexa operação de apropriação e de mapeamento do território”<sup>2</sup>. Assim como os homens nômades do paleolítico até os críticos do movimento moderno, caminha-se com o intuito de explorar o território, de sentir a paisagem e de analisar o entorno; para assim poder entender suas particularidades, mapear seus elementos e enxergar suas potencialidades. Em um primeiro momento, o caminhar atento, é feito como em uma deriva, inspirada nos situacionistas – guiado pela aleatoriedade, mas seguindo um conjunto de regras. Neste caso a regra se dá pelo limite do território explorado; dentro da vastidão pela qual se conforma a metrópole paulista foi escolhido um bairro como foco para este experimento. A área escolhida faz parte do bairro de Santa Cecília, conforme pode ser visto no mapa ao lado.<sup>3</sup>

A escolha desta área se deu, neste caso, por uma vontade de sair do centro tradicional da cidade, já tão cheio de símbolos, mas ao mesmo tempo manter-se próximo a ele; trabalhando em algum lugar que ainda fosse representativo da cidade. Assim as derivas propostas se apresentam, já, com um conhecimento individual subjetivo prévio mas com espaço para novos significados. O intuito foi de fazer um experimento sobre como atuar na cidade, e, portanto, a escolha dos limites estudados foi, de certa maneira, aleatória. Porém, uma vez delimitada a área de trabalho suas especificidades se fizeram relevantes.

Na área de atuação escolhida, trecho que se encontra entre Santa Cecília e Vila Buarque, foi delimitado para o trabalho o pedaço de cidade que se comprehende entre as avenidas Higienópolis, Angélica, Amaral Gurgel, Consolação, Rua Piauí e Rua Itambé<sup>4</sup>. A história do bairro que hoje é entendido como Santa Cecília e Vila Buarque começou em 1860, quando um conjunto de moradores pediu permissão para a prefeitura para construir uma capela no loteamento que

---

2 CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. p.28

3 Mapa 1 “área de atuação”p. 66.

4 Mapa 2 “limites de estudo”p. 68.



## **MAPA 2 : LIMITES DE ESTUDO**

havia sido feito em uma região de chácaras ao lado do centro da cidade.<sup>5</sup> Até 1940 o bairro cresceu com a construção de casas grandes com áreas de jardim, que a partir de então, começaram a dar lugar a edifícios de classe média; sempre com muito movimento comercial e uma referência em equipamentos - escolas, centros culturais, equipamentos de saúde e transporte público. Porém, cortado pela construção do Elevado Costa e Silva nos anos 1970 o bairro sofreu com a degradação da região central de São Paulo, e hoje passa por um processo de recuperação.

Ao se caminhar pela área delimitada foi possível perceber todas essas camadas de história que existem no bairro, tanto de situações passadas quanto os diversos tempos contemporâneos do dia a dia da cidade. Neste primeiro momento, as caminhadas foram feitas, dentro da área proposta, de maneira livre e espontânea sem um trajeto delimitado, com o objetivo de reconhecimento. Ao caminhar, atentou-se a todos os sons, vozes, cheiros, luzes, morfologia, topografia, aberturas, passagens, texturas – todos os estímulos sensoriais percebidos ao longo do trajeto. Foi possível perceber que, diferente de análises a partir de documentos, a assimilação da cidade através do caminhar é instantânea, a ação do caminhar possibilita perceber imediatamente todos os signos dispersos no ambiente e, assim, ler, ao mesmo tempo, a multiplicidade de informações que compõe a cidade.

As caminhadas de reconhecimento feitas pelo bairro, após o início deste trabalho conformam um conjunto de dez trajetos aleatórios, em que se buscou percorrer, no total, a maior área possível do entorno proposto, podendo assim ter um entendimento de todo o bairro. Os mapas a seguir apresentam os percursos percorridos, o tempo levado para percorrer cada um deles e algum evento notável durante o percurso. Porém, as caminhadas foram bastante livres e foram registradas, principalmente, através da fotografia, instrumento adequado para representar as situações encontradas no percurso; diferente do mapa, onde os espaços são apresentados sistematicamente com escalas baseadas em distâncias<sup>6</sup>, as fotografias estão mais relacionadas à escala do tempo e do pensamento, em que os eventos encontrados se apresentam de forma fragmentada, compondo um conjunto de imagens e sensações para poder compor uma percepção do que é o bairro através do ato de caminhar. “O

---

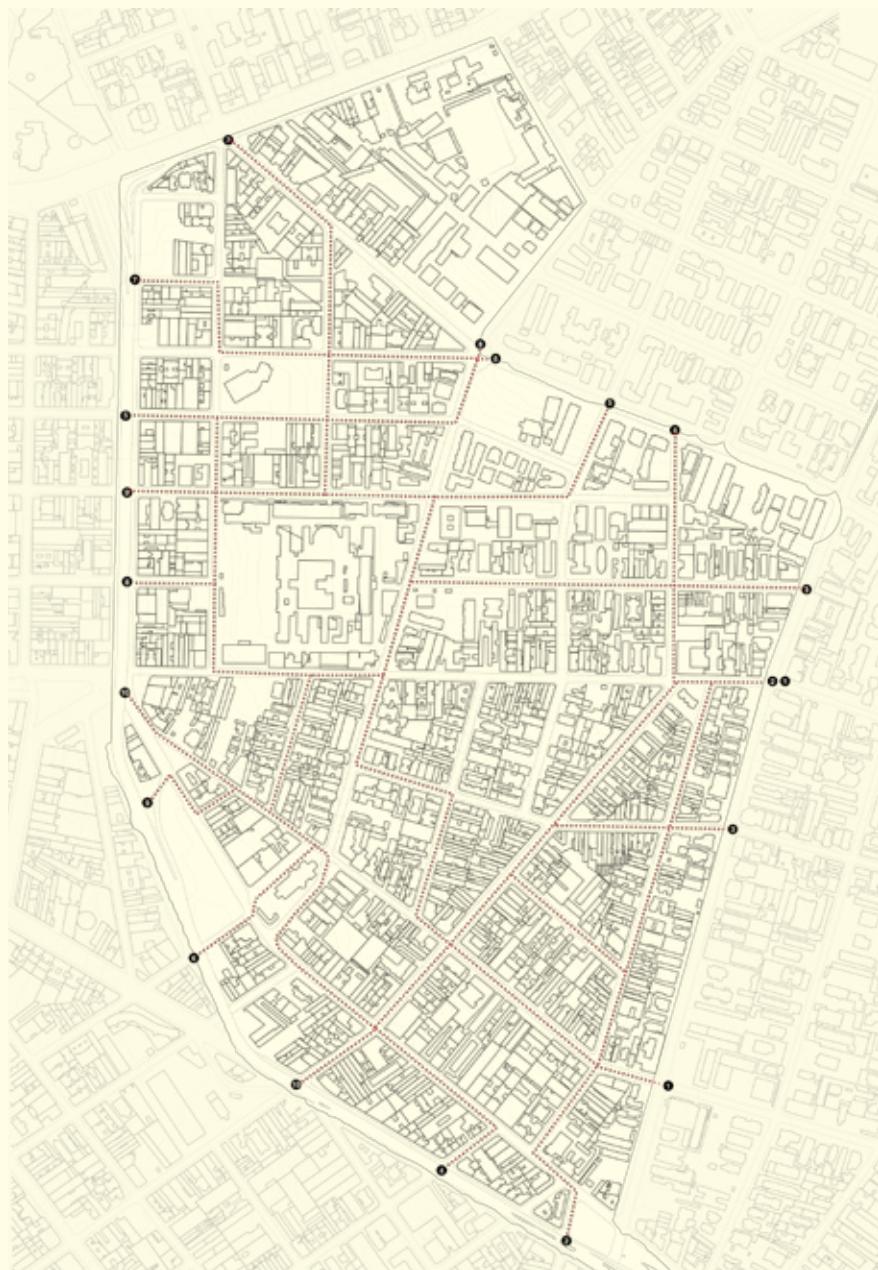
5 JORGE, C. **Série História dos Bairros de São Paulo: Santa Cecilia.** Vol 30. São Paulo: DPH

6 CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano.** São Paulo: VOZES, 2000. p. 212

fotógrafo, assim como o flâneur, caminha pela cidade em busca de elementos que possam compor sua percepção visual do mundo”<sup>7</sup>. Essa primeira etapa de reconhecimento, através da fotografia e do próprio caminhar foi adequada e suficiente para incorporação e entendimento do ambiente.

---

<sup>7</sup> LIMA, Cláudia. **When the masses enter history. Photographical wanderings within the urban web of Salvador, Bahia em Flaneur New Urban Narratives.** Procurar. Tradução livre. p. 123



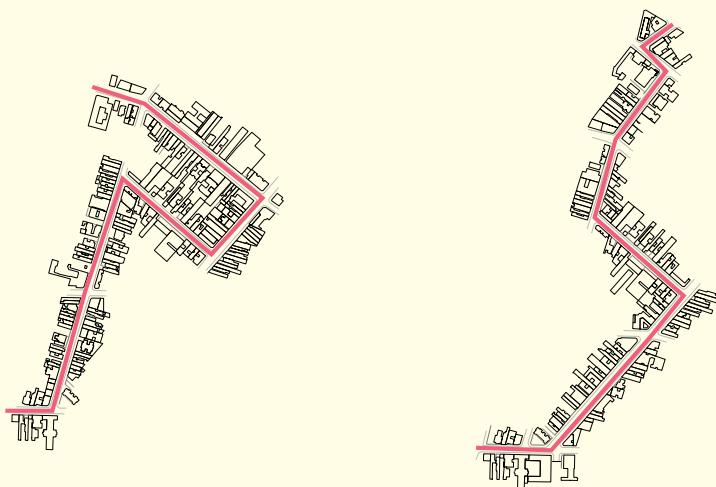
10 TRAJETOS DE RECONHECIMENTO

**1**

1km + 89m  
 1h40min  
 dir nordeste  
 quarta-feira, tarde  
 \* parada banca

**2**

1km + 07m  
 30min  
 dir norte  
 quarta-feira, tarde



pesteo andando na via arborizada  
 de casas antigas, algumas  
 tombadas... sei que vai restaurar?  
 parada na banca todo dia para olhar  
 revistas

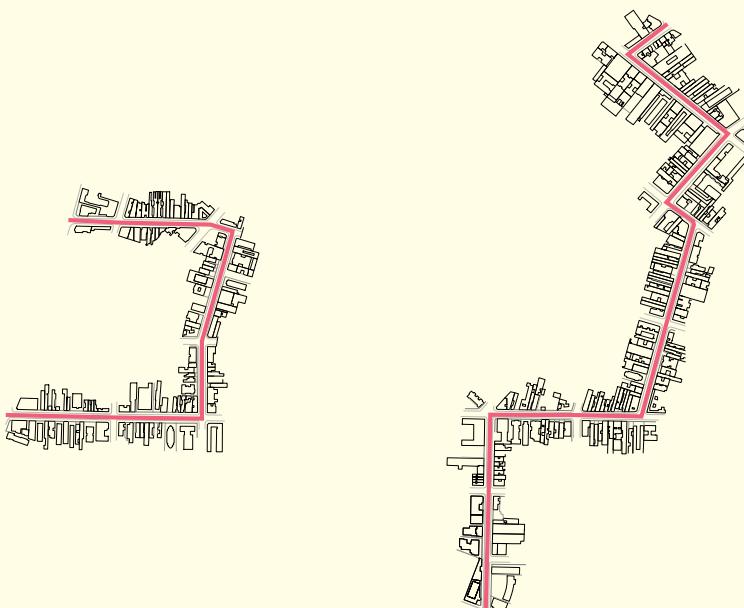
saindo do mithoca para entrar  
 no bairro... não muita diferença de  
 sensação, daí para dentro tem a topografia

**3**

886m  
15min  
dir leste/ oeste  
domingo, meio dia

**4**

1km 350m  
40min  
dir sul  
quarta-feira, tarde



Volta rápida antes de voltar para casa.  
Várias pessoas se preparam para o  
almoço, comendo corrida ou isolados  
atayes.

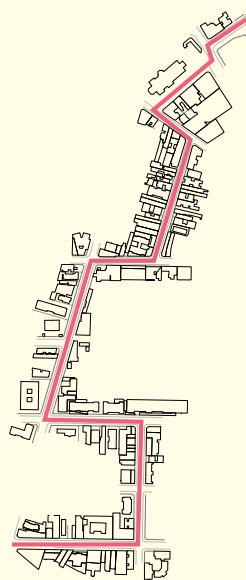
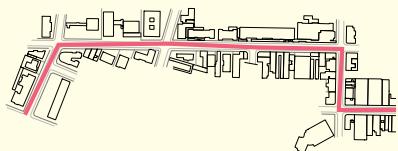
Cidade tranquila, podia estar mais bem cuidada.  
Passei na padaria para comprar uma pasta  
grande distância da barulho na rua, ate lá  
o resto do bairro.

**5**

786m  
10min  
dir oeste  
segunda-feira, manhã

**6**

1km 290m  
54min  
dir norte  
quinta-feira, tarde  
\* arredores da igreja



pestos andando na na arborizada  
área de casas antigas, algumas  
tombadas... será que vão restaurar?  
parada na banca todo para olhar  
revistas

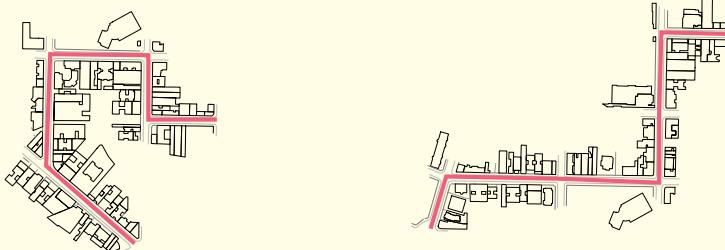
saindo do mistério para entrar  
no bairro... não muita diferença de  
sentimento, daí para dentro tem a topografia

**7**

1km 700m  
12min  
dir leste  
sexta-feira, noite

**8**

719m  
1h20min  
dir sudoeste  
quinta-feira, tarde  
\* parada para café



Volta rápida antes de voltar para casa.  
Várias pessoas se preparam para o  
almoço, comendo correndo ou isolados  
atayres.

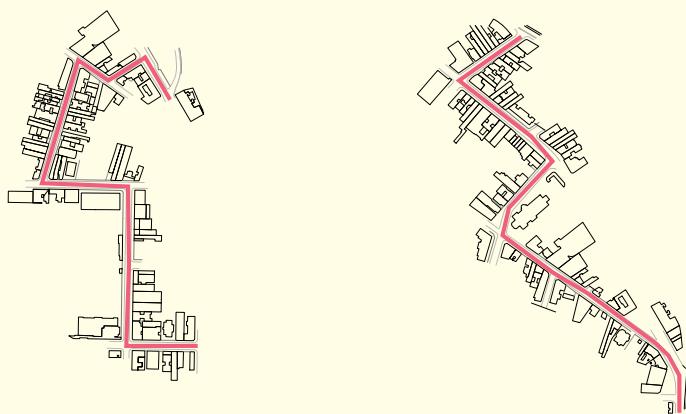
Cidade tranquila, podia estar mais bem cuidada.  
Passei na padaria para comprar uma pasta  
grande distância da barulho na rua, ate lá  
é resto do bairro.

**9**

848m  
35min  
dir norte  
segunda-feira, tarde

**10**

768m  
23min  
dir sudeste  
terça-feira, manhã



pestos andando na na arboizada  
dura de casas antigas, algumas  
tombadas... será que vai falar?  
parada na banca toda para olhar  
revistas

saindo do mithoca) para entrar  
no bairro... sólta muita diferença de  
sentimento, dei para dentro bem a topografia.

Ao caminhar, portanto, chegou-se a diversas conclusões em relação à área escolhida. A princípio, foi possível perceber os diferentes tempos, tanto o desta que caminhante que ao completar o trajeto assimilou elementos diferentes dependendo da velocidade em que os completava, quanto dos lugares e usuários dos locais pelos quais caminhou. Nos trajetos em questão foi possível perceber, por um lado, lugares em que o tempo é mais melancólico, passa mais devagar e as pessoas são ou inexistentes ou quase imóveis – por exemplo ruelas vazias ou esquinas aonde se toma um café; e por outro lado trechos aonde o movimento é acelerado, as pessoas caminham com velocidade, e elementos como carros, sons e cheiros transitam em grande quantidade e rapidamente.

Atrelado à essa variação de tempos está a percepção de cheios e vazios. Não cheios e vazios como tradicionalmente entendidos pela arquitetura, mas cheios e vazios de estímulos. Existem, no trecho proposto, lugares que bombardeiam o caminhante com informações, estímulos e pensamentos e, em meio a estes locais, lugares de evazamento, de pouca informação e de abertura de espaço para absorção das informações adquiridas. Assim, é possível atribuir ao local estudado um caráter de fortes contrastes, composto por conjuntos de trechos de alta velocidade e estímulos, de muito **movimento**; e por conjuntos de trechos de baixa velocidade e poucas informações, ou seja, pouco movimento ou **pausa**.

A percepção tanto do tempo do lugar quanto dos elementos que o compõe dependem do ponto de vista do observador e, neste trabalho é proposta uma análise através do *meu* caminhar e do *meu* olhar subjetivo, criando uma narrativa própria. Mas, é importante apontar os diferentes olhares que passam por este local e o percebem de maneira singular. Santa Cecília é um bairro bastante plural, com uma grande oferta de equipamentos públicos; endereço de escolas conhecidas como o Mackenzie e de lugares de referência, como a Santa Casa e o Sesc Consolação e, além disso, abriga uma grande quantidade de unidades de comércio, escritórios e residências – e por isso, os olhares e os caminhantes que frequentam o bairro cada dia, desde moradores de rua, a estudantes, moradores do entorno e passageiros pontuais, são igualmente plurais. O registro e o entendimento de um percurso não existem sem traços do seu narrador e, além de perceber quão interessante é o fato de haverem tantos narradores diferentes circulando pelo bairro e criando suas próprias percepções, essa grande quantidade de pessoas que transitam pelas ruas e que fazem suas próprias narrativas do

lugar e expressam diferentes coreografias, se influenciam, e também, consequentemente, fazem parte da *minha* percepção dos trajetos.

Finalmente, é possível perceber neste recorte da cidade os diferentes momentos mencionados. O interessante e peculiar do bairro é que sua construção se deu em diversos momentos da história e, por isso, apresenta diferentes qualidades de cidade. Em alguns trechos é possível notar os resquícios de uma cidade mais próxima à escala humana, com traçados de rua sinuosos em que existe uma tendência, apesar de tímida, de criar abrigos íntimos no espaço urbano e de transbordamento de ambientes interiores para o exterior. Nesses trechos é possível perceber uma sensação de vizinhança, uma vontade de encontro e de possibilidade de existência do Coletivo. Porém, no mesmo tecido urbano convivem intervenções, como grandes edifícios, o elevado e outras construções, que resultam em ambientes hostis que, como colocado por Ângelo Bucci, destacam a *pequenez* do indivíduo<sup>8</sup> e dificultam a vivência e o encontro do Coletivo, mas que, ao mesmo tempo, conferem ao bairro uma velocidade que gera, no transeunte, a sensação de estar em uma metrópole contemporânea.

As caminhadas pelo bairro foram importantes para o entendimento da atmosfera da região e da percepção, tanto do funcionamento ou ofertas do lugar, quanto de suas carências. O que ficou evidente ao longo dos trajetos foi o contraste de sensações vividas pelo transeunte que caminha pelo bairro, assim como a fragmentação do conjunto. Devido aos diferentes tempos, pessoas e configurações de espaços vividos por quem percorre o bairro, as sensações ao se caminhar apresentam uma enorme variedade e são percebidas como um bombardeio de informações. A questão de que ao caminhar se vivencia estímulos tão variados e contrastados foi ilustrada através do jogo de palavras a seguir, onde as palavras dispostas sem uma ordem aparente ou previsível expressam os pensamentos ao longo de uma caminhada pelos trajetos propostos. Já a questão da fragmentação percebida ao longo dos percursos foi ilustrada na imagem seguinte, onde um mapa do local foi alterado para expressar não a morfologia real das ruas, da localização e distâncias dos lotes, mas sim a sensação de fragmento que se tem do conjunto.

Portanto, o que se pode concluir destas primeiras caminhadas é que apesar das particularidades em respeito a tempo, frequência, morfologia e sensa-

---

<sup>8</sup> BUCCI, Angelo. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: RG, 2005. p 54

ções entre os diferentes trechos que conformam o conjunto da área definida, existem questões que são comuns a todos. Em todos os percursos é possível perceber a dualidade das diferentes maneiras de se construir cidade e a vivência acelerada do mundo contemporâneo nestes espaços. O contraste entre sensações e tempos e a percepção *fragmentada* se deu continuamente através das diversas caminhadas, e, a busca daqueles que frequentam este pedaço da cidade por lugares públicos de abrigo e de vivência do Coletivo é evidente. Assim, o desafio de atuação, neste momento, se coloca em reforçar esta sensação de abrigo, que em partes do percurso é inexistente e em outras se apresenta timidamente, e estimular a vivência do Coletivo nos espaços públicos – neste bairro aonde a oferta de equipamentos, habitação e comércio é extensa, aonde o *movimento* é acelerado e difícil; e que a oferta de espaços públicos, externos, de convivência são escassos, aonde a possibilidade de *pausa* - como encontro e devaneio - é limitada.

VAZIOS CACHORRO EMPENA CEGA PIXACAO ARVORES  
QUE FAZEM SOMBRA MURO PESSOAS ANDANDO NAO  
PODE TIRAR FOTO OLHA PELA JANELA HOMENS SEN-  
TADOS NO BAR JOGANDO CONVERSA FORA PARE FOL-  
HAS VOANDO TRAZ SEU AMOR DE VOLTA EM DEZ DIAS  
TIJOLOS MORADORES DE RUA ACAMPADOS ESQUINA  
VENTO PORTARIAS CHEIRO FORTE DE POEIRA BARUL-  
HO MUITO ALTO MUITA GENTE CARROS MOTOS CAOS  
PASSOS APRESSADOS CAFE DENTRO COM RISADAS  
COMPRAIS DIARIAS ENCONTROS MERCADO FARMAR-  
CIA OFICINA CONTROLE SOBE DESCE CHEIRO DE CO-  
MIDA ESTACIONAMENTO ABANDONO CONTRASTES  
DE LUZ PASSAROS PAZ POSTES PANFLETOS E CARTAZES  
HOMEM NA PORTA ENTRA E SAI CRIANCAS IDOSOS  
CORTINAS ROUPAS PENDURADAS GRITO BRIGA LIXO  
NO CHAO MUSICA ALTA CERVEJA PASSANTES ACENO  
BOA TARDE ALUGA-SE QUARTO CONSERTA-SE MOVEIS  
CHEIRO DE FRITURA CUMPRIMENTOS COMO FOI O DIA  
NA ESCOLA? BUZINAS BANCO SOL VENTO AGRADAV-  
EL DESENHOS NO MURO CAFEZINHO SORVETE POEIRA  
AGUA DE COCO SUCO DE MELANCIA QUANTO QUE  
TA O JOGO SEU ZE AMBULANCIA BUZINA MOTOR DE  
MOTO TREPADEIRAS ABRE E FECHA O PORTAO CHEIRO  
DE COISA VELHA HOMEM DORMINDO NA JANELA  
VARAL NA VARANDA PROCURASE CACHORRO PERDIDO  
FLAUTA UMA CAIXA DE MORANGOS CINCO REAIS ES-  
TUDANTES CONVERSANDO CIGARRO CERVEJA PASTA  
CADERNO PRESSA BUZINA CINCO CENTAVOS AONDE  
PEGA O ONIBUS MOCA APOIADA NA CACAMBA FLO-  
RICULTURA GARAGEM MOVIMENTO BICICLETA VEN-  
TO CAMPAINHA JALECO FILA PERSPECTIVA AZULEJOS  
SEMAFORO MURO EMPENA CEGA PIXACAO VAZIOS



***Ensaio I : Sobre Santa Cecília***





Av. Dq. Caxias  
Lgo. Arouche  
Pça. República



RUA  
DE VILA NOVA

81

81

imélia





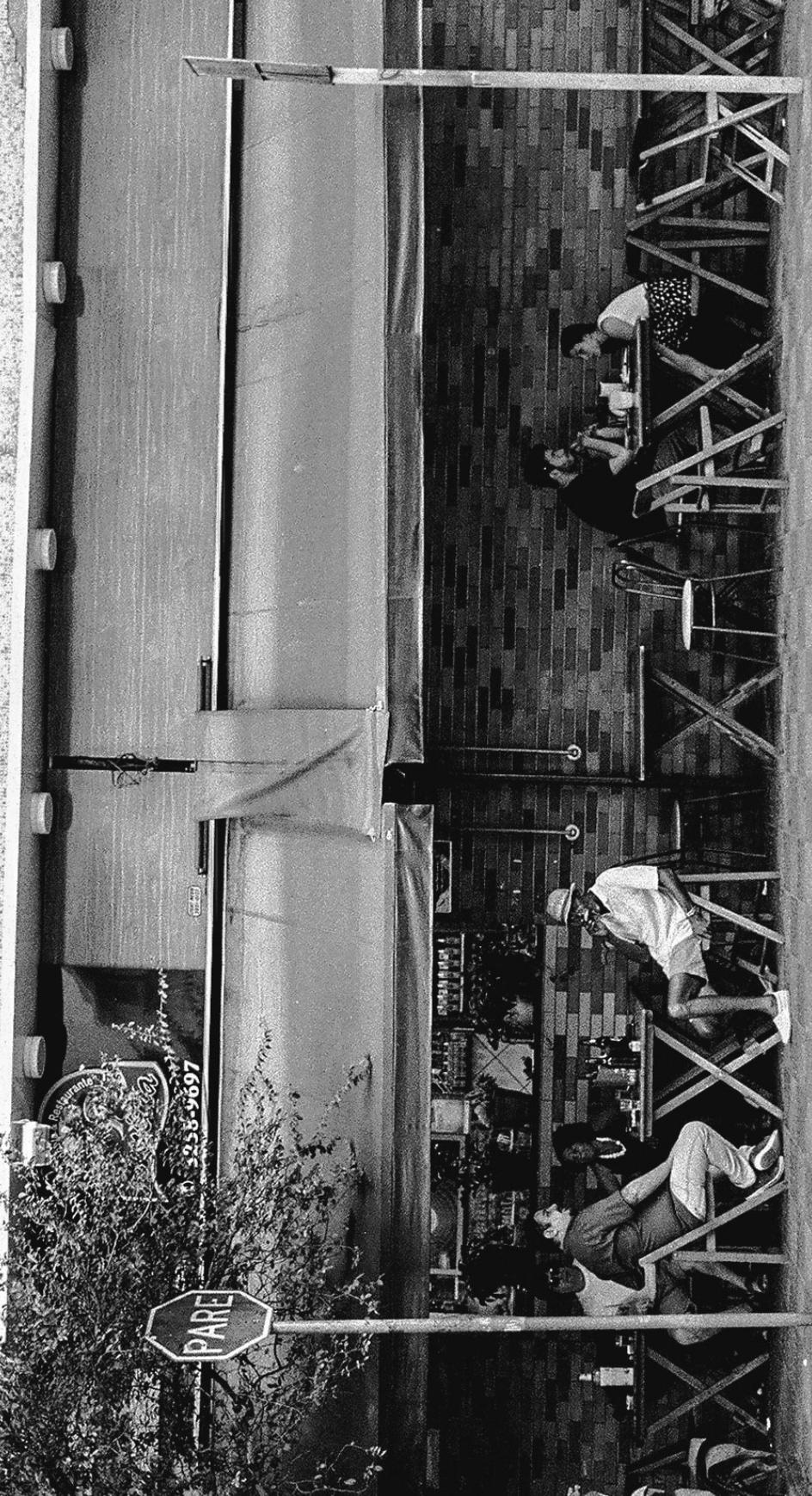














Museu da Cidade de São Paulo

PREFEITURA DE  
SÃO PAULO





## **Caminhar: Um Trajeto**

“Hoje a arquitetura poderia expandir-se ao campo do percurso sem deparar com as armadilhas da antiarquitetura. (...) Nesse espaço de encontro, o caminhar revelar-se útil à arquitetura como instrumento cognitivo e projetual, como meio para se reconhecer dentro do caos das periferias e como meio através do qual inventar novas modalidades de intervenção nos espaços públicos metropolitanos, para pesquisá-los, para torná-los visíveis. (...) O que se quer é indicar o caminhar como um instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços metropolitanos que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas. Assim, o caminhar revela-se um instrumento que, precisamente pela sua intrínseca característica de simultânea leitura e escrita do espaço, se presta a escutar e interagir na variabilidade desses espaços, a intervir no seu contínuo devir com uma ação sobre o campo, no aqui e agora das transformações; compartilhando desde dentro as mutações daqueles espaços que põem em crise o projeto contemporâneo. Hoje a arquitetura poderia transformar o percurso de antiarquitetura em recurso, expandir o seu próprio campo de ação disciplinar numa direção próxima a si, dar um passo na direção do percurso”.<sup>1</sup>

-Francesco Careri

---

<sup>1</sup> CARERI, F. **Walkscapes: o caminhar como prática estética.** 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. p.33

Após um primeiro entendimento da área de estudo, ou do contexto específico em que se pretende trabalhar, para uma maior aproximação de escala e de nível de percepção, foi delimitado um trajeto em que a análise e a experiência pudesse se dar de maneira mais densa. Neste momento, após caminhar livremente pelo bairro, o traçado de um trajeto bem definido e limitado realça a questão do percurso, de uma narrativa, que guia o olhar e o movimento ao caminhar. O prolongamento e a repetição da experiência presencial neste percurso permitiram a adição de camadas de complexidade e de vivência de um número maior de eventos, ampliando o entendimento das particularidades do lugar.

O trajeto escolhido foi, mais uma vez, traçado de maneira quase aleatória com o intuito de experimentar atuar sob as demandas de um lugar qualquer, e não de buscar um lugar para uma atuação que fosse conveniente. Buscou-se abranger uma grande variedade de eventos, fazendo com que o percurso passasse por diferentes núcleos do Bairro – tanto trechos de maior intensidade quanto trechos de menor frequência – aumentando a possibilidade de situações a se trabalhar. No mapa de delimitação do trajeto ao lado, é possível ver o seu traçado, que atravessa grande parte do bairro, passando pela Rua Baronesa de Itu, Barão de Tatuí, Alameda Barros, Rua Frederico Abrantes, Rua Jesuíno Pascoal, Rua Jaguaribe, Rua Dr. Cesário Mota Jr., Rua Santa Isabel, Rua Amaral Gurgel, Rua General Jardim e Rua Sabará.



**TRAÇADO DO TRAJETO**

A aproximação a esse trajeto foi feita de maneira parecida ao que se havia feito anteriormente em relação ao bairro, em que o intuito foi analisar a cidade a partir do caminhar. Foram feitas diversas passagens pelo trajeto proposto para que o corpo, como instrumento, pudesse assimilar e interiorizar as particularidades deste trecho da cidade; uma cartografia corporal como colocada por Fabiana Britto em *Corpocidade*:

“perceber (a cidade) pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressar a síntese dessa interação configurando um corpografia urbana: uma espécie de cartografia corporal, em que não se distinguem o objeto cartografado e sua representação, tendo em vista o caráter contínuo e recíproco da dinâmica que os constitui”<sup>1</sup>

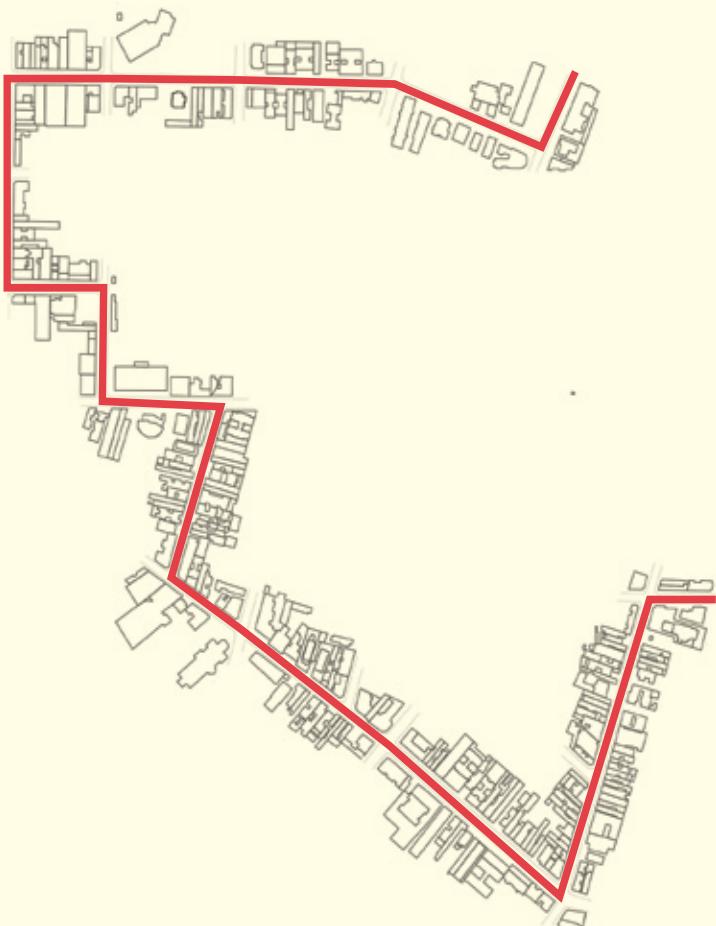
O método de análise do trabalho, portanto, se deu através de caminhadas ao longo desse trajeto. Foram feitas cinco caminhadas, ou derivas, atentas e registradas ao longo do trajeto para um melhor entendimento das situações morfológicas e fenomenológicas que o caracterizam. Essas caminhadas foram feitas a partir das duas direções – Rua Baronesa de Itu e Rua Sabará – em diferentes dias da semana, horários do dia, tempos de duração e tanto a pé como de bicicleta; sempre passando por todo o seu prolongamento; com o intuito de criar um percurso.

Os registros durante o trajeto foram feitos de três maneiras: anotações em um mapa, aonde se anotou todos os elementos percebidos durante a travessia; um texto para cada passagem feito logo depois de realizar o percurso, aonde o trabalho com a memória foi utilizado como recurso para perceber e fixar os pontos importantes dos eventos vividos durante o percurso; e através da fotografia - que retrata um olhar crítico sobre o que foi experimentado e que apresenta um recorte pessoal sobre as experiências de caminhadas pelo trajeto, colocadas aqui na forma de um ensaio<sup>2</sup>. Nestes mapas e textos foram escritos todos os pensamentos e eventos vivenciados no *momento* e logo após a caminhada, e por isso é importante apresentá-los entendendo-os como documentos primários, que, posteriormente, forma-

---

<sup>1</sup> BRITTO, Fabiana e Jacques, Paola. **Corpocidade debates em estética urbana**. Salvador: EDU-FBA. 2010. p. 14.

<sup>2</sup> Apresentado ao final do texto



#### PERCURSO PELO TRAJETO

ram a base de toda análise do trajeto. Foram das anotações e da corpografia criada durante as caminhadas que foi possível concluir e mapear questões a serem trabalhadas neste lugar.

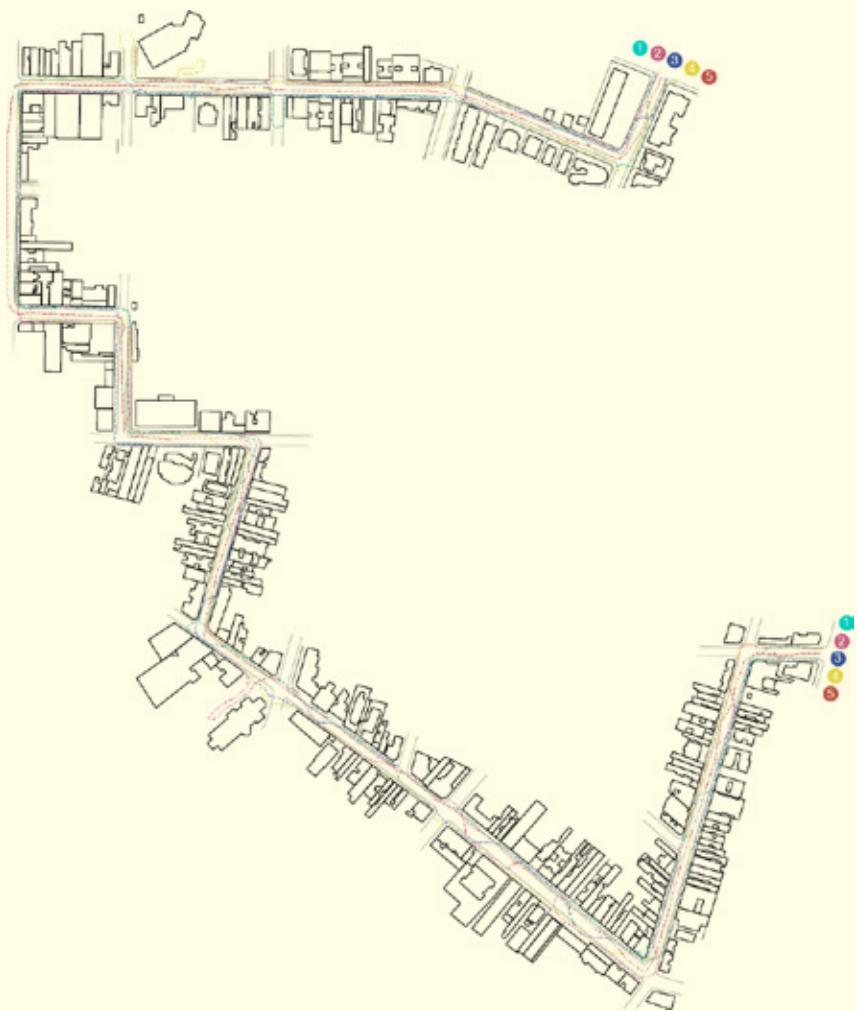
Assim, o registrar destas caminhadas fez-se importante, pois através deles foi possível fazer uma comparação das diferentes situações encontradas e descobrir suas frequências e relevâncias durante o percurso. O registro dos acontecimentos observados e dos pensamentos gerados durante o itinerário auxiliou no despertar dos sentidos e facilitou o acesso a um conhecimento de cidade já existente, além de garantir a retenção dessas informações para um momento posterior.

Durante e após o processo, foi interessante perceber como se deu a apropriação do espaço pelo corpo. As associações feitas durante as caminhadas estavam relacionadas tanto às particularidades do lugar e fenômenos externos, quanto a história e conhecimentos inerentes *meus*, e às próprias caminhadas feitas anteriormente.

Ao longo das diversas passagens, cada vez mais, era possível sentir a apropriação do espaço pelo corpo, pela qual este criou uma memória dos diversos trechos passados – tanto de barreiras ou aberturas físicas do espaço, quanto de sensações e emoções. Depois de certo ponto já era possível antecipar acontecimentos, como um som, um cheiro ou um obstáculo que eram confirmados ou não – modificando novamente a experiência seguinte.

Assim, foi possível criar um mapa mental e corpóreo do percurso estudado gerando uma narrativa nítida do local. Foi importante variar o sentido do percurso pois é muito perceptível a importância da ordem dos acontecimentos – se vindo de uma rua com muito ruído, por exemplo, a rua seguinte pode parecer silenciosa; mas vindo do sentido oposto pode ser que seja possível reconhecer a existência de um incômodo auditivo neste trecho também. Ou seja, foi possível perceber que o número de variações de tempo, velocidade e direção feitas influí na qualidade da narrativa gerada, pois as sensações são, muitas vezes, sentidas por comparação.

**5 CAMINHADAS**



concepi o percurso, deixa vez de bicicleta, assim todo o que acontecia dentro arquivado com outra velocidade, e ao invés de sentir e perceber nenhuma coisa de uma vez, os pensamentos e sensações possivelmente acabariam se misturando. Havia chorido muito e a densão de molhado e um pouco de fio estek presente por todo o trajeto. Confundido pelo choro de Tish havia uma áriva caida e bironha de Tish bastava murchado, chomada a cheia, voltar bastante murchado pela atençao um liquido branco escorrendo pela rrd, que era sabido que estavam usando de bicicleta por ai com tantos carros e motos aprenocados e beginando. Ao virar na Rua General mud, que era sabido que estavam usando de bicicleta. Lassendo pela Barra da calçada. Vivendo seu dia a dia para levar a vida, vivendo seu dia a dia a vida de as pessoas multiplicadas muitas vezes de pessoas é maior. Tudo parece de as pessoas restaurantes e transitando pela noite, que havia durante intenso ao virar na Rua General, que era transversal para as ruas opostas, por toda a sua transversal para as Alamedas barrocos, por toda a sua transversal para as ruas opostas, mas diversas vezes quis sugar para sua ede, mas foi muito dificil por conta do protelos, os carros entram e saem e a Rua Sabará andou faltos e sempre foi muito dificil por conta das fotos e sempre existiu a chance de ser fotografado, mas nenhuma vez que eu conseguia tirar nenhuma foto de melancolia tanta correr.



CAMINHADA 1

13 de junho 2016  
quinta-feira  
50min  
1 parada café

Fazia calor quando deitava Angelica e Vici na Rua Baronesa de Ipanema, que cheirava a flores graciosas e Homicoltura com seus pedacos expostos na calçada. Um vendedor fumava um cigarro enquanto via o dia passar na calçada, como as portas fechadas das casas no interior. De novo o vagis folgou na minha atingiu. Virando na Barra de Ipanema no meio da charmeira, aí sentiu a sua perna rígida, meus lados esperados, em frente à um ferreiro rígido, meus abdômenes rígidos na calçada e meus na praia molhado quando buscávamos sofás e mesas na praia para molhar o apartamento. Virando a praia esculpindo fiamas discadado o dia adiante, tipo pais perseguidando para os filhos sobre o que aprendeu amanhã na beira; um barulho de ogum. Vom da fonte de um restaurante japonês à esquerda e ouvir os pássaros cantando. Há um contraste dos para estabelecimentos "hipsters" que abrem do lado direito e os bares que aparecem na esquina da Praia Barros, tipo o bar do Zé que serve um churrasco improvisado para os frequentadores sentados na calçada em cadeiras de plástico. Ando disso uma placa de "Proibido se sentar" chama minha atenção com um saboroso opção nido todo, uma cara antiga bonita e os muros de um edifício. Na Al. Barros, que depois via Frederico Mambanes tem bairros movimento, entre os carros os ônibus entrando e saindo dos estabelecimentos e as pessoas entrando no ônibus ou o velejantes. Mas o que incomoda não é o barulho ou o cheiro das pessoas - que fazem vida ao lado - e sim o cheiro das diferenças de gabinetes literários, decorados visualmente com peças de madeira para a vista do antigo chocabam com o vazio do lado oposto em que as empresas de gesso sejam de madeira para a vista do lado oposto. Edifícios abandonados em favelas que voltaram de volta ao seu aconchego novamente mais para



## CAMINHADA 2

8 de julho 2016

quinta-feira

1h20min

parada banca

Vindo da A. Higienópolis desci com alugado à Santa Cecília  
Reservando pelo Hotel Club iba na rotina Sabará; lembo  
de parar muitas vezes por aqui sem saber o que  
era dia o dia que fiz, e vendo expostas na casa ai  
dentro com a minha mãe - vira para o jardim  
enorme com árvores tão bonitas não sei liberto a  
tudo. Desci a Praia General Jardim como tantos  
outros velei, meus deuses, e prendendo mais atenções  
no entorno e nos beirinhos sensacionais, o dia estava  
frio mas havia sol, a general jardim nesse sentido é  
uma debilidade e com as árvores formava uma praça  
bonita em diante ao lado que trabalham  
seu no maior na maior adoração e prazer que os edifícios  
nos diversos escritórios espalhados pelos edifícios  
da praia, sempre distâncias de transiente por  
grades e portarias, o litorânea é tranquilo arte esquecer  
a praia rotary donde se trazia da corinhada. Aqui q  
de vez mudam o tom da corinhada. Aqui q  
já muda pois é inverno e o sol se põe cedo.  
Mas já mudou com a usúrio mata junior  
que aqui da general jardim com plantas betendo  
tem um bar, que está agitado com pessoas  
que vêm da célesta e conversando com o garçom  
que não se anuncia o que foi mas que agora  
de abandonado de uma área que já foi translatam por baixo  
portaria nos poucos aventureiros que vivem ao lado e  
dessa minibala a centro é clima e exalta-  
policiado. Vlardo na Amaral furgel e clima, respiro, polvista,  
mente esse - abandono, tristeza, respiro, polvista,  
meus olhos caros, nem condutores apressados e

agonizados e o ronco aos mortos que tentam ultrapassar todo mundo. Mas, por incrível que pareça, do outro lado se senta um fiorr alto que tem de sar da regina, depois das diversas berra chanas, chios de gente, conversando e bebendo e cantando musicas em meio a essa ana de degradação. Virando na Santa Isobel, um alívio de se afastar do ruído mas o clima de abandono ainda permanece plácido com aquela do sítimo quarto horário da general Jardim, até a regina acordar tem um vazio enorme seduzido de emprenhar legas m.v.y alta. A direita na Cesário Mota Senior Jof e - outra cidade. O clima volta a ser tranquilo e há um certo charme das árvores, mudou a

Santa Lapa e padaria na regina, com poucas pessoas passando, o que volta a mudar virando na rua Jaguare, apertada, difícil de andar e cheia de gente e carros. Mas entanto na Jardim, perto do andar de apartamentos, ali vel, e alguns estabelecimentos como pizzaria interessante ali e sua topo gráfica gera uma perspectiva animada pelas pessoas sentadas em volta da loja... A rua se estendeu chegar ao Jardim da Frederico Dibenchus animado depois de terceiro setor em direção ao centro dependendo ate onde não se pode ver e muita barulheira dependendo do quartel não, no começo um pouco separada, depois se juntam aliados os diversos convidados com pessoas se dirigindo assuntos de dia, andam choriam aliviados sobre equipamentos gastronômicos encontrando e conversando sobre bancos aleatórios. Há uma tentativa de colocar alguma coisa nos mal-festes wornos os idas ao veterinário com o seu sapato mal-senhora de porta de uma loja. O Clima muda na av. Una senhora de blusa branca e calça jeans com sapato e outra senhora em blusa branca, transviada, voltando da praça, mulher Vendedora de Boticário de Hotsu, voltando da praça, mulher ditto vez na Barro de Vitorino, voltando da feira. Há abrigos o filho vitoriniano de parada, se senta a banco todo, onde fala horro com o cachorro e parada como a bancada nova passando com o design como a bancada nova e preta e com bar novo estabilizadores novos de design como a bancada nova que pede uma interrupção que abre de repente tem um abrigo que pede uma interrupção que abre de repente tem um abrigo que pede uma interrupção



CAMINHADA 3

7 de outubro 2016

quarta-feira

1h

Parti a tarde no ônibus e durou a noite da  
Av Holemburg, passando pela Rua Bento Gonçalves  
que pede sempre da sua desordem de  
solidão diversa e banal. Jardim havaianas  
dentro dos jardins das prédios que estavam  
quem estava na sua coroa e se estabeleceram em outro  
lugar. Havia dezessete nubilos fumando em frente do  
muro da Watch Club que apresentaram a calma do  
lugar, como pessoa porca gente ali parada que  
estavam de bordadinho na espuma do Yacht Club  
para tirar sua foto e um guarda de rum  
tipos só faken para não falar - existia ali uma gente  
toda tenebrosa com o aspecto público. Decondio a  
tensos jardins o ambiente se torna mais  
afixo e as pessoas ficam sentadas nos bancos  
olhando a rua e só podia ver pessoas de  
de famílias e de poesia ruiva gente parecia se  
desprendem e se convidar. Apesar encontram o bairros  
que sótana abraçando com unhas. Mais pelas  
do miúdos o ambiente muda e fica muito  
mais hostil, com muita roupa, policial e  
afornimentado. Porém, apesar disso, as pessoas frequentam  
os bares e lojaria só. Sabendo sentido Santa Cosa  
ambiente volta a ser mais de bairros, é uma pra  
que se sente de Jiquilla Cozinha, com seu charme  
que é

altas e chego de gente querendo entrar, sair  
na calçada ou nos vassos das oficinas. Subindo  
a sua leguinhos e rota obra vez um moço que  
de carros muito grande e os passava que  
também os muitos se expressam e desfilaram  
calçada lesteira, virando a direita o endro volta  
a andar e a desdir e bem mais agradável  
tem humor e dava para sentir uma mistura  
vivo do centro urbano. Chegando a Praça Santa  
Cristina sentido Av Angélica uma senhora de fofoca e  
vendas de frutas e legumes na sua tomada  
conta dos unhas, juntou com o barbijo e inúmeras  
cousas pelos ombros e corpos rasplando. Enfim  
um ruas muitas muito grande de gente comprando e  
sentando nos largos para almoçar e festejar separados  
de discursos na rua, ou gente impõe violência.  
Vivendo a vida de bairros o mundo não combina,  
menos indiano, mas aqui ao invés de compreendê-  
pessoas estúdios e o trânsito lento ou segurando e  
descobrindo o seu para dentro dos estudos  
lecionando. Muita gente sentada nas ruas  
legos observando a rua. Mas, andar percorrer não  
é tão agradável, visto um hospitalidade, dando  
na beira ruas de São o mostreiro cultura parecida  
apesar do mundo de pessoas curiosas e o seu  
comunhão.



CAMINHADA 4

20 novembro 2016

sexta-feira

50min

Conselho Andando pelo Botafogo ou Ipanema ou Leblon sempre  
envelopado na sua fina e fina florada, o chão de florido  
da praia é bem perfeito para quem curinha  
o cigarro na primeira sopradorinha - um grande para dentro  
do nariz sempre me trazendo ao passar por aqui.  
Na laguna fluminense tem um bar que sempre  
tem gente e antecipa o clima do bairro que  
existe no sítio na Barra de Itapuã. O clima no  
deserto na Barra de Itapuã é sempre agradável  
e com muito comércio local e pessoas que  
moram lá ou ali deslocaram-se para lá  
de vez em quando, convive bem com  
os novos lojistas e restauranteiros. Também char-  
gam a atingir as casas antigas que estão  
quando em estado de ruína e as pequenas  
pedreiras para os alto das casas que  
despertam ainda grande. Tem muitas obras  
quentes na praia que geram um grande  
e um movimento de agitação. As obras  
aliviada barcos e color tica mares intenses  
porque o número de áridos adicionais é bem muito  
gente, carros e poluição, o clima é grande des-  
truiu a praia de praia, o lixo é multiplicado. As pessoas

chegando para da Igreja a Praia, que entra da Praia  
ao caminhar mundo bastante é gente - de mais  
acolhamento e também uma liberdade - o sonho de  
continuar mas pôr mais local, como bancos de  
triturar e verduras. Isso virar a estrada a  
praia fica mais vazia e impessoal, é passar na  
praia mais agradável para caminhar. Outra vez  
o contraste de movimento acontece ao virar na  
laguanha quando o movimento da estrada e  
pessoas e grandes. A praia mais agradável  
é virar na Cessão Mário Júnior o movimento intensa  
de pessoas continua, tem muita gente pendurada  
na calçada e em volta de praia servido. O conforto  
Ribeirão da Lapa / Amaral Brumell ficando de forma em um  
trajeto interessante quando a Santa Isabel e a Barra  
Jardim fazem uma troca entre o barro e a areia que  
de metrópole e hostilidade da Ribeirão Brumell, simula  
que a Praia São Conrado novo da Praia é  
muito parecida. No lado o lado de São Conrado o  
ambiente vai de vários bares e gente andando não  
residencial - aqui embaixou o São - para um maior de  
isolamento e solidão a medida que os edifícios  
vão se afastando da calçada com muros e  
grande. No último trecho que anda presidente  
los alheios da arquitetura moderna a imponente  
fachada educativa e de qualificação e de qualificação  
perceptiva.



## CAMINHADA 5

25 de agosto 2016  
terça-feira  
20min  
bicicleta

Foi a partir da análise da experiência, portanto, na forma dos mapas e anotações feitas *in loco* que ficaram evidentes todos as questões subjetivas e objetivas que possibilitaram um entendimento do lugar como uma rede de eventos, como um percurso<sup>3</sup>. Ou seja, todos os eventos e fatores que compõe um lugar, sejam eles construtivos ou sensoriais são aspectos que são relacionados entre si e devem ser analisados como um conjunto e não como fatores separados e lineares, assim, desta maneira faz sentido colocar o percurso como uma narrativa e comparar os diferentes elementos vivenciados como partes de um todo;

“a lógica processual de compressão das dinâmicas relacionais contradiz as ideias lineares de origem, matriz, influência e identidade, tão em voga nos atuais discursos de interpretação de historiografia e crítica da cultura e da arte, e tão impróprias à compreensão de sistemas complexos não-lineares, como são a vida, a construção da história, a produção de ideias e do espaço urbano”<sup>4</sup>.

Porém, entendendo o caminhar crítico como uma prática analítica, e este trajeto como parte integrante da metrópole em que está inserido – metrópole carente de espaços públicos de qualidade, composta por lugares genéricos em que seus moradores têm vivido uma vontade de retomada da experiência do espaço público – a análise teve um enfoque e por isso atentou-se para a possibilidade de melhoria de acesso a espaços públicos ao longo do trajeto.

Como mencionado, este trajeto se encontra em uma zona repleta de ofertas de moradia, comércio e equipamentos – tão carentes em outras partes da cidade. Essa grande quantidade de serviços oferecidos pelo bairro e seu entorno faz com que, independente da qualidade, o bairro estudado tenha tanto uma densidade alta quanto uma grande atividade de pessoas na rua. E, assim como no restante da cidade, a oferta de espaços públicos de convivência é baixa, fazendo com que a demanda por estes espaços seja nítida. A partir do caminhar pelo bairro foi possível perceber como este é uma amostra da vontade de utilização do espaço público pelas pessoas – e, portanto, o caminhar como experiência de apropriação do espaço pelo corpo. Por esse trajeto

---

<sup>3</sup> Que poderia ser uma determinada área, bairro ou cidade dependendo da intenção daquele que caminha

<sup>4</sup> BRITTO, Fabiana e Jacques, Paola. **Corpocidade debates em estética urbana**. Salvador: EDUFBA. 2010. p. 14.

foi possível perceber como o caminhar é uma maneira de entender quais são dinâmicas específicas de determinado lugar e aonde existem demandas e possibilidades de geração de espaço público para poder propor a criação de um percurso que ofereça uma melhoria na experiência da vivência do Coletivo e do abrigo na cidade.

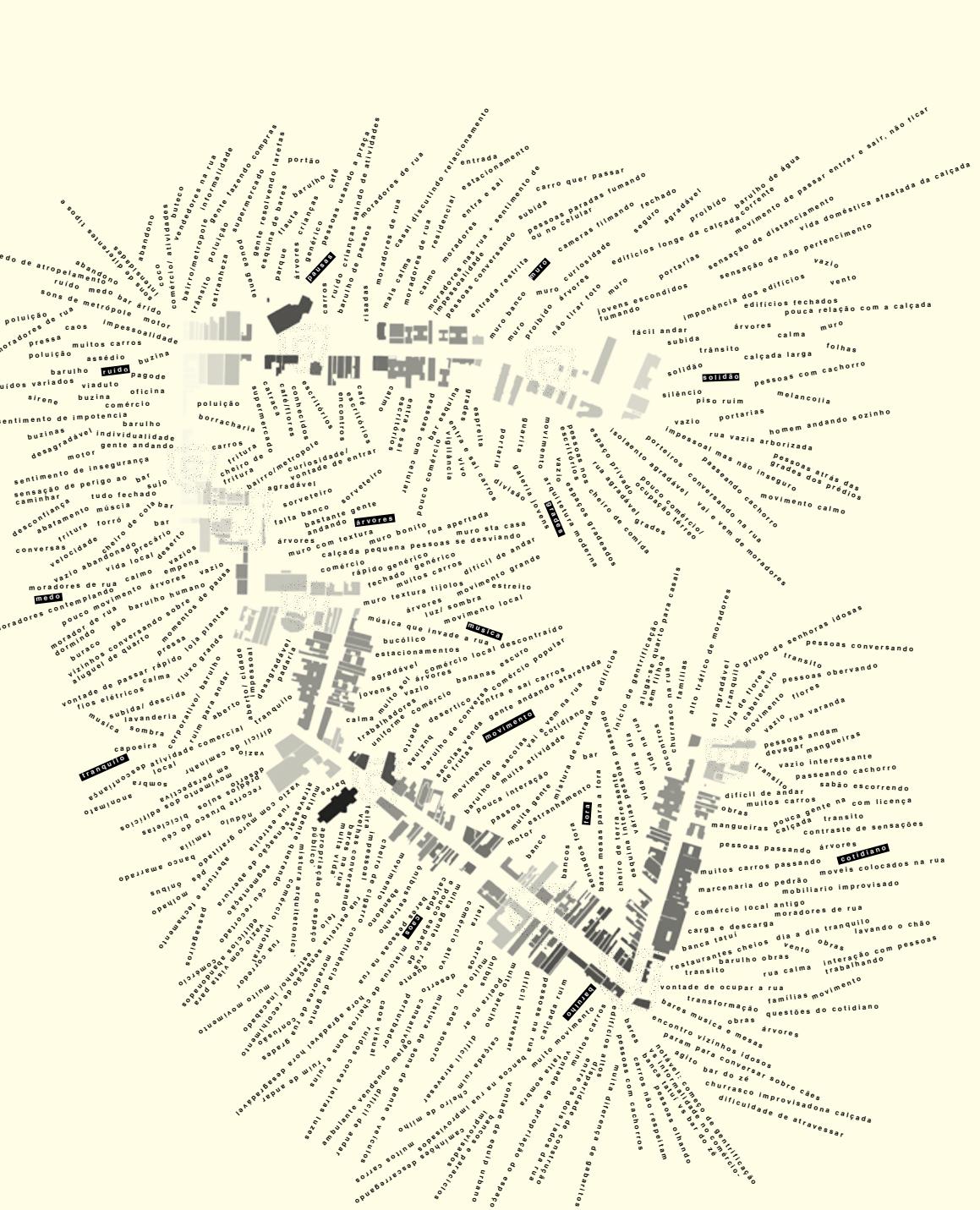
Durante as passagens pelo trajeto, pode-se perceber a relação entre a vontade das pessoas em ocupar o espaço público e a hostilidade da cidade em recebê-las. Foi a partir do estar na rua e vivenciar o lugar que foi possível fazer uma análise, por distintos pontos de observação, para identificar questões tanto morfológicas quanto fenomenológicas que compõe a dinâmica tão complexa da cidade – e criar uma narrativa deste trajeto, útil para uma proposta de melhoria e resgate da *cidade do encontro*.

Assim como nas caminhadas feitas pelo bairro, a questão do contraste continuou bastante evidente durante o trajeto proposto. O trajeto Rua Baronesa de Itu, Rua Barão de Tatuí, Alameda Barros, Rua Frederico Abranches, Rua Jesuíno Pascoal, Rua Jaguaripe, Rua Cesário Mota Jr., Rua Santa Isabel, Rua Amaral Gurgel, Rua General Jardim e Rua Sabará, apresenta uma sucessão de momentos de calma e agito, movimento e pausa, sensação de estar em uma metrópole e sensação de estar em um bairro/vizinhança alternadamente. Nos momentos de mais agito os sons, os cheiros, a poluição visual, a percepção de temperaturas mais extremas, a dificuldade de caminhar, a quantidade de comércio e a frequência de carros e pessoas eram mais intensos; enquanto os momentos de mais calma coincidiam com um número maior de árvores, menos trânsito, calçadas mais largas e menos pessoas. A falta de mobiliário urbano, de tratamento adequado das vias e calçadas, a quantidade enorme de grades, falta de árvores, a esquizofrenia arquitetônica, a grande atividade comercial, a vontade de ocupar as ruas, os resquícios de morfologias do passado e os ruídos incômodos dos veículos motorizados foram fatores recorrentes em todas as caminhadas pelo trajeto proposto.

Logo, o que se pode concluir do trajeto percorrido através de diversas caminhadas atentas em que se tentou criar uma *corpografia* ou um mapa corpóreo, é que existe uma narrativa bastante marcada ao longo do percurso que caracteriza o trajeto como um caminho dotado de fortes contrastes de sensações. Durante todo o percurso é evidente a falta de espaços públicos de qualidade e a demanda por esses espaços; os bares colocam cadeiras improvisadas nas

esquinas que quase bloqueiam a rua, as pessoas se espremem em muretas, sentam no chão ou se apoiam em caçambas procurando um ponto de repouso, o ruído constante e a poluição dos carros faz o caminhar e a comunicação entre as pessoas desagradável, as calçadas mal construídas impedem a fluidez do movimento e os muros e grades se colocam agressivamente ao longo de todo o trajeto. Por outro lado, as ruas estão sempre cheias de uma grande variedade de pessoas, tanto moradores quanto passageiros, que interagem apesar da dificuldade, em muitos trechos existe um sentimento de vizinhança e cotidianidade, existem alguns pontos em que a topografia apresenta vistas interessantes, os comércios ativam grande parte das ruas, e apesar de estarem em mal estado, as construções antigas marcam a existência de uma história do lugar e inserem diferentes tempos e texturas no trajeto.

Assim, é possível perceber que existe um embate entre a cidade existente e a vontade das pessoas em ocupá-la. Este embate se dá em diferentes níveis ao longo do trajeto e depende da combinação de eventos em cada trecho – sendo que, neste bairro tão denso e servido de equipamentos, comércio e moradia, aonde há espaço público, haverá pessoas querendo ocupar. A busca por espaços de abrigo no âmbito público, que hora aparecem timidamente e hora são inexistentes é constante; e a abertura (ou não) da cidade para receber essa demanda varia pendularmente ao longo do trajeto. Considerando esse fato, criou-se uma escala de *urbanidade* que resume o conjunto de informações recolhidas ao longo dos percursos. Entende-se como urbanidade alta as partes da cidade em que esta acolhe o usuário, permite a vivência do Coletivo e propicia uma experiência agradável para o caminhar ou para a fruição pública; e como urbanidade baixa as partes da cidade que são hostis ao pedestre, não permitem a permanência no espaço e proporcionam uma experiência difícil ou impossível de caminhar. Essa escala é apresentada no mapa a seguir, aonde estão localizados os pontos de diferentes níveis de urbanidade, os principais pontos de conflito e possibilidade de atuação e que, ao mesmo tempo, é possível ver todas as frases, pensamentos e percepções vividas ao longo das caminhadas que influenciaram na urbanidade de cada local.



#### NÍVEIS DE URBANIDADE

pontos de conflito/  
potencial

grau de urbanidade

## ***Ensaio II : Sobre o Trajeto***



ONE SUPPLEMENT OVER





NÇAS

MISMO  
E FERIADOS  
E PICK-UP

9511-0808

com.br

240

VENDESE  
CAMA  
R\$ 8000













RECEBIMENTO



Rua  
General Jardim

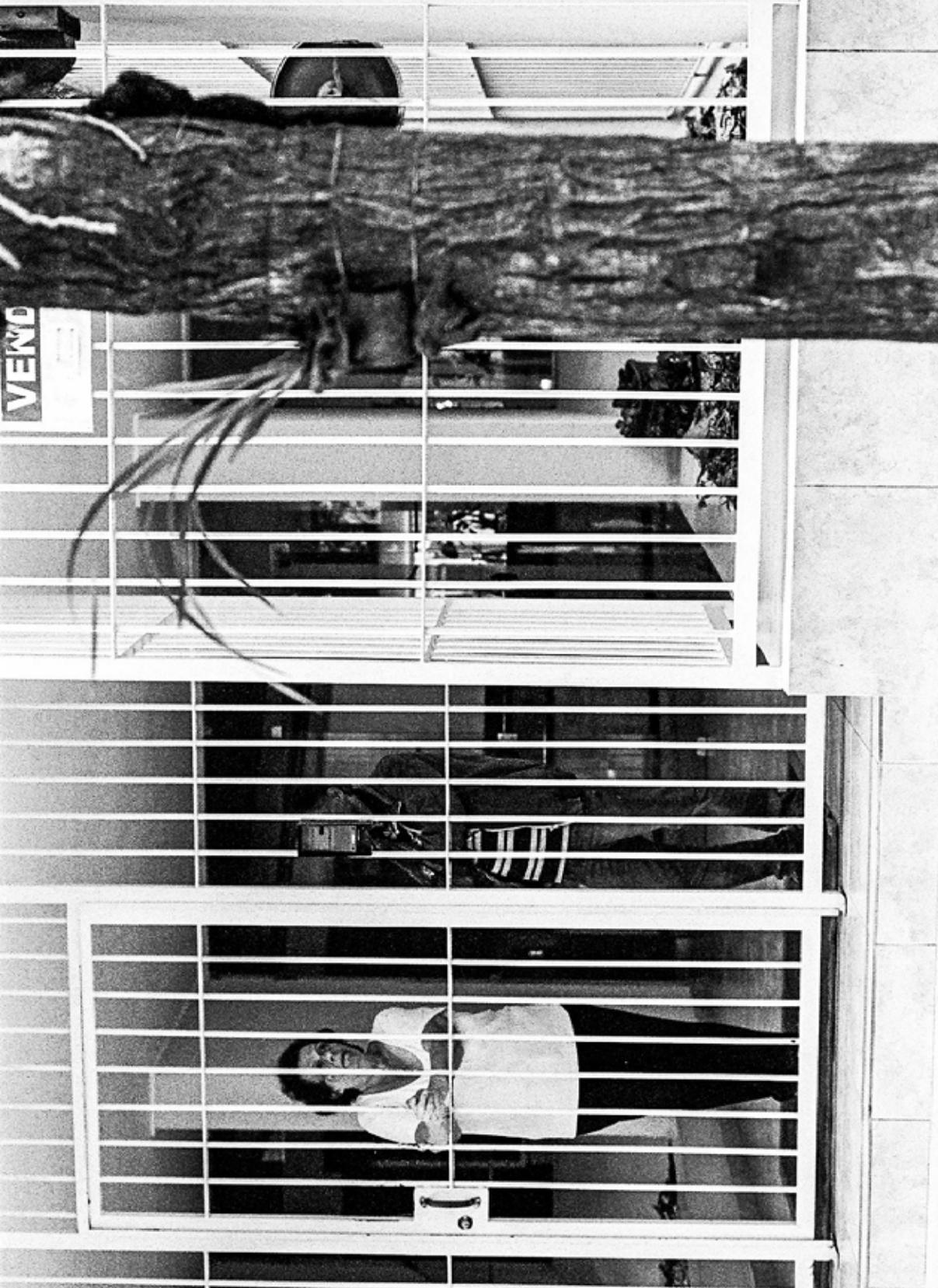
870 a 766

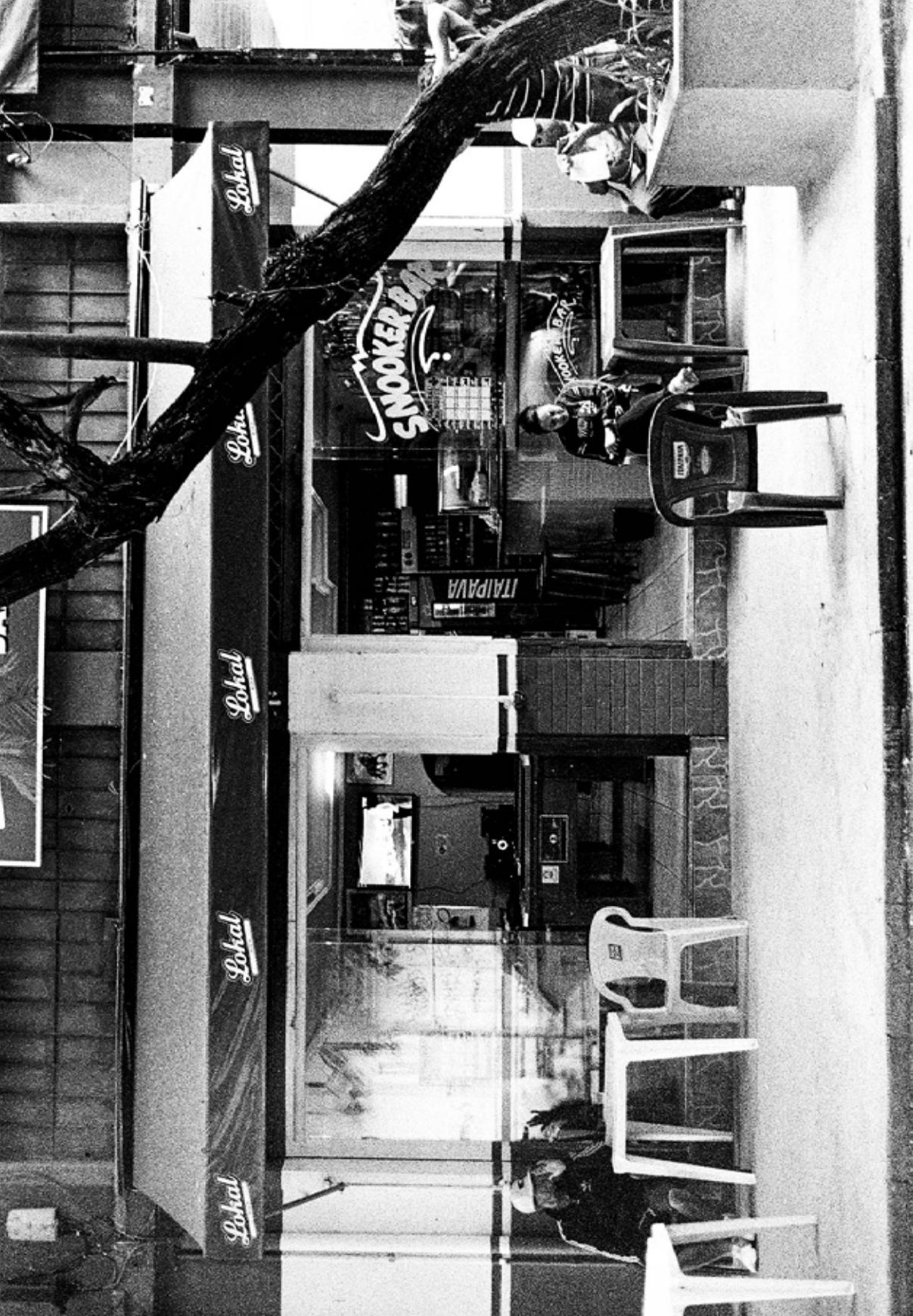






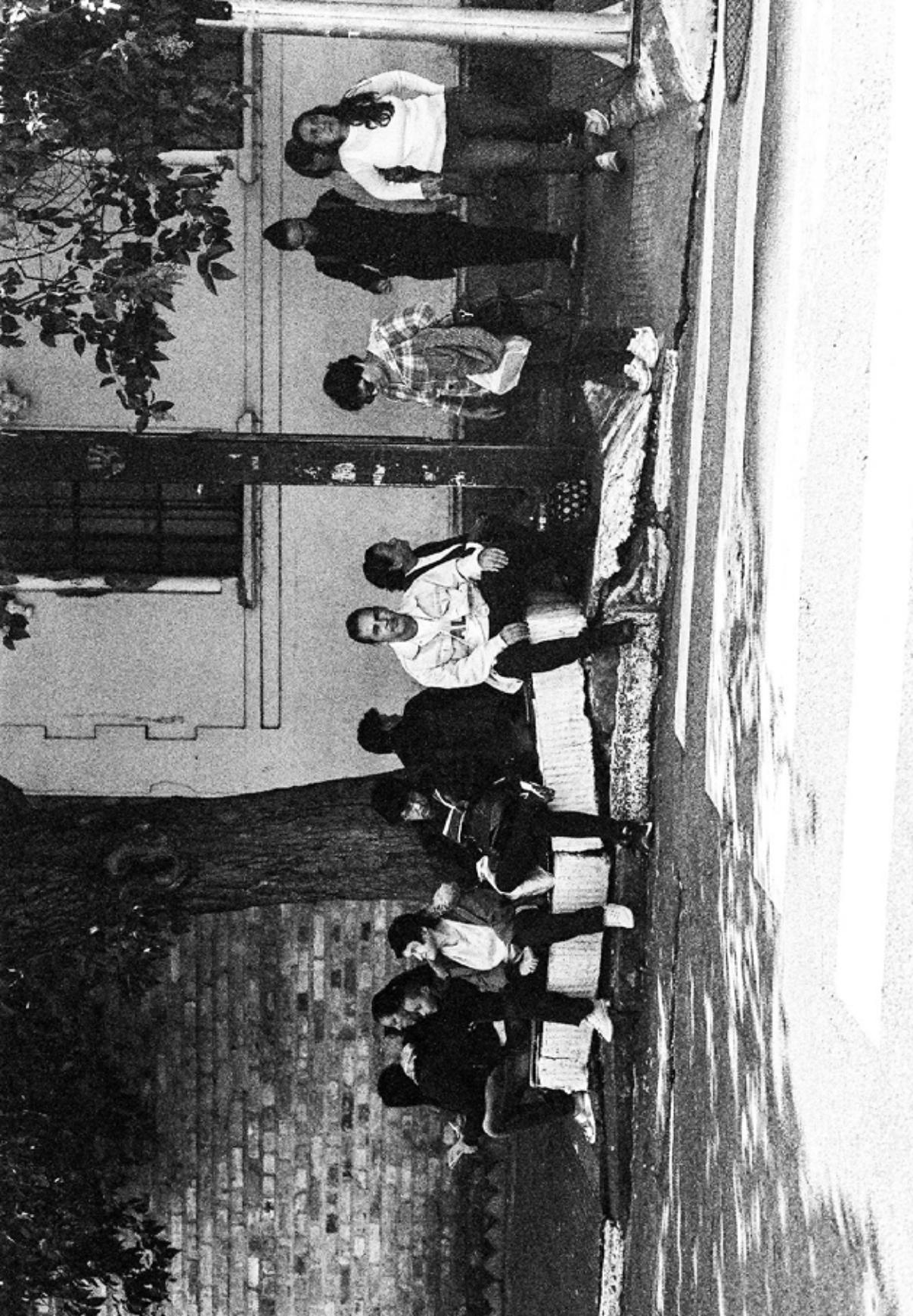
VIEND

















5-8839  
cont com Eljana





AUGUSTA

488

IMÓVEIS





## **Vazios como possibilidades**

*"O que, até agora chamamos de vazio possui, na realidade, identidades distintas, e não são tão vazios como podem parecer. Em sua maioria, se tratam de espaços esquecidos, apagados de nossos mapas mentais, algo como amnesias urbanas."*

- Francesco Careri

Para entender, portanto, os aspectos que permitem, ou não, a existência de uma boa urbanidade foi imprescindível o entendimento, através do caminhar, tanto dos aspectos morfológicos da cidade quanto dos fenomenológicos e sensoriais. Para o entendimento arquitetônico do lugar é preciso adicionar à compreensão do construído, os eventos temporais e sensoriais específicos de cada espaço da cidade. Assim, “é possível definir o espaço, agora em sua expressão arquitetônica, como sendo relativo a experiências mutáveis, tanto em relação ao tempo (...) quanto em relação ao sentido que lhe é atribuído por aqueles que nele realizam freqüentações múltiplas.”<sup>1</sup> Depois de haver caminhado atentamente, criado um mapa corpóreo, incorporado as diferentes sensações ao longo do percurso e percebido os diversos eventos que se repetem no trajeto, foi possível definir uma orientação para intervenção.

Ao assumir a demanda por espaços públicos como a questão a ser tratada neste trajeto o olhar se volta às potencialidades existentes de abertura deste trecho da cidade e a criação de um percurso que convidasse o pedestre a participar cada vez mais do espaço público e a vivenciar o Coletivo. Estes espaços de potencialidade podem ser encontrados, principalmente, nos vazios existentes ao longo do trajeto. A caracterização do bairro, e do percurso, como um espaço de fragmentação está associada à existência de diversos vazios, lugares não construídos, que sobraram durante a urbanização da área.

Francesco Careri, explica estes vazios como resquícios da construção das cidades; cidades que cresceram a partir do interesse de diferentes partes e que, portanto, tiveram os seus espaços ocupados de acordo com essa dinâmica:

---

<sup>1</sup> LEITÃO, Lúcia. *Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade*. São Paulo: Annablume, 2014. p. 113

“A cidade se desenvolve mediante a uma dinâmica que resulta difícil de programar devido a uma grande quantidade de variáveis em jogo: um processo em que participam ações inter-relacionadas e de distintas forças locais, frequentemente contrastadas entre elas, além da ação planificadora de uma inteligência centralizada. Por isso, os *clusters* se desenvolvem adotando uma forma e uma estrutura nas zonas mais prováveis, e no marco do processo geral de crescimento deixam, entre eles e em seu interior, áreas vazias, zonas não estruturadas. As estruturas e os vazios se distribuem de forma irregular e apresentam a característica de auto semelhança, uma propriedade intrínseca aos fragmentos.”<sup>2</sup>

Esses espaços vazios se dão de diferentes maneiras ao longo do trajeto. Além dos terrenos vazios abandonados, foi possível perceber através do caminhar a existência de vazios em outros planos, ou que só podem ser percebidos através do olhar a partir da rua; e que configuraram espaços com potencial de transformação. Neste percurso foram apontados 5 diferentes constituições de vazios dentro dos espaços dos lotes: espaços livres abertos para uso, espaços livres cercados por muros ou grades com acesso restrito ou controlado, terreno livre em uso, terreno livre abandonado e vazios verticais entre edifícios.

Além disso, foi possível destacar outros dois aspectos morfológicos com grande potencialidade de contribuição para a melhoria da experiência do caminhar e da vivência do espaço coletivo durante este percurso – são eles a própria rua; como espaço livre e público por excelência e o realce de edifícios de interesse histórico e cultural como marcos do caminhar.

Desta maneira, a análise do trajeto proposto a partir do caminhar possibilitou a construção de uma narrativa do percurso baseada tanto em elementos formais e morfológicos quanto em elementos sensoriais e fenomenológicos. A partir desta narrativa foi possível criar este mapa corporal *psicogeográfico* que compreendesse toda a complexidade da cidade contemporânea vivenciada durante a minha experiência – resultando em um entendimento tanto dos diferentes níveis de urbanidade ao longo do trajeto, quanto de espaços potenciais de transformação, que só podem ser vistos a partir do nível da rua e percebidos através de um olhar atento e subjetivo, entendendo assim, os espaços arquitetônicos, ou as potencialidades arquitetônicas a partir de todas as dimensões;

---

<sup>2</sup> CARERI, Francesco. **Pasear, Detenerse.** Barcelona: GG. 2016. p. 19. Tradução Livre

“o espaço arquitetônico não se esgota nas quatro dimensões (ZEVI) (...) o que aqui se denomina é a quinta dimensão da arquitetura: a dimensão subjetiva. Assim, ao movimento, ao espaço-tempo, característico da quarta dimensão, manifesto no caminhar no percorrer o objeto arquitetônico, é preciso agregar a ideia de experiência, marcadamente subjetiva, implícita nesse movimento. É preciso atentar para as motivações, sensações e impressões individuais inertes a esse caminhar, responsável por transformar o usuário do espaço em “pessoa arquitetural.”<sup>3</sup>

Ao caminhar, portanto, foi possível perceber e apontar os contrastes presentes no trajeto, os potenciais destes lugares e a maneira como o cotidiano se desenrola neste trecho da cidade – evidenciando, mais uma vez a busca das pessoas pela ocupação do espaço público e pela vivência do Coletivo na cidade e as possibilidades de abertura e de criação de lugares de abrigo aonde seria possível construir um percurso, não de hostilidade, mas sim de convite. Aonde a desobstrução da cidade para o caminhar e a criação de espaços públicos transformaria *não-lugares* em espaços de materialização da *cidade lúdica* em que o conflito se dá entre os homens na forma de encontro com o Outro e não entre os homens e o espaço construído, pois “a condição humana exige um espaço onde possa não apenas expressar mas, sobretudo, experienciar essa humanidade”<sup>4</sup>

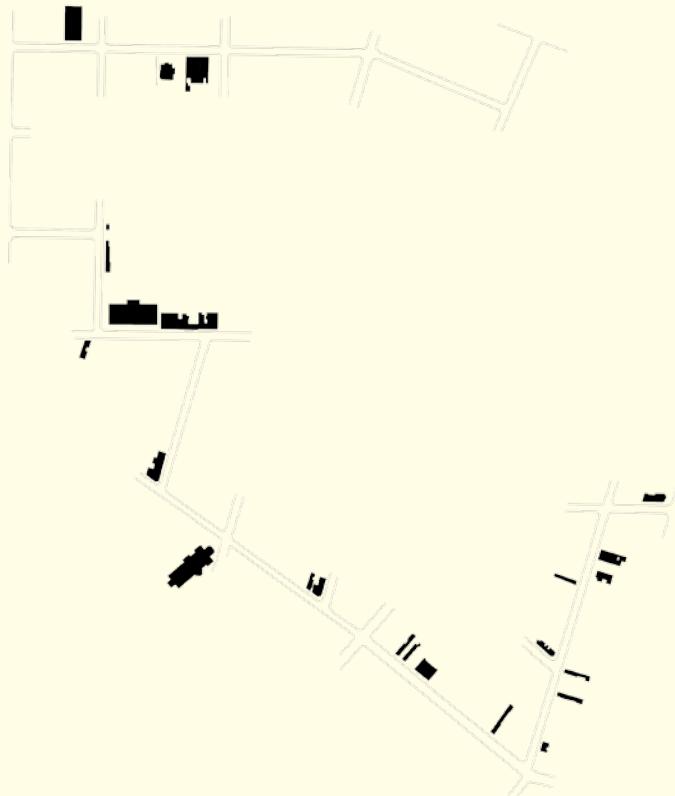
Os mapeamentos a seguir, portanto, apresentam uma análise das diferentes constituições de vazios e elementos com possibilidade de abertura e ação para o encontro de possíveis situações de intervenção.

---

<sup>3</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 113

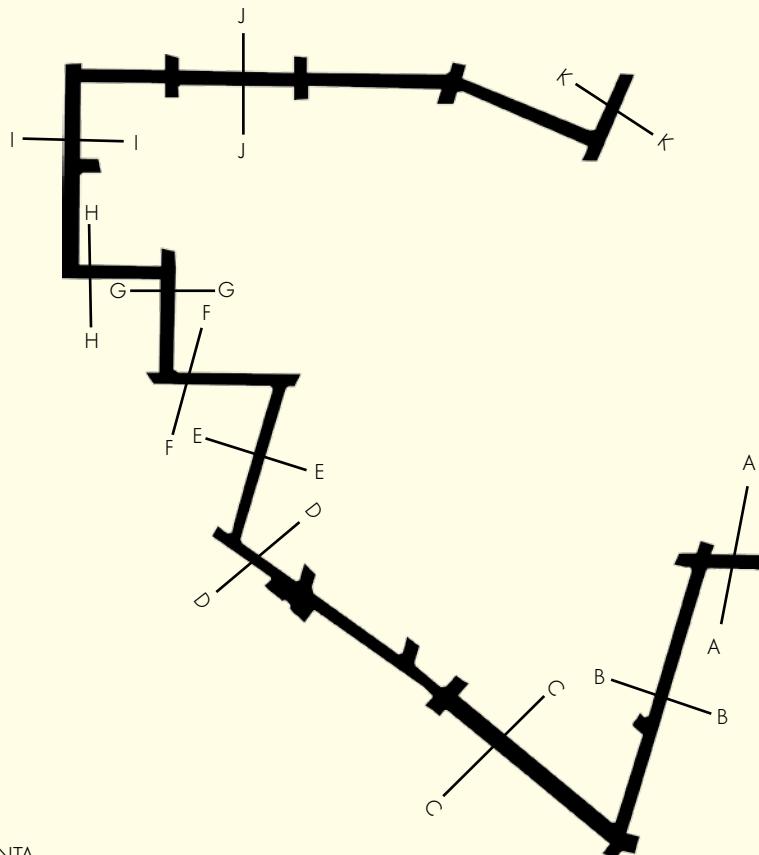
<sup>4</sup> Ibidem p. 138

**PONTOS DE INTERESSE HISTÓRICO/ CULTURAL**



PLANTA

CORTE

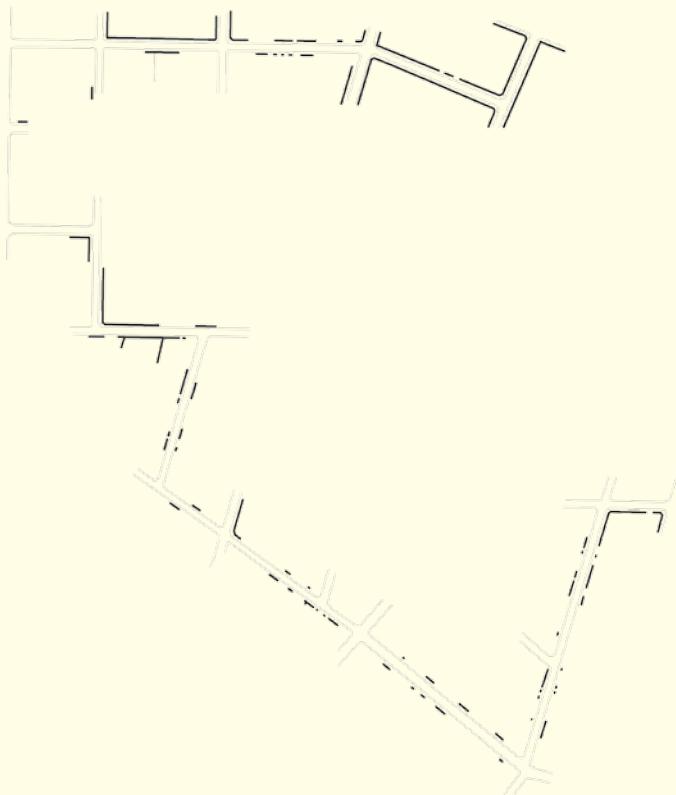


PLANTA



CORTE

**MUROS E GRADES**



**PLANTA**



rua baronesa de itu

rua sabará

**CORTE**

CHEIOS



PLANTA

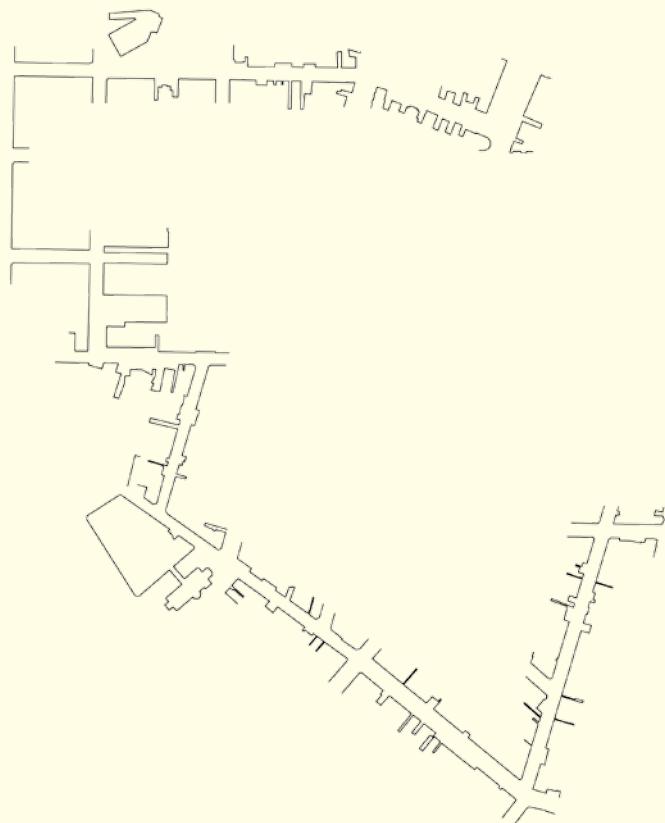


rua baronesa de itu

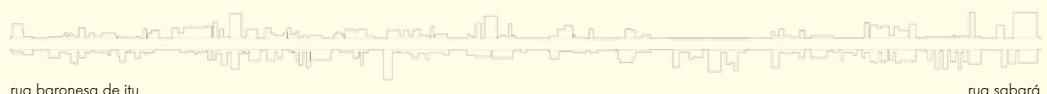
rua saborá

CORTE

**VISTAS INTRA-LOTE / VAZIOS VERTICais**

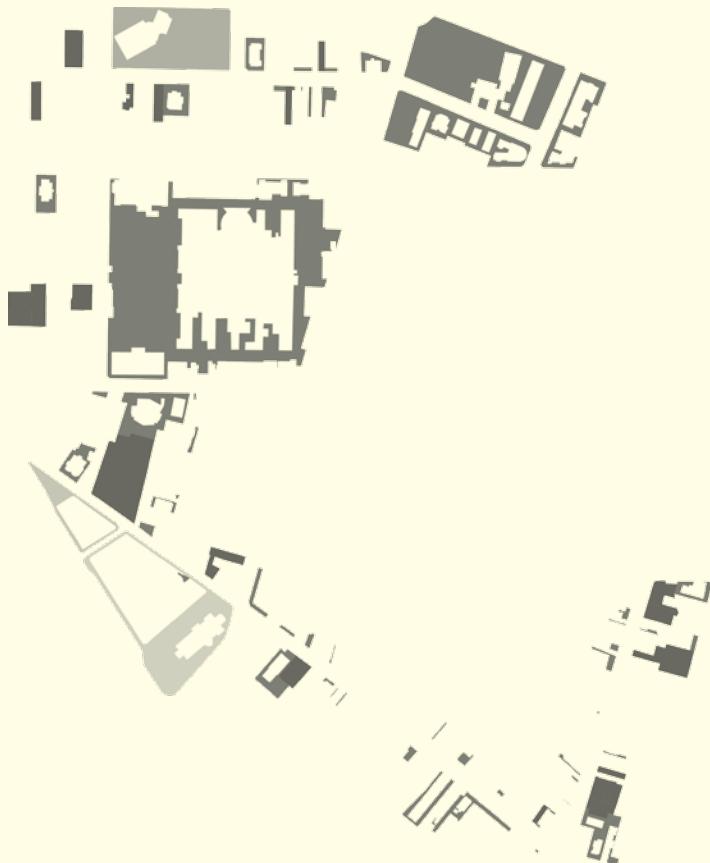


PLANTA



CORTE

VAZIOS



PLANTA

públicos e  
abertos

privados e  
fechados



rua baronesa de itu

rua sabará

CORTE





## **PARTE III**

## **Nove situações**

*"Poderíamos também falar de estrutura com relação a um edifício ou a um plano urbano: uma forma ampla que, mudando um pouco ou nada, é adequada para acomodar situações diferentes porque oferece continuamente novas oportunidades para novos usos"<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes. 2006. p. 94

Através das caminhadas pelo trajeto, incorporadas em um mapa *corpográfico*, e analisadas através de uma escala de urbanidade, portanto, concluiu-se que existe uma discrepância entre a vontade de uso do espaço público e a capacidade da cidade em abrigar esta demanda. Santa Cecília pode ser entendida como um microcosmos do que acontece por toda a metrópole, e nas cidades contemporâneas em geral: com o intuito de construir cidades para suprir as vontades de uma sociedade funcionalista tem-se criado cidades genéricas, aonde a possibilidade de uso do espaço público para usufruto de um tempo lúdico, não utilitarista, é muito tímida ou inexistente; limitando a capacidade de vivência e de encontro do abrigo em espaços do Coletivo.

Porém, ao se perceber as questões psicológicas recorrentes do ser humano contemporâneo é possível defender a necessidade de uma nova maneira de construir cidades que leve em consideração justamente a construção destes abrigos do Coletivo, pois como coloca Lucia Leitão, “o espaço da arquitetura não se limita a responder aos reclamos meramente biológicos de um corpo (...) o espaço da arquitetura ao abrigar o físico, acolhe também o psíquico”<sup>1</sup>. E, acredita-se que esta maneira não se dá através de grandes intervenções urbanas, mas que está relacionada à criação de narrativas e de percursos no meio urbano, a encontrar possibilidades de atuação nos interstícios da cidade, que cresceu desenfreadamente deixando-se criar, junto com seu desenvolvimento, *não-lugares*, vazios, que para um caminhante atento, são lugares cheios de *possibilidades*.

Assim como explica Patrick Geddes, é preciso ver o lugar, andar no lugar

---

<sup>1</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 135

para conhecê-lo e enxergá-lo<sup>2</sup>, e foi, portanto, como colocado anteriormente, ao caminhar que se identificou, por todo o trajeto diversos tipos de vazios; desde lotes inteiros até espaços pequenos que sobram entre construções; espaços que só são visíveis através da experiência presencial.

O projeto em questão, portanto, se deu neste sentido: ao caminhar recorrentemente por um mesmo percurso foi possível incorporar e conhecer seus aspectos morfológicos e fenomenológicos de tal maneira que se reconheceu possibilidades de atuação em diversas situações urbanas. Foi possível identificar tanto pontos em que há uma vontade de uso e apropriação do espaço urbano limitada pela forma como a cidade se apresenta, quanto espaços, na sua maioria vazios, subutilizados que contribuem para a sensação de mal estar, mas que poderiam se transformar em espaços públicos de qualidade. Portanto, a atuação consistiu em encontrar estes pontos críticos e intervir com o intuito de criar uma narrativa e um percurso que exaltasse o uso do espaço pelo Coletivo, do espaço público como lugar de abrigo e a busca pela cidade do tempo lúdico.

Portanto, grande parte da atuação se deu justamente em encontrar estes espaços e *abri-los* para o uso das pessoas, intervindo no sentido de deixá-los menos hostis e possibilitando que o próprio uso dado pelas pessoas permita este resgate do imaginário no espaço público<sup>3</sup> para que o conflito no âmbito urbano não se dê entre as pessoas e a cidade, mas entre as próprias pessoas – no encontro com o Outro. Assim, atuou-se como sugere Careri, não se tratando de saturar,

“senão de aceitar o sistema descontínuo da cidade e da natureza espontânea de seus vazios, frequentemente mais interessantes que o projetado (...) os vazios não se tratam de uma soma de espaços residuais que esperam ser preenchidos por coisas, mas sim espaços que estão a espera de serem preenchidos com significados.”<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> SOARES, J. **Measuring with our memory, thinking with our feet: Patrick Gueddes and Richard Serra, two worldviews with walking in the centre** em *Flaneur New Urban Narratives*. Procurarte. p. 93.

<sup>3</sup> Aqui se faz uma alusão ao pensamento situacionista que colocava que não seria possível propor uma forma de cidade pré-definida pois, segundo suas próprias ideias, esta forma dependia da vontade de cada um e de todos, e esta não poderia ser ditada por um planejador. Qualquer construção dependeria da participação ativa dos cidadãos.

<sup>4</sup> CARERI, F. **Pasear, Detenerse**. Barcelona: GG. 2016., p 23

Assim, tanto no âmbito individual de cada situação, quanto no conjunto do trajeto, o que se propõe não é uma resolução rígida, mas manobras de geração de possibilidades. Não se trata de resolver todos as questões da cidade de uma só vez, mas de entender a possibilidade de resgate da cidade lúdica como um processo em que pequenas atuações possibilitam uma troca entre o profissional e os usuários; em que cabe ao profissional sugerir imagens, e às pessoas, preenchê-las de *significados*:

“A cidade não é tratada como um problema resolvido. Ao contrário, ela tende à noção de ambiente, no qual, como veremos, os próprios edifícios se dissolvem. Assim, ela foge da noção de desenho e, em vez disso, sugere imagens”<sup>5</sup>

Para a intervenção, portanto, foram escolhidas nove situações, ou nove vazios, para serem colocados como exemplos de atuação. Nestas atuações foram tensionadas as barreiras entre público e privado, aonde nos espaços livres e ociosos deu-se prioridade para o uso das pessoas, possibilitando-se assim, ao longo do percurso uma maior facilidade de movimento e fluxo para o pedestre e criando pontos de parada, ou lugares de estar. A ênfase das intervenções está nos lugares de estar, pela sua importância como nódulos, pontos de encontro do caminhar, pontos de troca com o outro e pontos de abrigo;

“Afinal, é do *prazer em estar* que as pessoas falam quando apontam seus espaços fundamentais, quando expressam o modo como se relacionam com eles, bem como nas ocasiões em que apontam o valor claramente simbólico que esses espaços têm em suas vidas cotidianas”<sup>6</sup>

Além disso, é interessante notar que ao criar pontos de estar e possibilitar o uso destes espaços vazios ociosos, muitas vezes privados, pelo âmbito público, percebe-se como, ao se apropriar dos lugares, o limite entre público e privado começa a dissolver, pois não somente o público invade o privado, mas também, as ações normalmente associadas a esfera privada, passam a acontecer

---

<sup>5</sup> BUCCI, A. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: rg, 2005 p.14

<sup>6</sup> LEITÃO, L. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. p. 135

também na esfera pública – e, neste momento, na sobreposição entre espaços interiores e exteriores, que se dá o mote do Coletivo.

Entende-se que a divisão de público e privado como apresentada na cidade atualmente é uma consequência da construção da cidade funcional, e que ao propor uma maneira de fazer cidade, em que se prioriza a valorização do imaginário e da criação do Coletivo no âmbito urbano, a construção destes limites podem ser revistos; o que se propõe é, quando convém, a criação de espaços intermediários, de espaços de *intervalo* entre o interior e o exterior, entre o público e o privado. Como coloca Herman Hertzberger;

“Os conceitos de “público” e “privado” podem ser vistos e compreendidos em termos relativos como uma série de qualidades espaciais que, diferindo gradualmente, referem-se ao acesso, à responsabilidade, à relação entre a propriedade privada e a supervisão de unidades espaciais específicas (...) Tais oposições (entre público e privado) são sintomas da desintegração das relações humanas básicas (...) é sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, é sempre uma questão de coletividade e indivíduo, em face um do outro (...) O conceito de intervalo é a chave para eliminar a divisão rígida entre áreas com diferentes demarcações territoriais. A questão está, portanto, em criar espaços intermediários que, embora do ponto de vista administrativo possam pertencer quer ao domínio público quer ao privado, sejam igualmente acessíveis para ambos os lados, isto é, quando é inteiramente aceitável, para ambos os lados, que o “outro” também possa usá-lo”<sup>7</sup>

Finalmente, estas nove situações foram entendidas como ilustrações de questões típicas, tanto do trajeto, quanto do bairro (e da cidade), e nelas foram trabalhados os tipos de vazios encontrados em relação com as peculiaridades de cada situação. Não se propõe um método de intervenção, mas uma experimentação, em que sugere-se que ao continuar caminhando pelo trajeto e buscando novas situações para intervir contribui-se cada vez mais para a difusão desta narrativa, deste percurso lúdico pela cidade, transformando e costurando a trama urbana através de um olhar peripatético. Acredita-se que através da experiência de análise, tanto na busca e observação de possibilidades, quanto no uso, e na criação do imaginário nestes lugares, se possa entender, processualmente, a melhor maneira para seguir atuando sobre a cidade

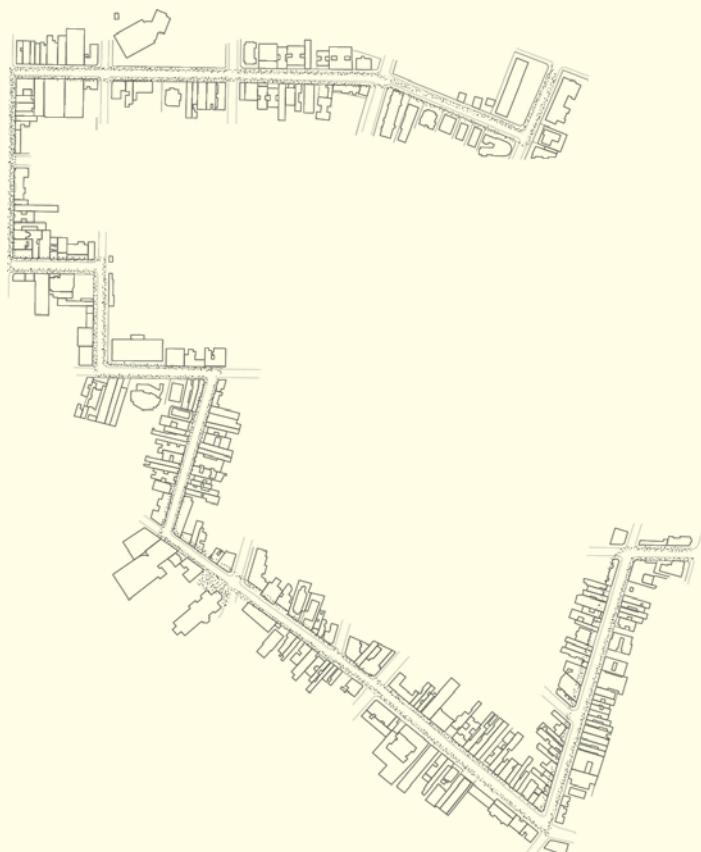
---

7 HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes. 2006. p. 12, 13 e 40

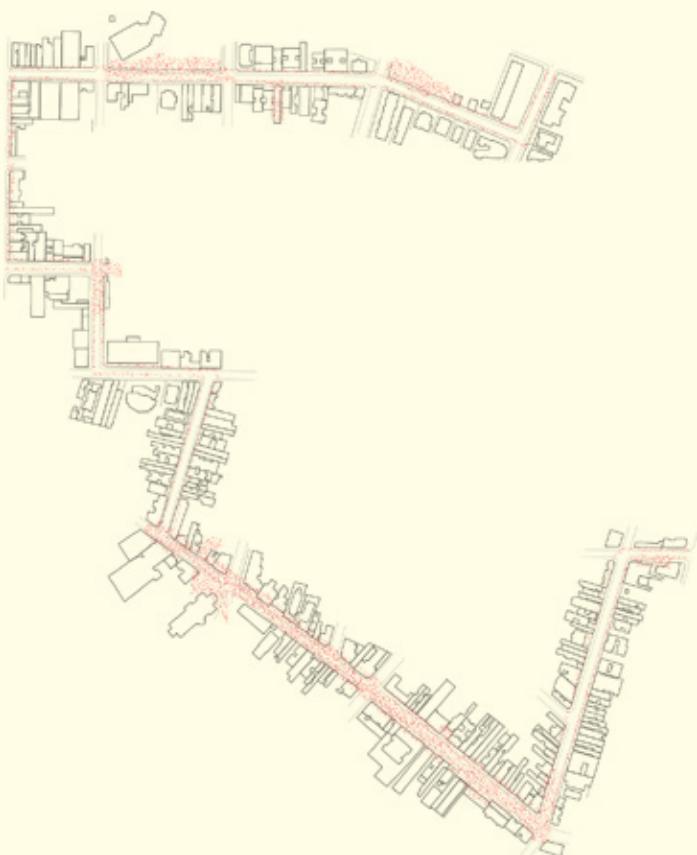
para resgatar as múltiplas formas de nomadismo que as cidades modernas foram restringindo e confinando.

*"a experiência é a base de toda narrativa, e parte do processo de entendimento da realidade"*

- Walter Benjamin

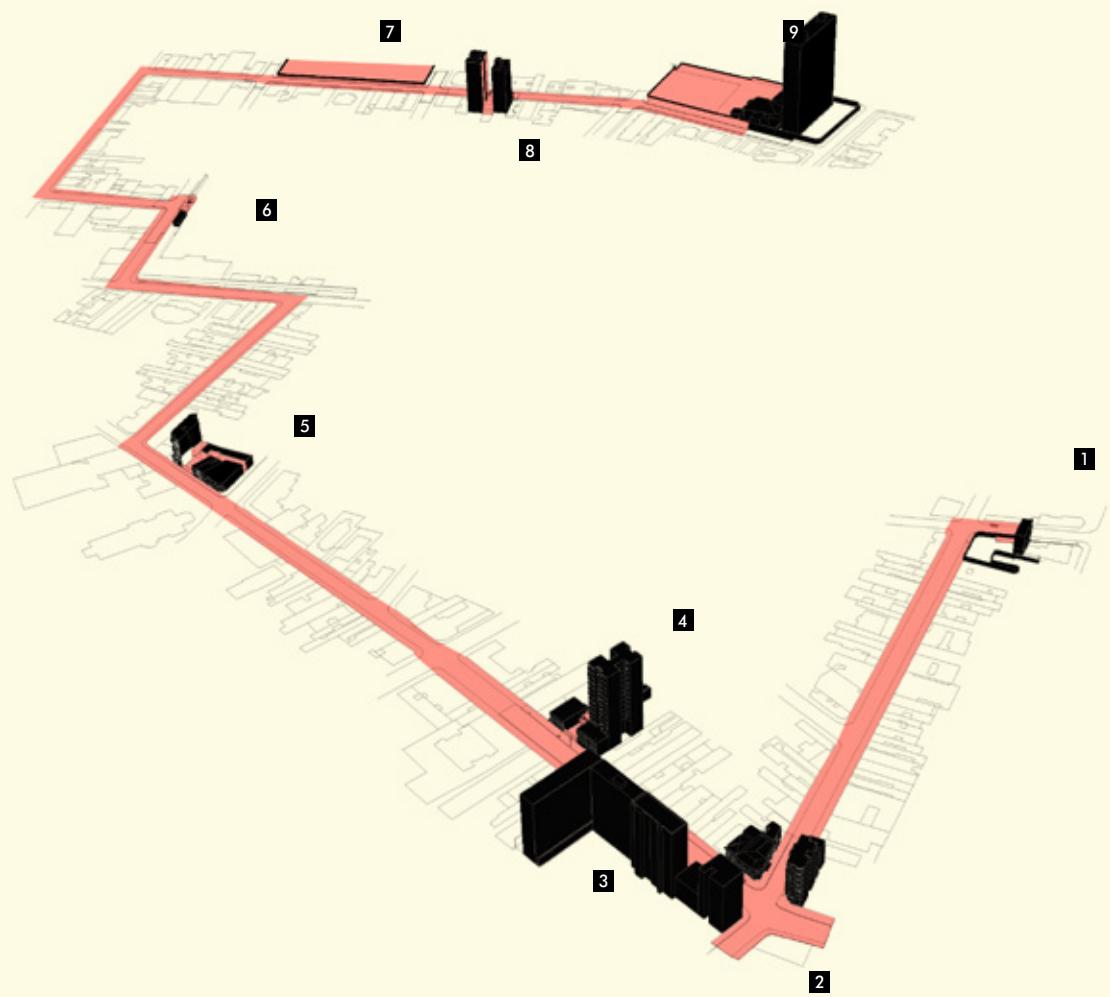


POSSIBILIDADES DE ACESSO AO ESPAÇO PÚBLICO ANTES DA INTERVENÇÃO



POSSIBILIDADES DE ACESSO AO ESPAÇO PÚBLICO DEPOIS DA INTERVENÇÃO

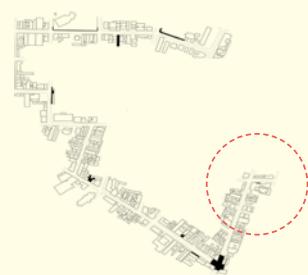
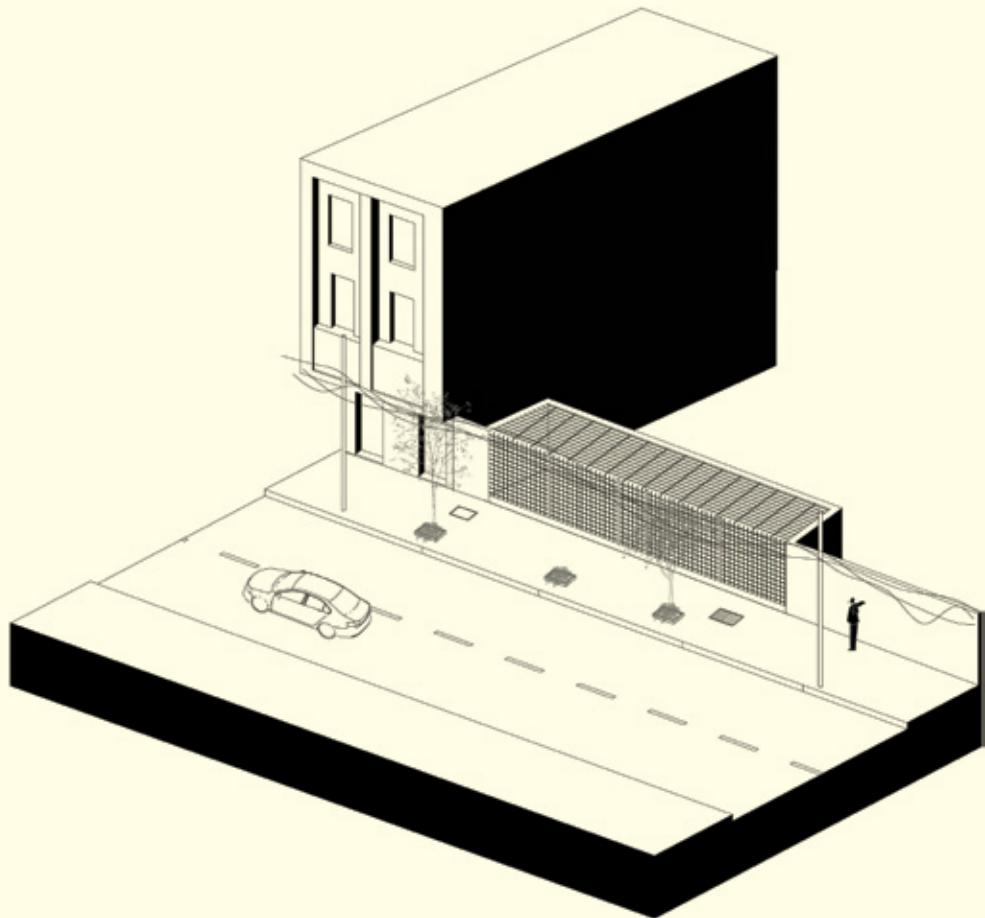
**NOVE LUGARES**

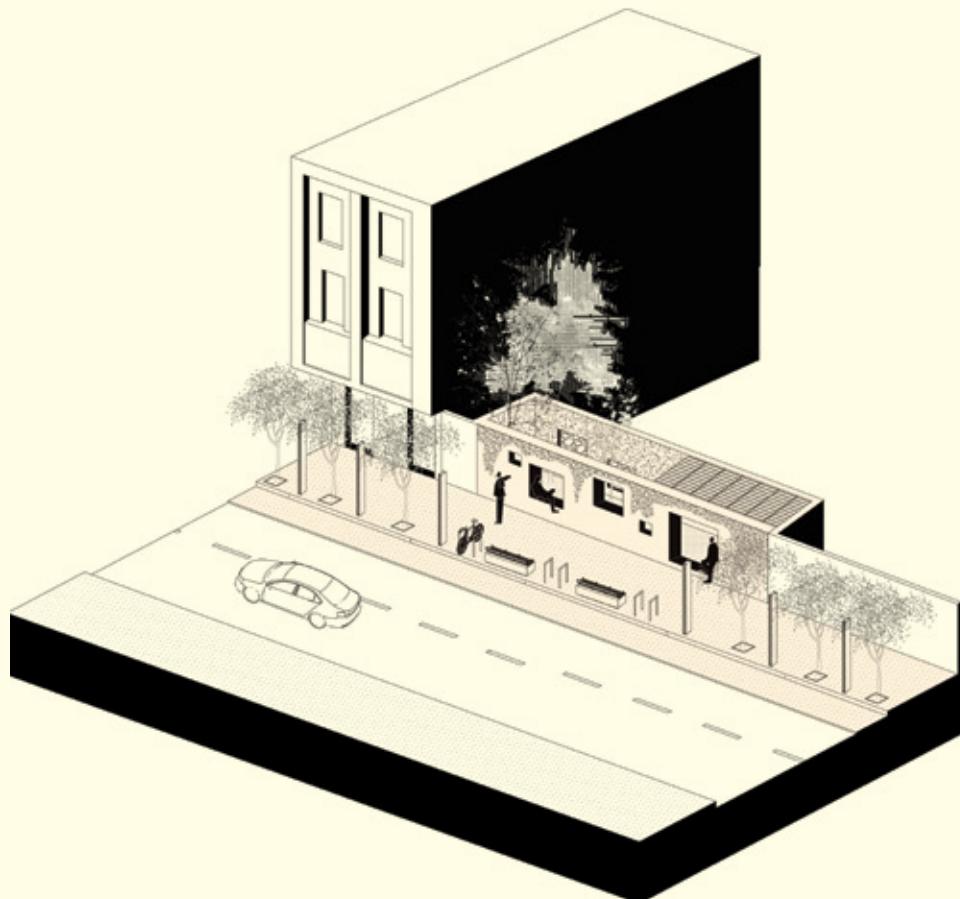




1 | VARANDA







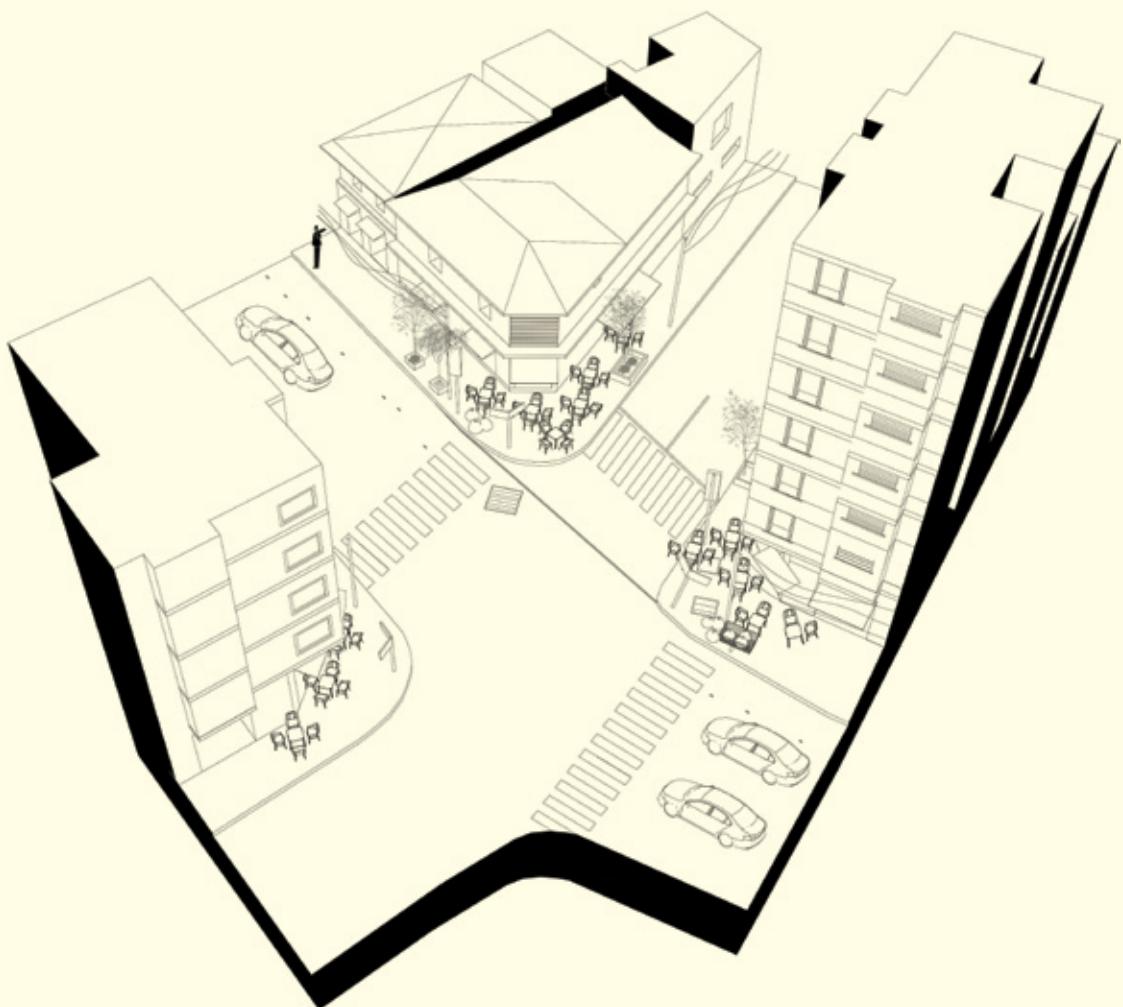
**1** EXISTENTE: Vazio, paralelepípedo, entranhado em um muro, gradeado, escondido e inacessível.

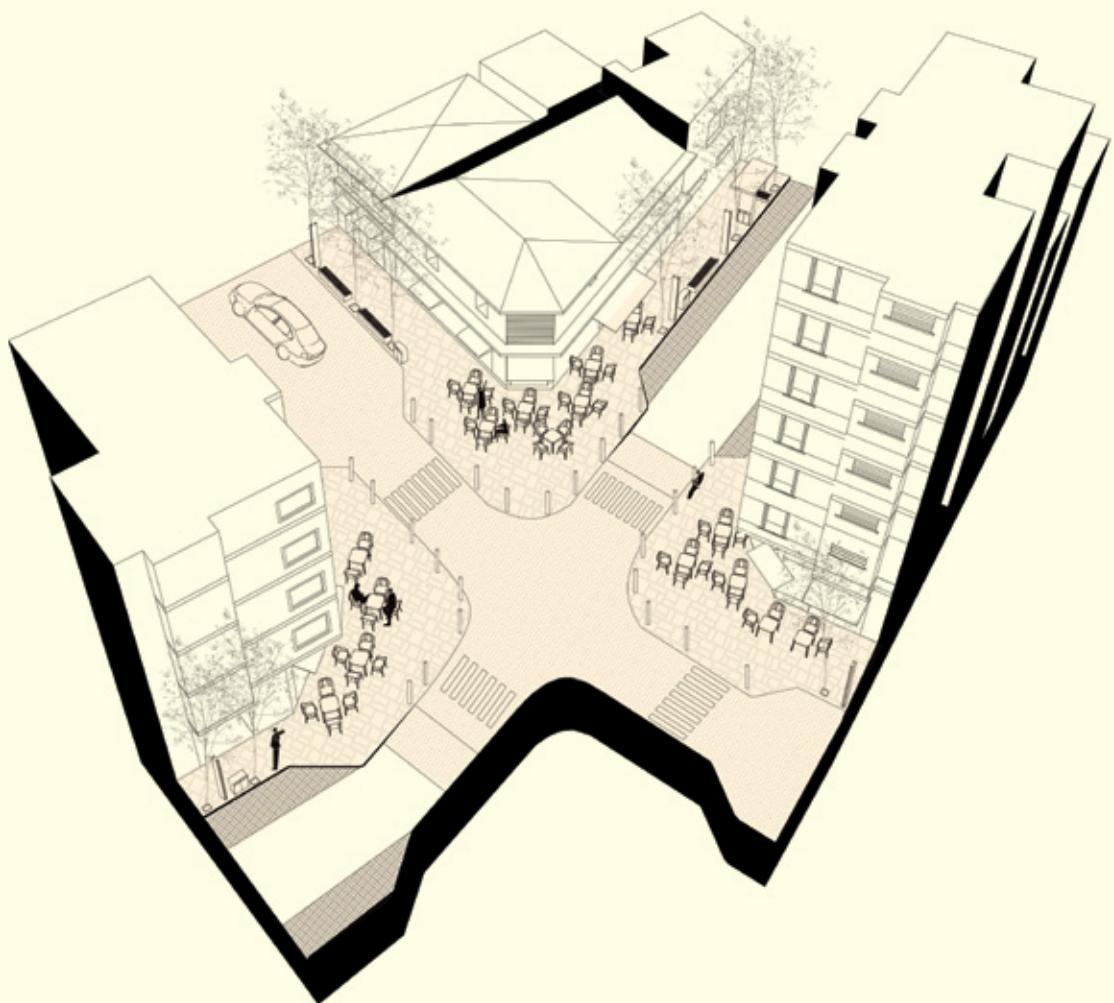
AÇÃO: Manter o volume costurando a fachada, criar um refúgio, um ponto de silêncio da cidade. Deste refúgio a cidade é paisagem; da cidade o refúgio desperta curiosidade e o muro, no meio, permite uma pausa entre os dois espaços.



2 ESQUINA







- 2** EXISTENTE: Esquina, vontade de uso do espaço da calçada pelos estabelecimentos, confinamento das pessoas em espaço público apertado.  
AÇÃO: Enfatizar e revelar esta esquina como ponto de encontro, ampliar o espaço disponível para as pessoas.

**ALAMEDA**

**RESTAURANTE & PIZZARIA**

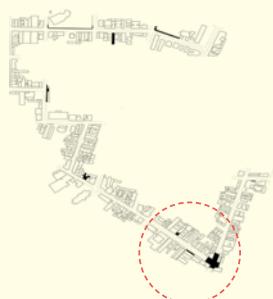
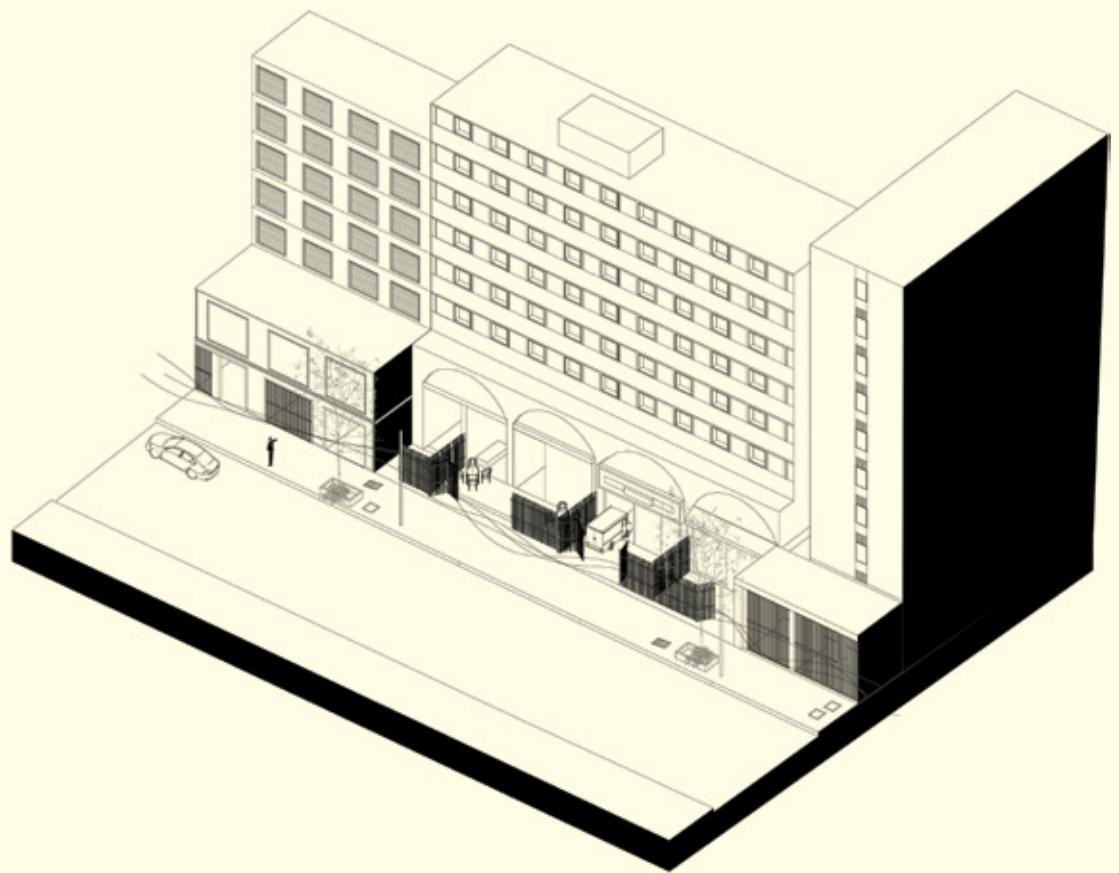
**LAVAN**

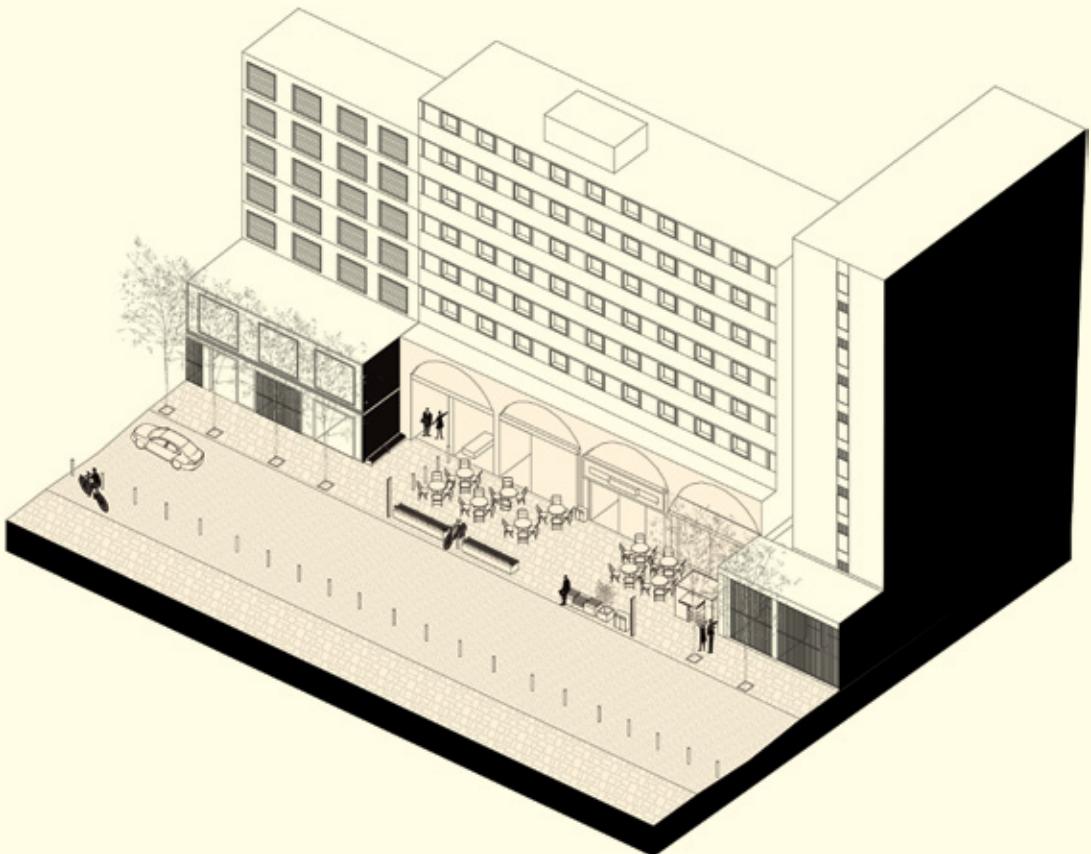
3826-

LAV FAST • SUA LAVANDERIA

BCV 4325







**3** EXISTENTE: rua muito movimentada e ativa, pouco espaço de calçada, sensação desagradável ao caminhar.

AÇÃO: Redistribuir os espaços da rua, priorizar o pedestre, aproveitar vazios, resquícios de frente de lotes comerciais como nichos de estar aonde a calçada se alarga. Transformar esta rua tão disputada em um espaço compartilhado com prioridade para os pedestres.

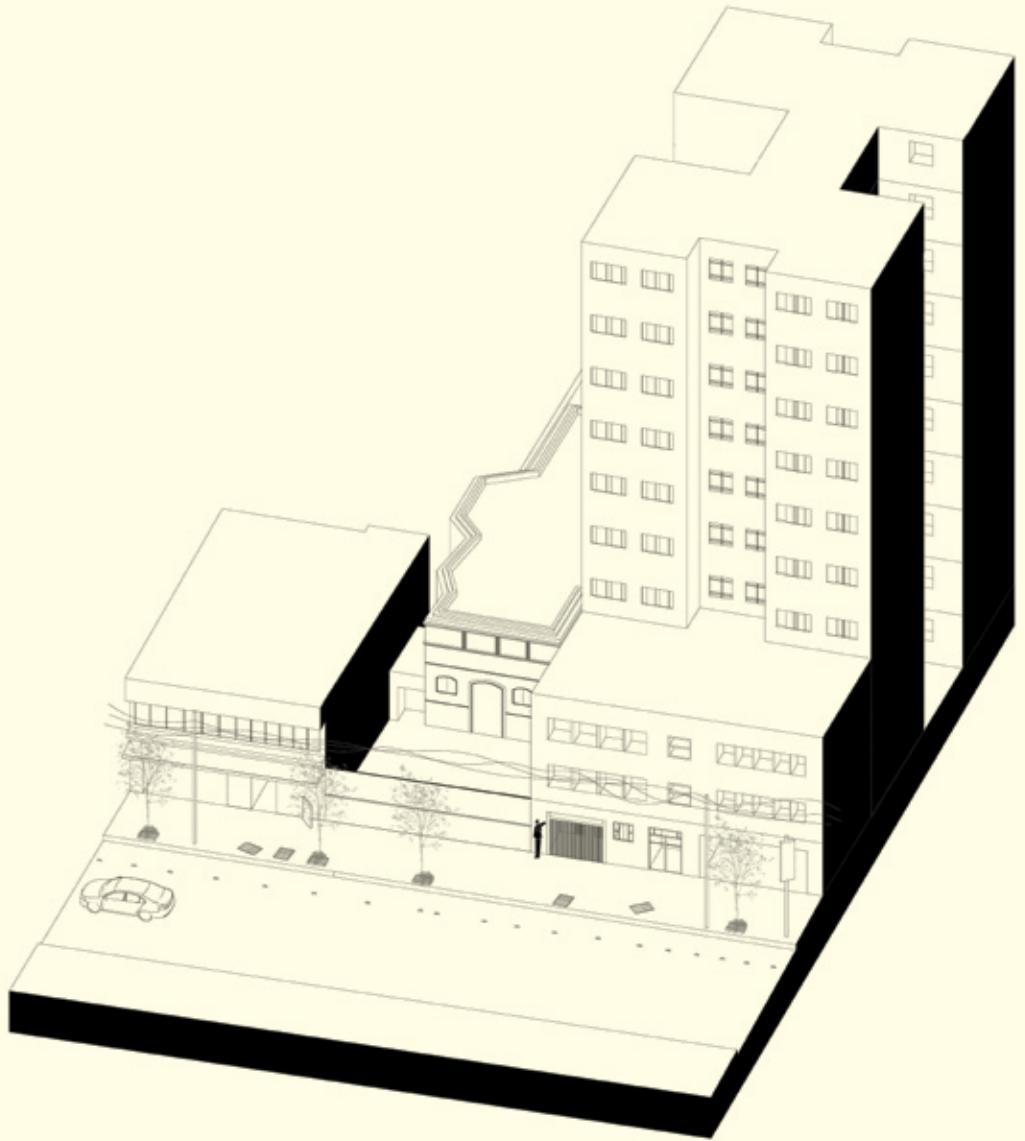


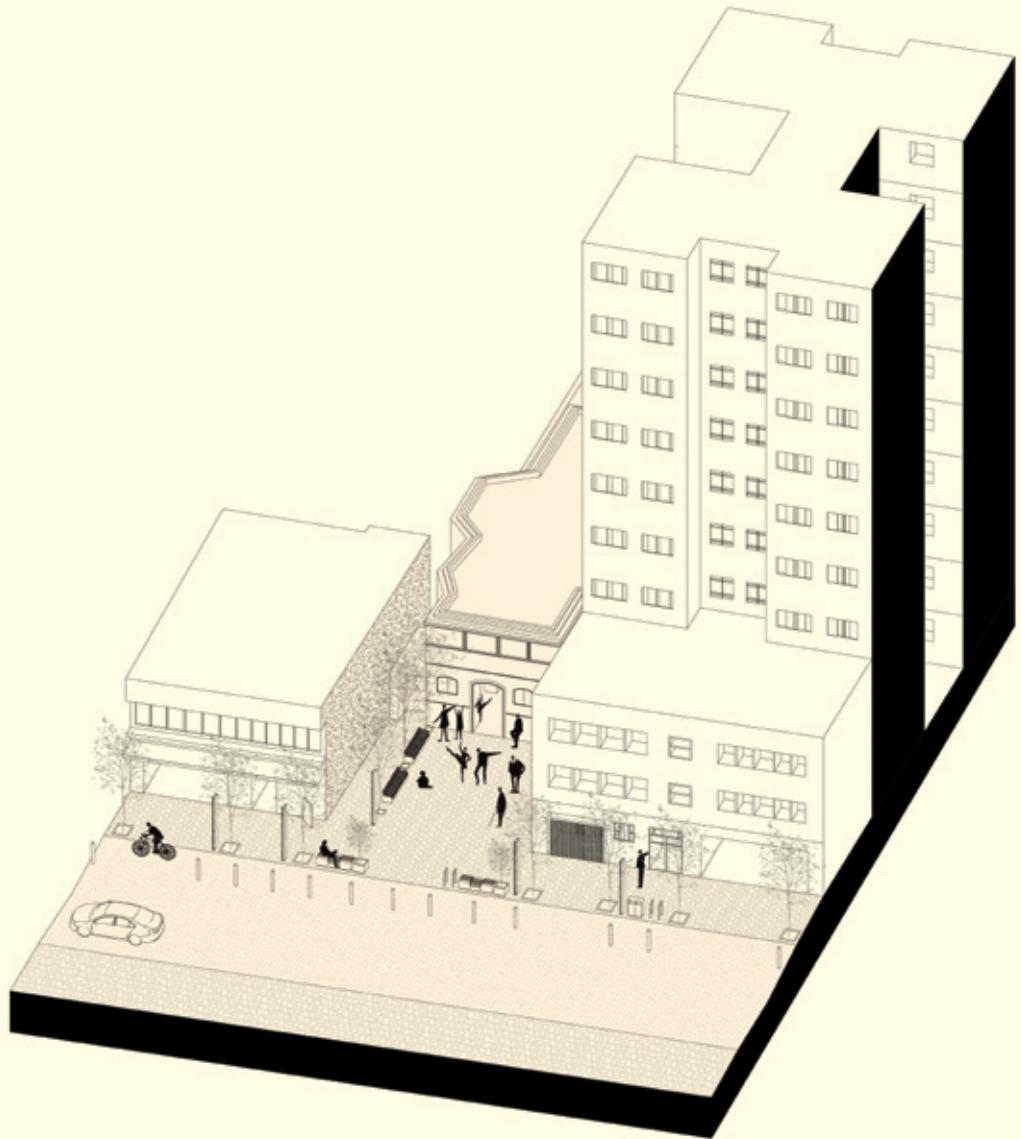
95



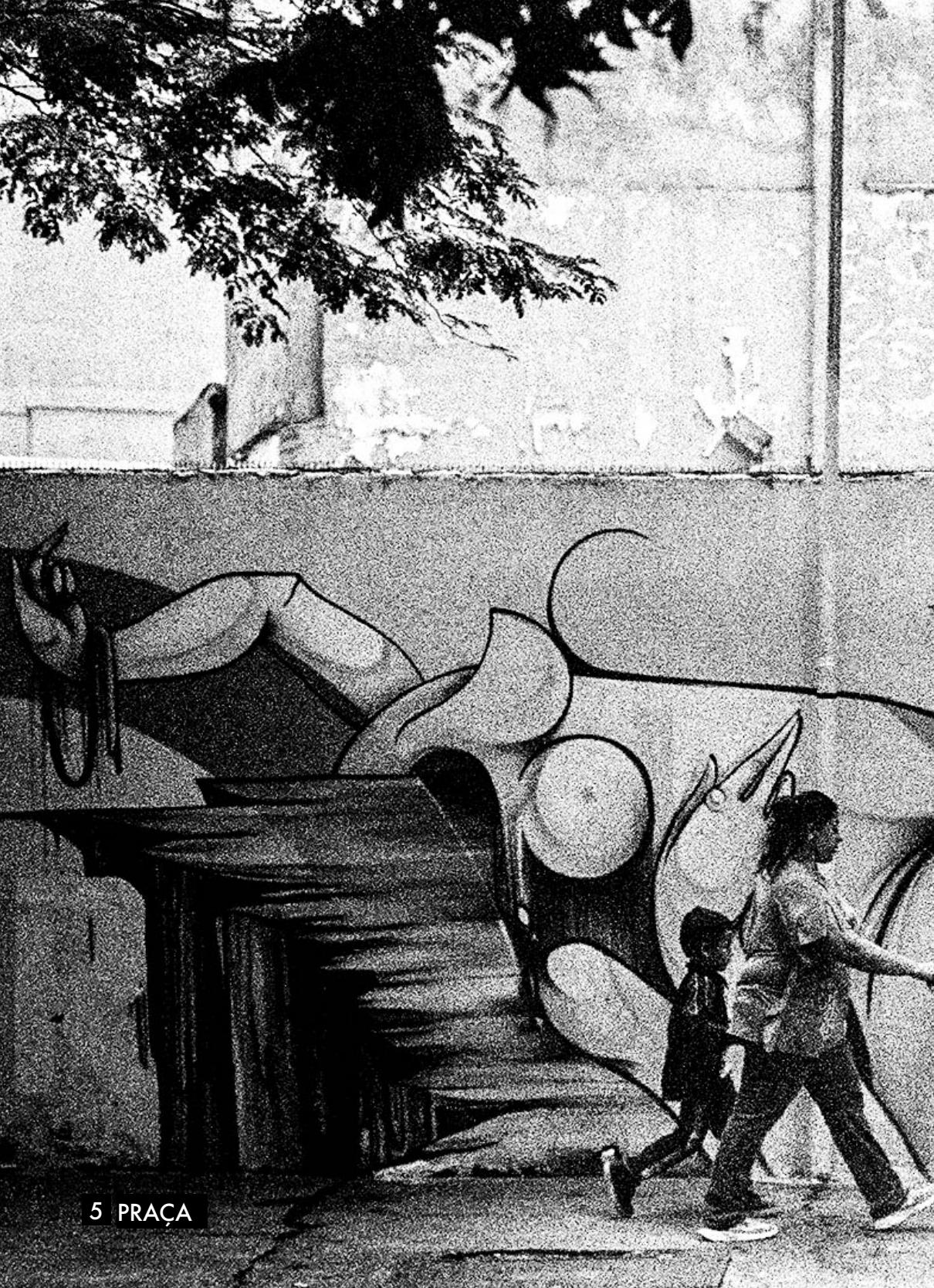
4 CASA



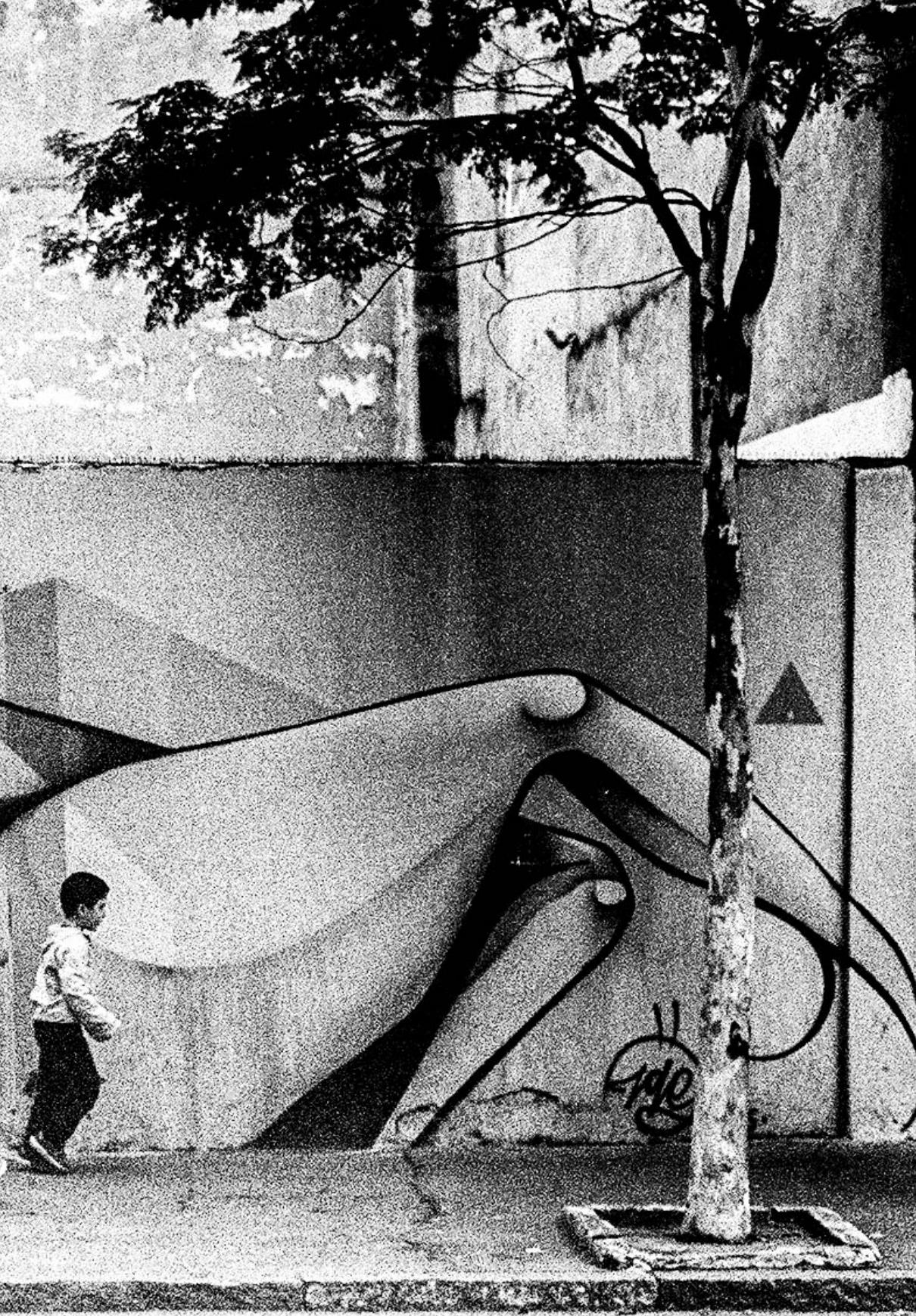


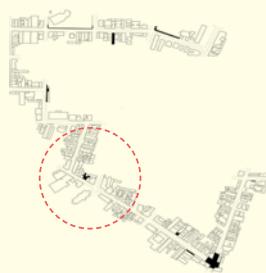
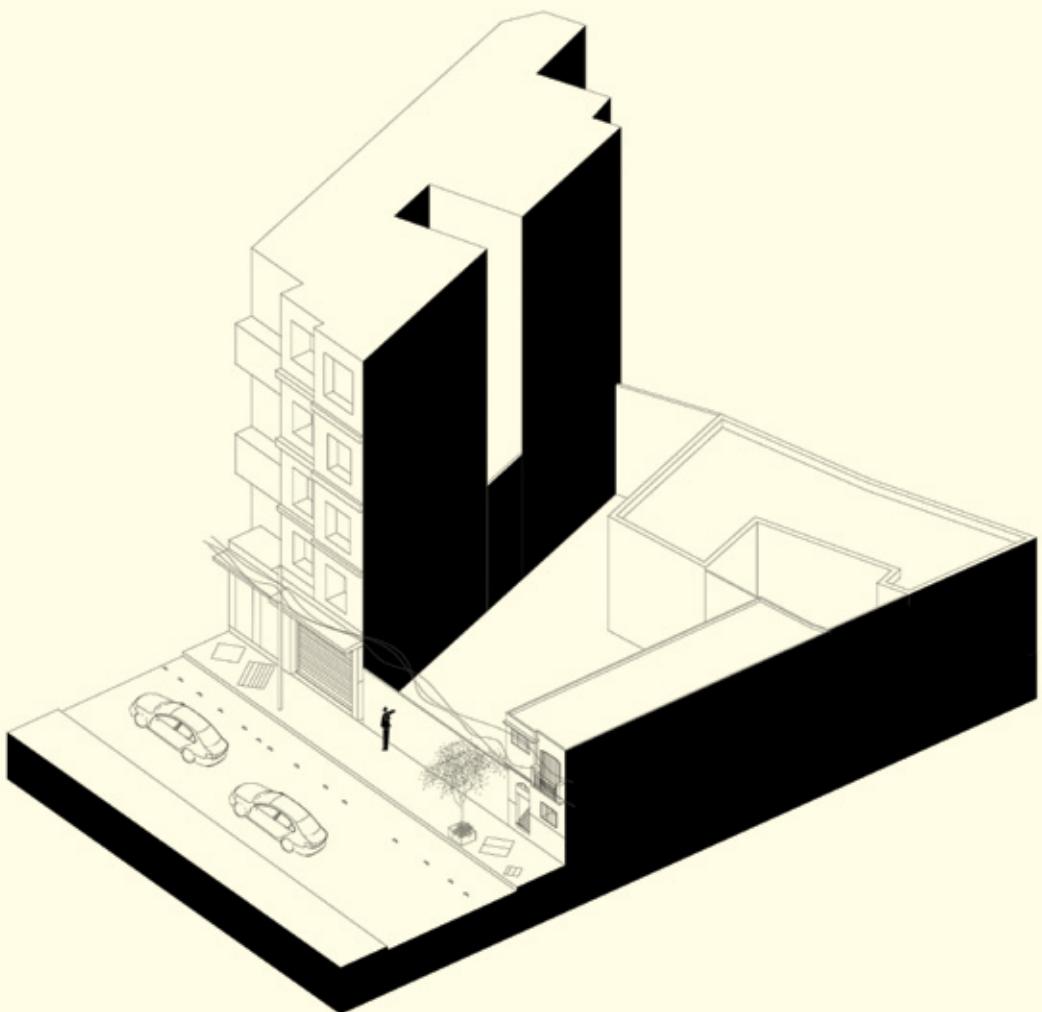


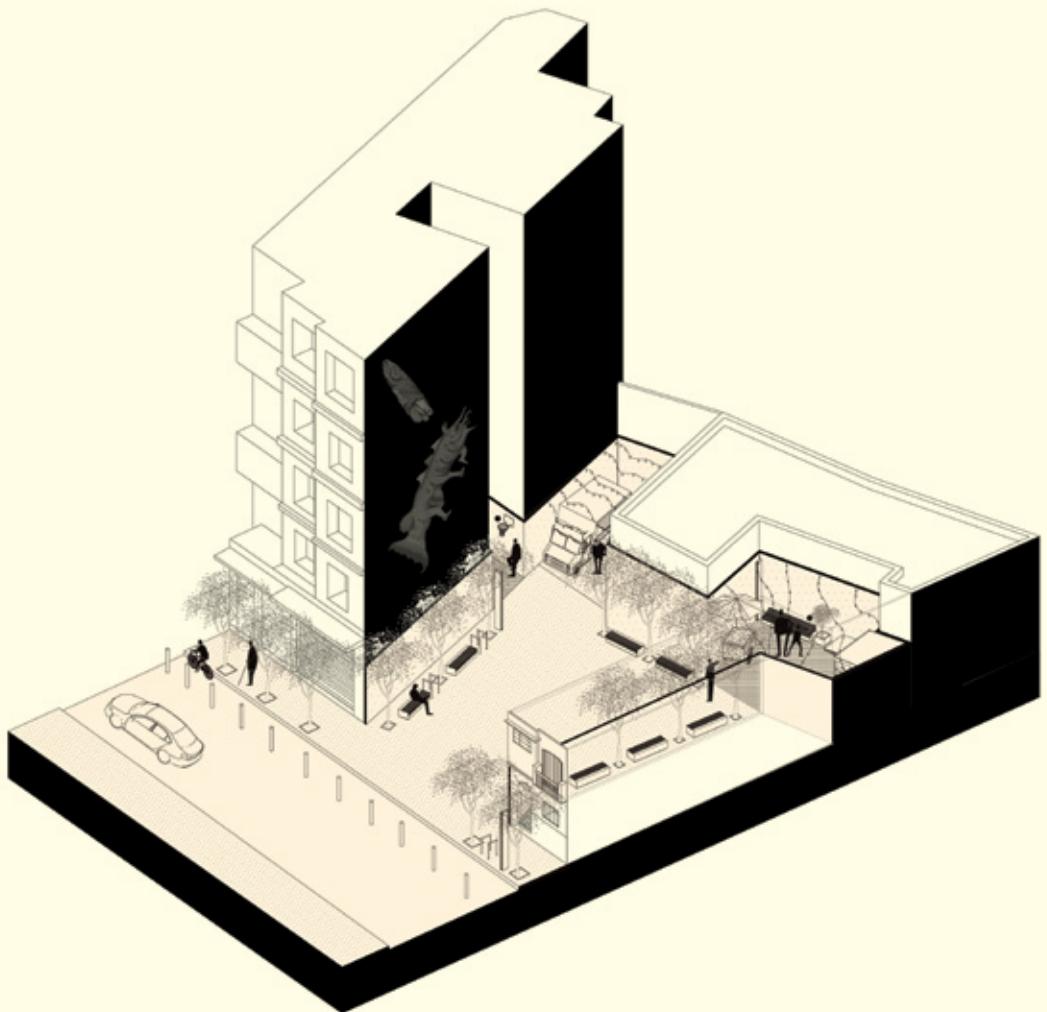
- 4** EXISTENTE: Imóvel antigo em más condições e abandonado, desvalorização da história do bairro e da cidade.  
AÇÃO: Valorização de imóveis históricos e arquitetonicamente relevantes, transformação destes imóveis em centros culturais e pontos de referência ao longo do percurso e do bairro.



5 PRAÇA





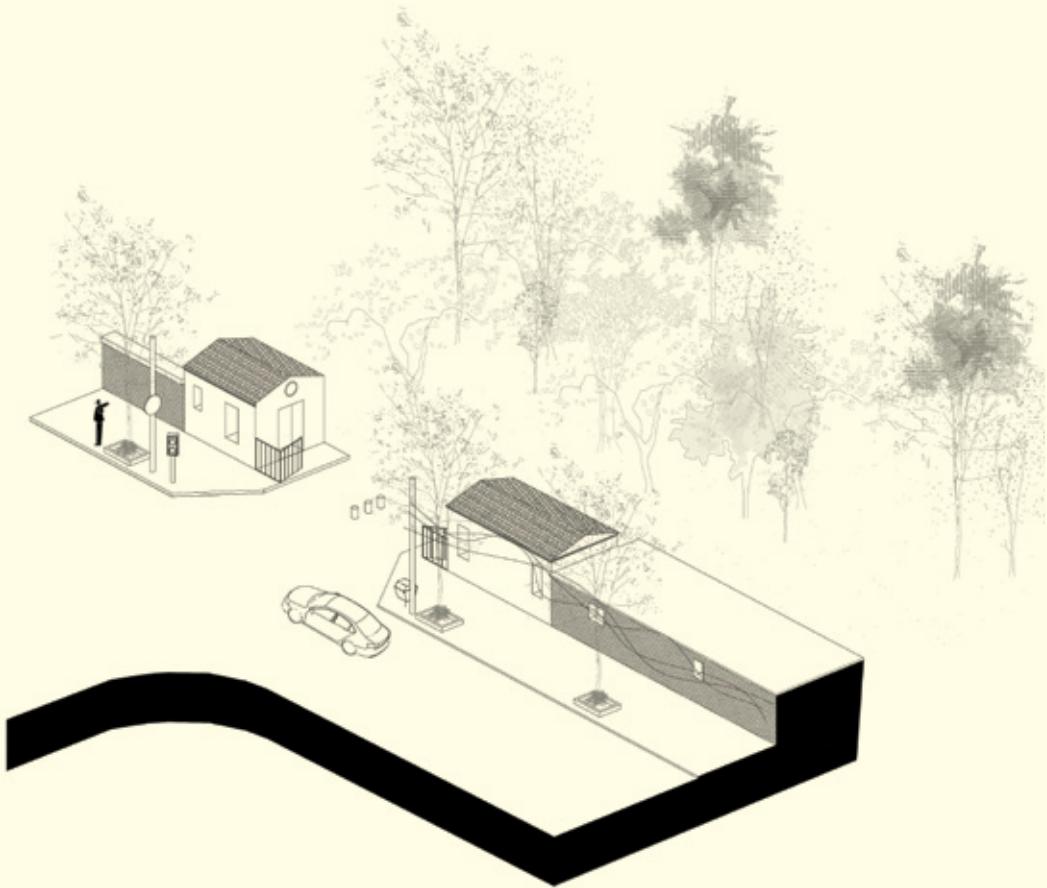


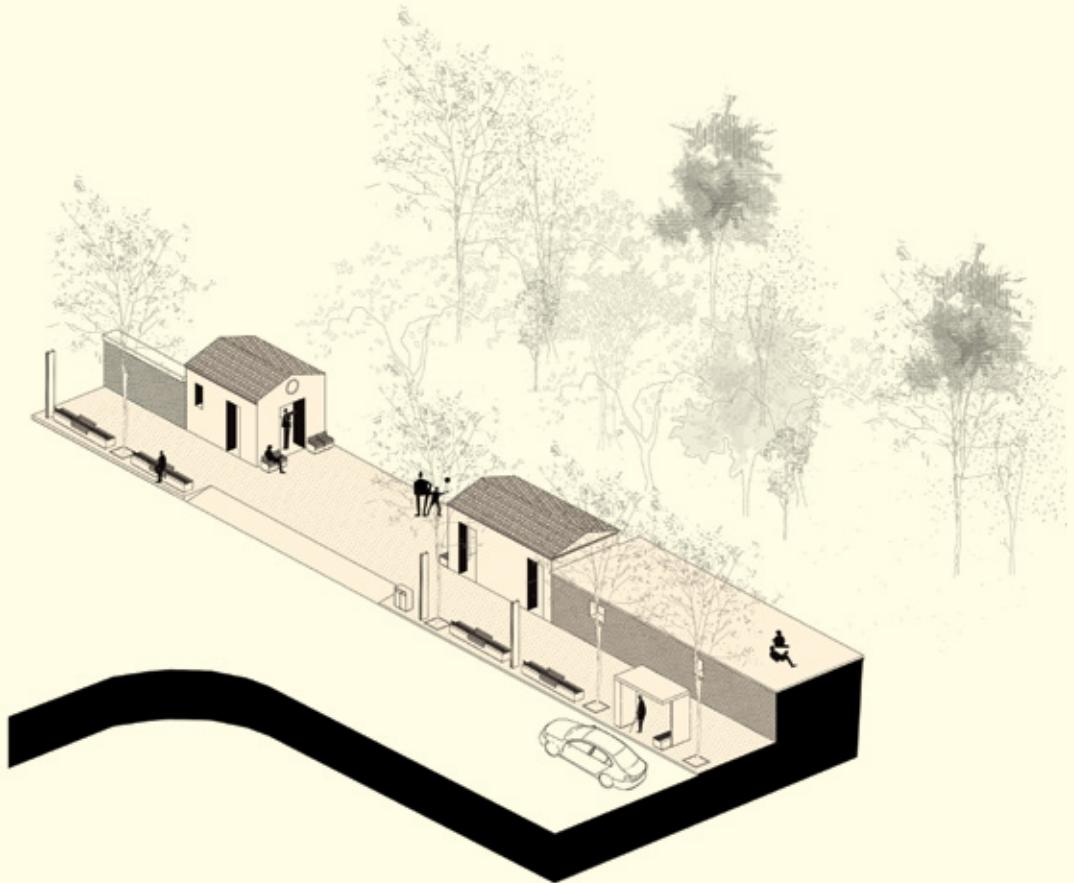
- 5** EXISTENTE: Lote vazio abandonado, muro para a rua, procura por espaços de repouso neste ponto do trajeto.  
AÇÃO: Abertura do vazio para a cidade, requalificação do espaço, intervenção com o intuito de criar um recinto.



6 ALPENDRE







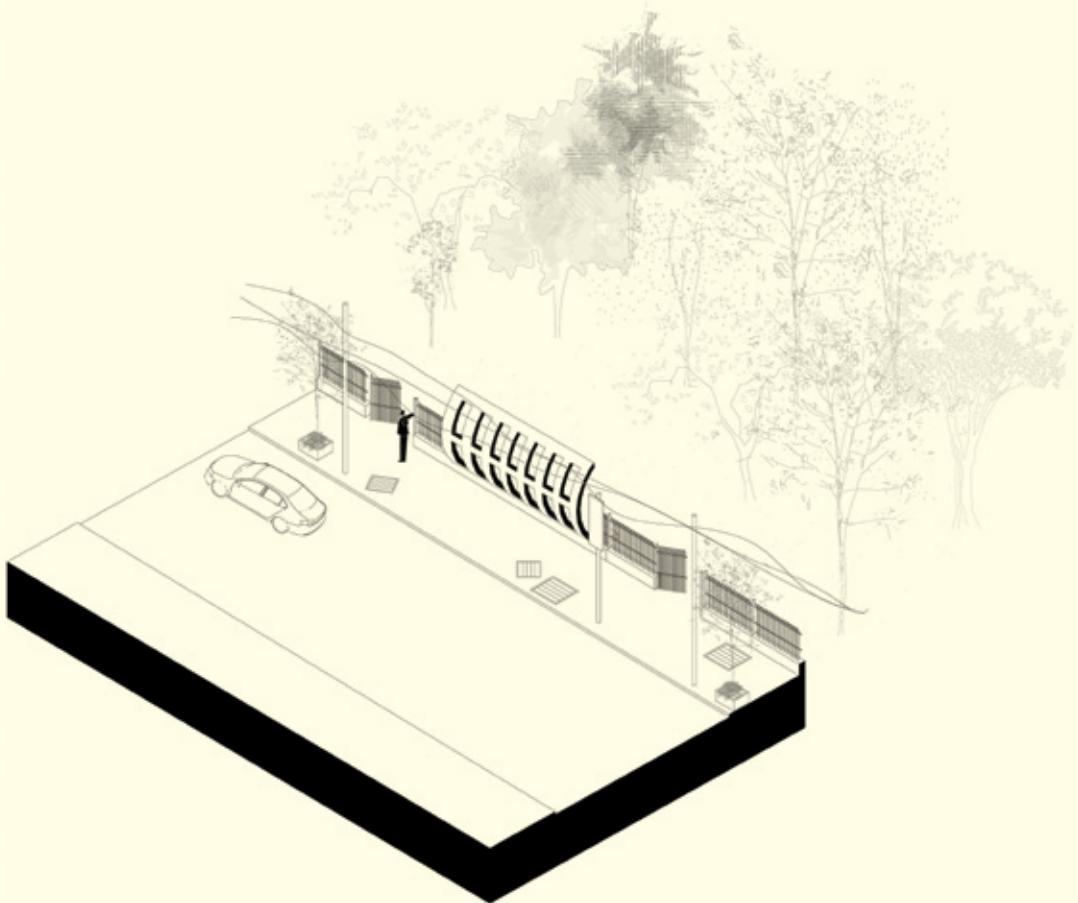
**6** EXISTENTE: entrada da Santa Casa prioriza veículos, muro e portarias com valor histórico, carência de espaços de repouso justo na frente da entrada, parque escondido.

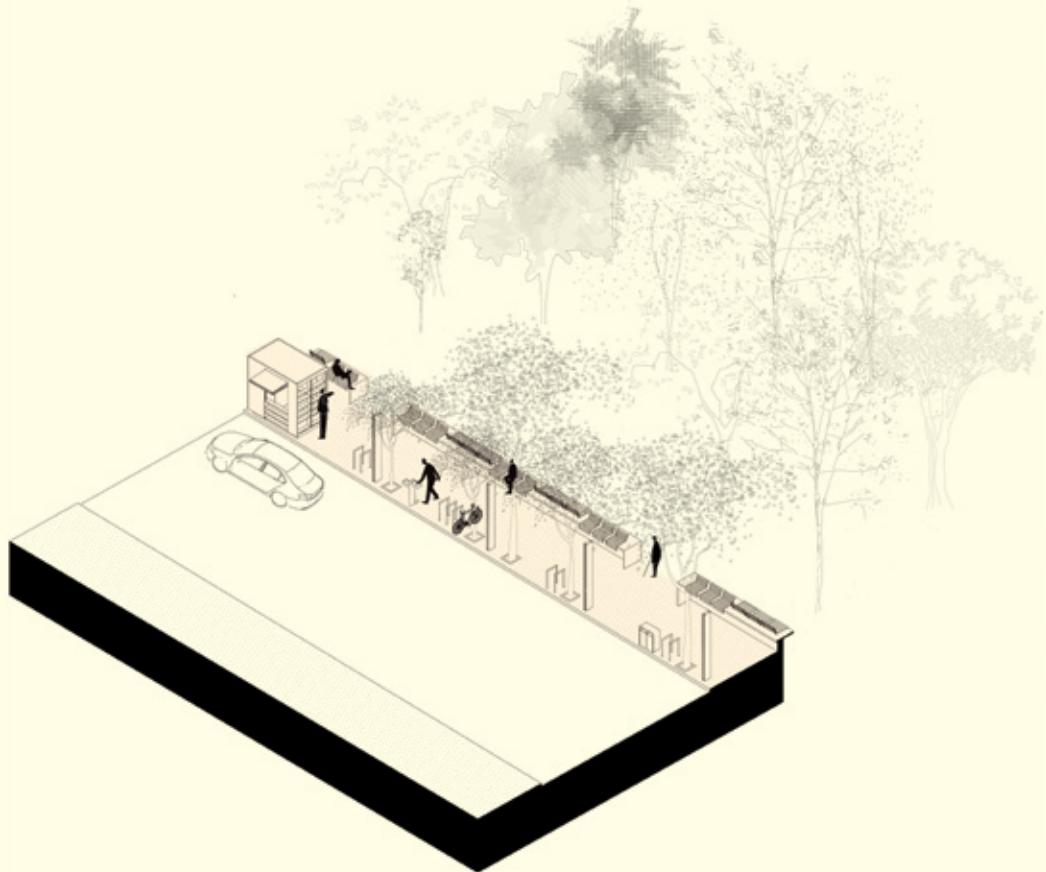
AÇÃO: Entendimento da frente da Santa Casa como um parque, grande espaço verde, abertura e sugestão deste espaço para uso público através da priorização do pedestre na entrada, transformação das portarias em quiosques, abrigos.



7 | SOLEIRA







**7** EXISTENTE: grade que separa fisicamente e visualmente um grande espaço verde público da rua; divisão, limites.

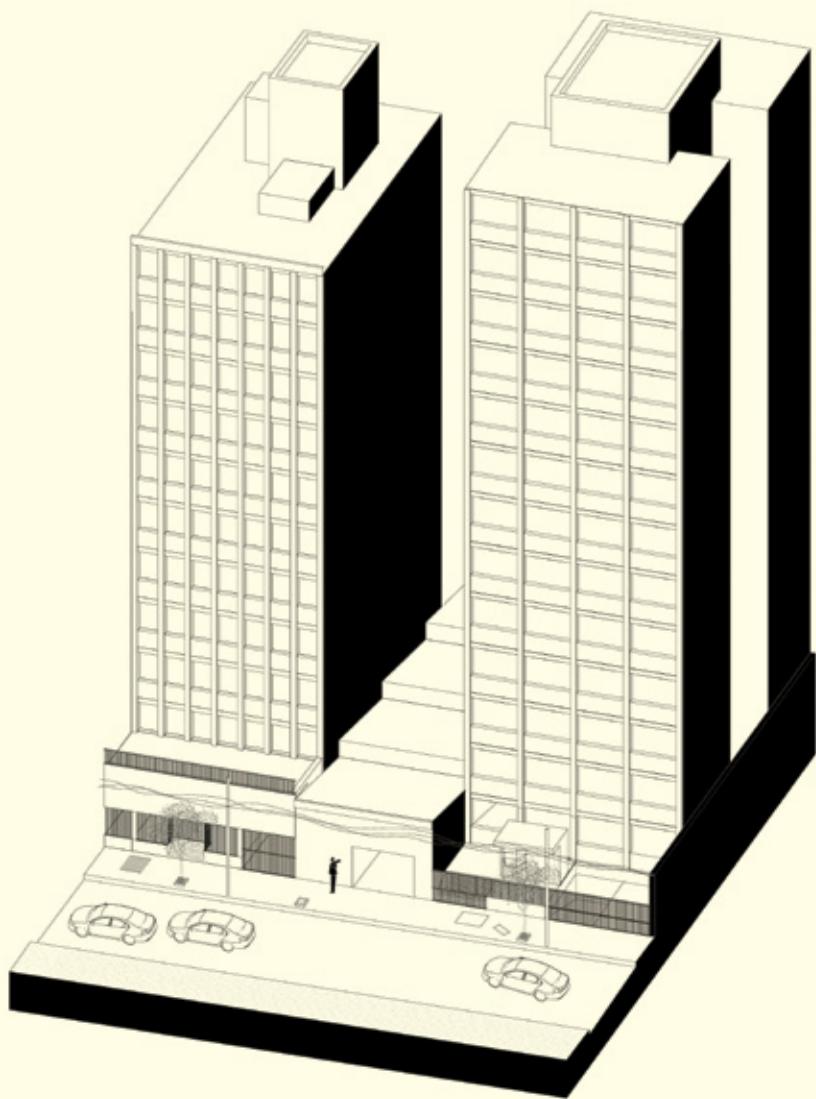
AÇÃO: Transformar as grades que afastam em equipamentos que convidam. Integrar os espaços verdes à rua melhorando as condições do caminhar.

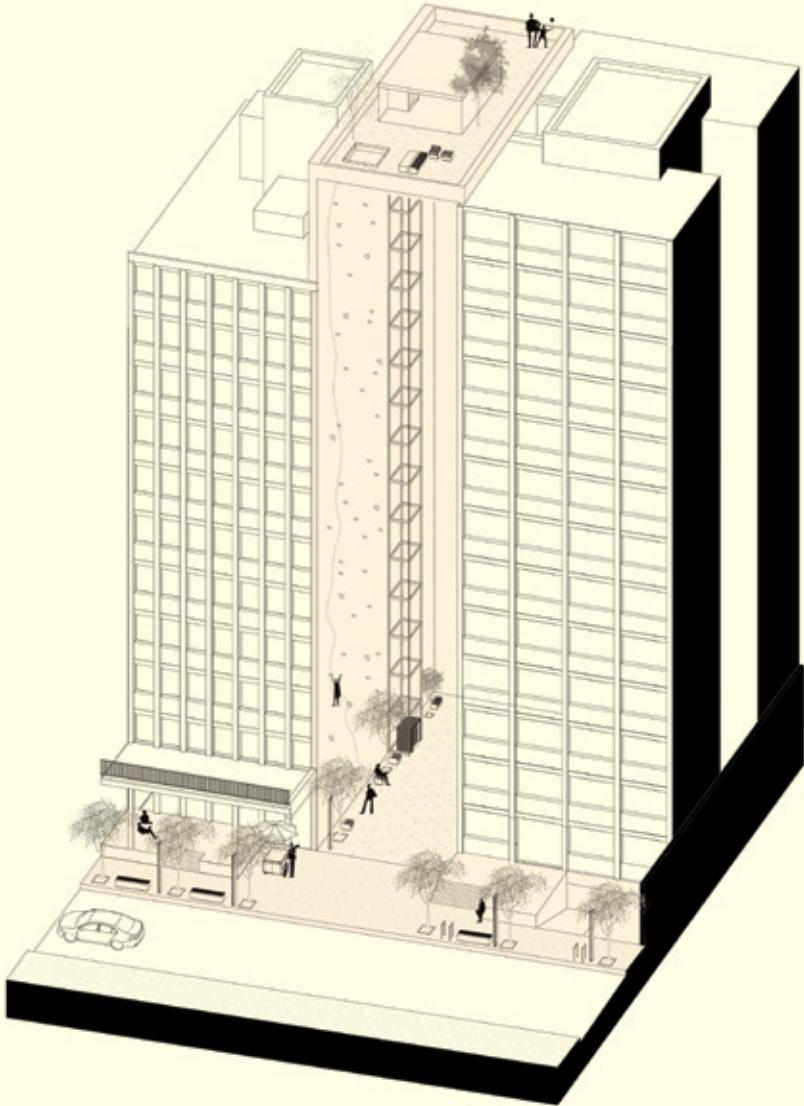




ESTACION  
ON PEGUIN  
TAMOS CANTO  
E. 2000  
ICO UNICO  
**0.00**  
DIAZ PEGUIN  
TAMOS MOTO

E

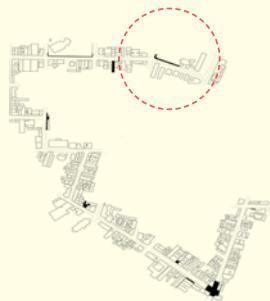
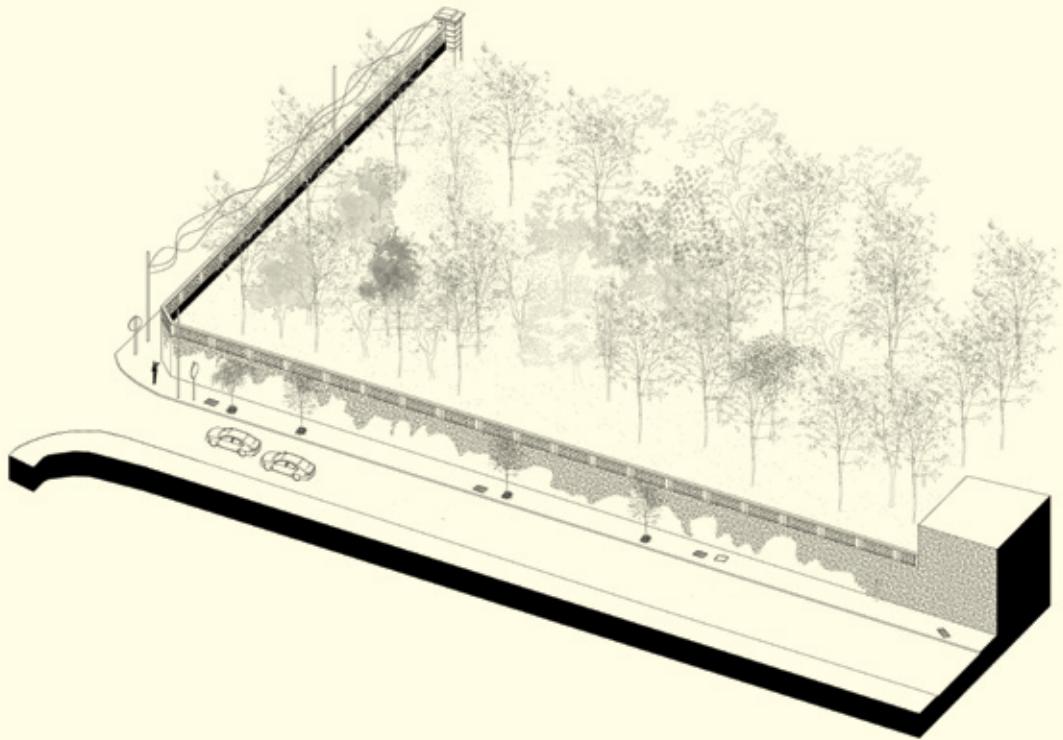


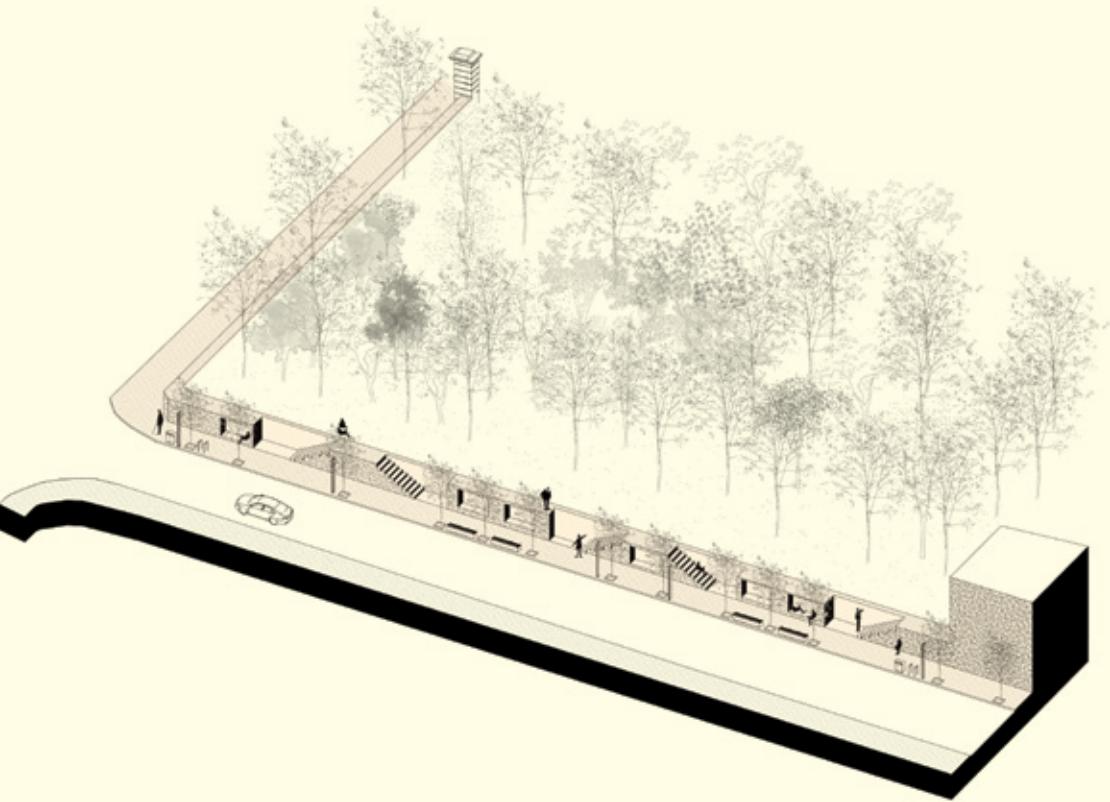


- 8 EXISTENTE:** Edifícios com espaços vazios na frente do lote gradeados, fechados e subutilizados. Rua cheia de grades. Duas empenas cegas que miram um vazio resquício de recuos laterais. Vistas interessantes desta cota para pontos mais baixos da cidade.
- AÇÃO:** Abertura dos vazios subutilizados de frente dos lotes, dissolver barreiras entre público e privado. Subir, mirar a cidade. Entender os vazios como volumes de ar. Aproveitar os diferentes níveis da cidade. Costurar a malha urbana.









- 9 EXISTENTE: Muro alto que esconde e guarda um grande parque subutilizado. Caminhar com mensagens de proibido, afastamento, não pertencimento. Sensação de solidão.  
AÇÃO: Diminuir o muro até cota limite do desnível entre o terreno e a calçada. Abrir o campo visual do pedestre. Trazer o verde para a rua. Permitir o acesso aos espaços livres. Compartilhar.

## **Considerações finais**

"A cidade contém todos os "elementos" que se mobilizam na elaboração dos projetos de arquitetura. A cidade informa, ao seu modo, a atividade do arquiteto. [...] Enfim, a vivência da cidade participa no processo de imaginação do espaço arquitetônico. O problema é que tais "elementos" se mostram

à percepção do arquiteto em estado prático, ou seja, eles comparecem concretamente no ambiente urbano. Nesse estado, eles estão condensados na sobreposição de fatos que compõe o ambiente. Por isso, as abordagens aqui propostas se alteram para lançar luz sobre distintos aspectos de uma mesma realidade. Um mesmo mundo visível, que toca a percepção do arquiteto em campos diferentes."<sup>1</sup>

- Ângelo Bucci

---

<sup>1</sup> BUCCI, Angelo. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: rg, 2005 p. 13

Entende-se então como é possível, assim como os primeiros homens errantes do paleolítico apropriar-se do território através do caminhar. Mas, dessa vez, o território não era um terreno vasto rodeado de uma paisagem natural, e sim um território antrópico. Este caminhar, portanto não se tratou de marcar e mapear uma paisagem desconhecida, mas de buscar, em um território familiar e construído, esta essência *humana*, que foi desaparecendo ao longo dos tempos, em meio a tantas transformações voltadas para fazer das cidades uma *máquina de morar*.

Ao se perceber a cidade como o local de encontro por excelência direcionou-se esta busca; ela se voltou para encontrar na cidade utilitarista os resquícios da *cidade lúdica*, e isso só foi possível através da experiência presencial, pois o que se investigava pedia a atenção de todos os sentidos. Se tratou de entender a cidade como produto humano e, portanto buscar, como um corpo que caminha, na própria cidade, os elementos que a caracterizam como tal – devolver a cidade feita *pelas* pessoas *para* as pessoas, através da arquitetura. Defende-se a “importância do humano na arquitetura. Dessa feita, não como mero usuário do espaço, mas sim, como elemento determinante e constituinte do próprio espaço.”<sup>1</sup>

O que se propôs foi estudar a cidade através do caminhar, e assim entender como se configura determinado espaço, quais suas particularidades, para poder, portanto, encontrar nos seus interstícios, as possibilidades de transformação. São Paulo, e mais especificamente Santa Cecília, como estudo de caso, se mostraram pertinentes para este experimento, pois existe hoje em dia uma vontade das próprias pessoas em retomar o espaço público e recolocar a vivência do Coletivo como questão primordial de uso destes espaços. Assim, a

---

<sup>1</sup> LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014. P 34

análise voltou-se para o entendimento deste fenômeno no trajeto em questão: compreender quais os impedimentos para a melhoria do espaço público e aonde estavam os possíveis pontos de mudança.

As situações encontradas, e as ações propostas, portanto se deram neste sentido; apontar as questões problemáticas de impedimento de usufruto do espaço público ao longo do trajeto em situações concretas, e propor manobras de abertura como possibilidades de ação. O objetivo não foi de preencher estes espaços com novas construções, mas de ressignificar os vazios, transformá-los em *lugares* e abrí-los para o uso das pessoas; desviando o conflito que se dá na cidade contemporânea entre as pessoas e o espaço construído para um conflito entre as próprias pessoas, em forma de encontro, de vivência com o Outro, de uso da cidade. Assim, de forma processual, percebe-se como é possível transformar os espaços da cidade em lugares de percurso e de construção de narrativas.

"caminhar é um caminho para esse encontro, quase sempre dissensual e conflituoso. Mas, como sabemos, os dissensos e conflitos urbanos não só são legítimos e necessários para a constituição da esfera pública e também dos espaços públicos, mas seria exatamente da permanência dessa tensão entre as diferenças não idealizadas nem pacificadas que dependeria a construção de uma cidade menos espetacular e mais lúdica e experimental."<sup>2</sup>

Paola Jacques

---

<sup>2</sup> JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva:** Escritos situacionistas sobre a cidade. 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 14

*"a existência é espacial assim como o espaço é existencial"*

- Michel de Certeau

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro em JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: Ecritos situacionistas sobre a cidade.** 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BRITTO, Fabiana e Jacques, Paola. **Corpocidade debates em estética urbana.** Salvador: EDUFBA, 2010.
- BUCCI, Angelo. **São Paulo, razões de arquitetura:** da dissolução de edifícios e de como atravessar paredes. São Paulo: rg, 2005
- CALVINO, Ítalo. **Cidades Invisíveis.** São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CARERI, Francesco. **Pasear, Detenerse.** Barcelona: GG, 2016.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes:** o caminhar como prática estética. 2 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano.** São Paulo: VOZES, 2000.
- DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- CULLEN, G. **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70, 2015.
- FOUCAULT, M. **O Corpo Utópico, as Heteotopias.** São Paulo: n-1, 2015.
- GEHL, J. **Cities for People.** Londres: Island Press, 2010.
- HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- JACOBS, J. **The death and Life of Great American Cities.** Nova Iorque: Vintage Books, 2010
- JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva: Ecritos situacionistas sobre a cidade.** 1 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias urbanas.** Vitruvius, [S.L], fev. 2008. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/08.093/165>>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes, breve histórico das errâncias urbanas.** Vitruvius, [S.L], out. 2004. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/05.053/536>>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos Errantes.** 1 ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- JORGE, C. **Série História dos Bairros de São Paulo: Santa Cecilia.** Vol 30. São Paulo: DPH Procurarte
- JURGENS, S. **Deviation and Drift: Critical, Artistic and Curatorial Practices in Urban Contexts em Flaneur New Urban Narratives.** Procurarte
- KOOLHAAS, Rem. **Junkspace.** Londres: Notting Hill Editions, 2013
- LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram: cidade arquitetura e subjetividade.** São Paulo: Annablume, 2014.

- LIMA, Cláudia. **When the masses enter history. Photographical wanderings within the urban web of Salvador, Bahia** em Flaneur New Urban Narratives. Procurarte.
- LYNCH, K. **The Image of the City**. Massachusetts: MIT Press, 1990.
- MARTÍ, S. **Baladas de SP Tomam viadutos e praças e ocupações urbanistas festejam** <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1551151-baladas-de-sp-tomam-viadutos-pracas-e-ocupacoes-urbanistas-festejam.shtml> Último acesso em 23 maio 2016
- MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno: Arquitetura da segunda metade do século XX**. Barcelona, Espanha: GG, 2001
- QUINTELA, I. **Guia Para la Navegación Urbana**. Mexico DF: UI, 2010.
- ROCHA, Bruno Massara. Movimento International Situacionista. **Territórios da Histoória**, [S.L], fev. 2009. Disponível em: <[http://www.territorios.org/theoria/H\\_C\\_situacionista.html](http://www.territorios.org/theoria/H_C_situacionista.html)>. Acesso em: 05 jul. 2016.
- ROLNIK, R. **Blog da Raquel**. <http://raquelrolnik.wordpress.com/2012/10/25/de-dentro-pra-fora-se-ra-que-sao-paulo-esta-valorizando-mais-seus-espacos-publicos/> Último acesso em 23 maio 2016
- ROWE, C. KOETHER, F. **Collage City**. Massachusetts: MIT Press. 1984
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SLIWINSKA, Basia. **The Aesthetics of pedestrianism and the politics of belonging in contemporary women's art** em Flaneur New Urban Narratives.
- SOARES, João. **Measuring with our memory, thinking with our feet: Patrick Gueddes and Richard Serra, two worldviews with walking in the centre** em Flaneur New Urban Narratives. Procurarte.
- TAVARES, Miriam e SOARES, Ana. **City, photography and cinema: the representation of the flâneur in audiovisual** em Flaneur New Urban Narratives. Procurarte.
- VENTURI, R.; BROWN, D.; IZENOUR, S. **Learning from Las Vegas**. Massachusetts: MIT Press. 1977.
- VISCONTI, Jacopo Crivelli. **Novas Derivas**. 1 ed. São paulo: WMF, 2014.
- WISNIK, Guilherme. **Disciplina AUH 353-Arte e Arquitetura Contemporânea: fronteiras e dinâmicas de colaboração**. FAU USP: 2017.

---